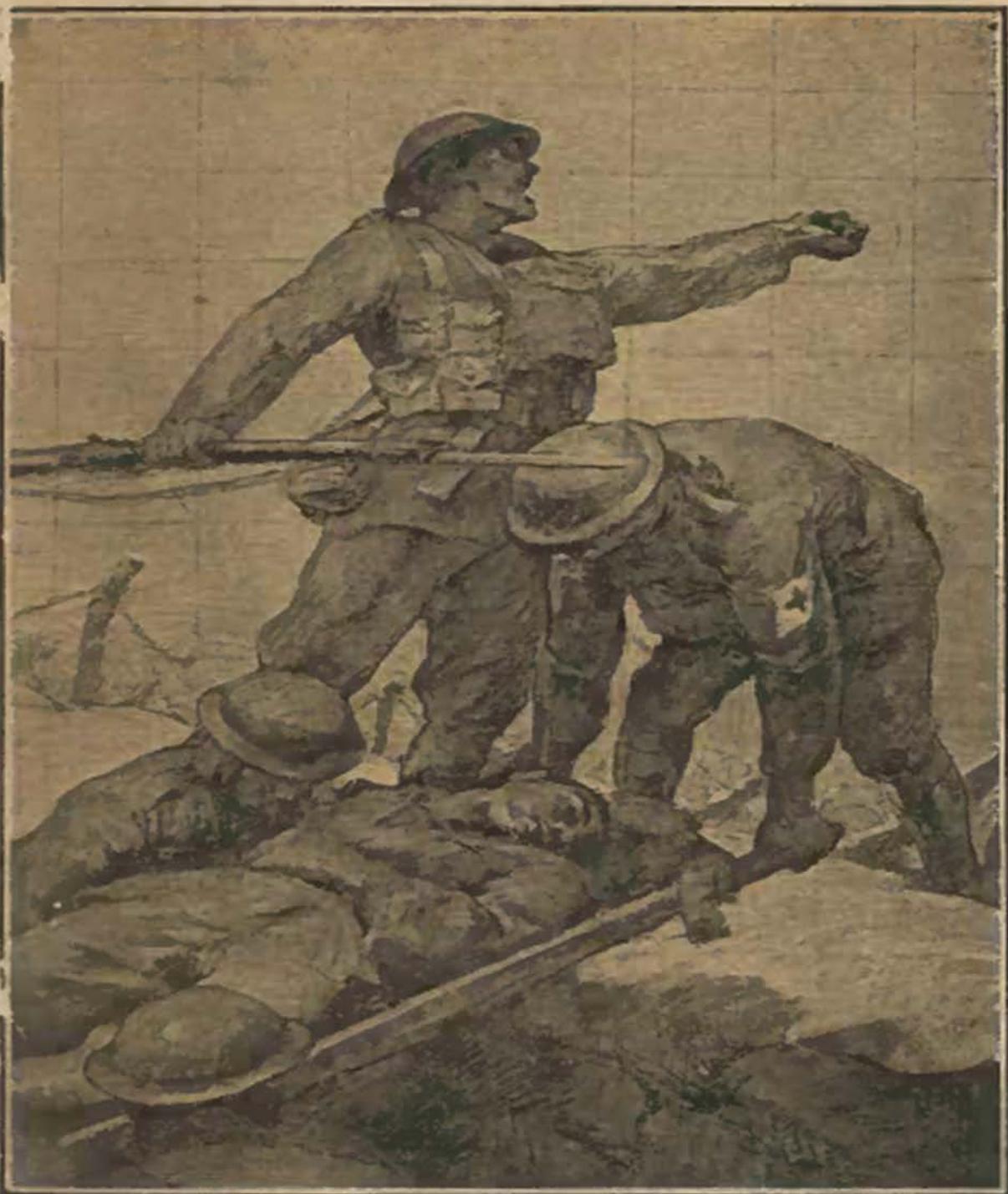


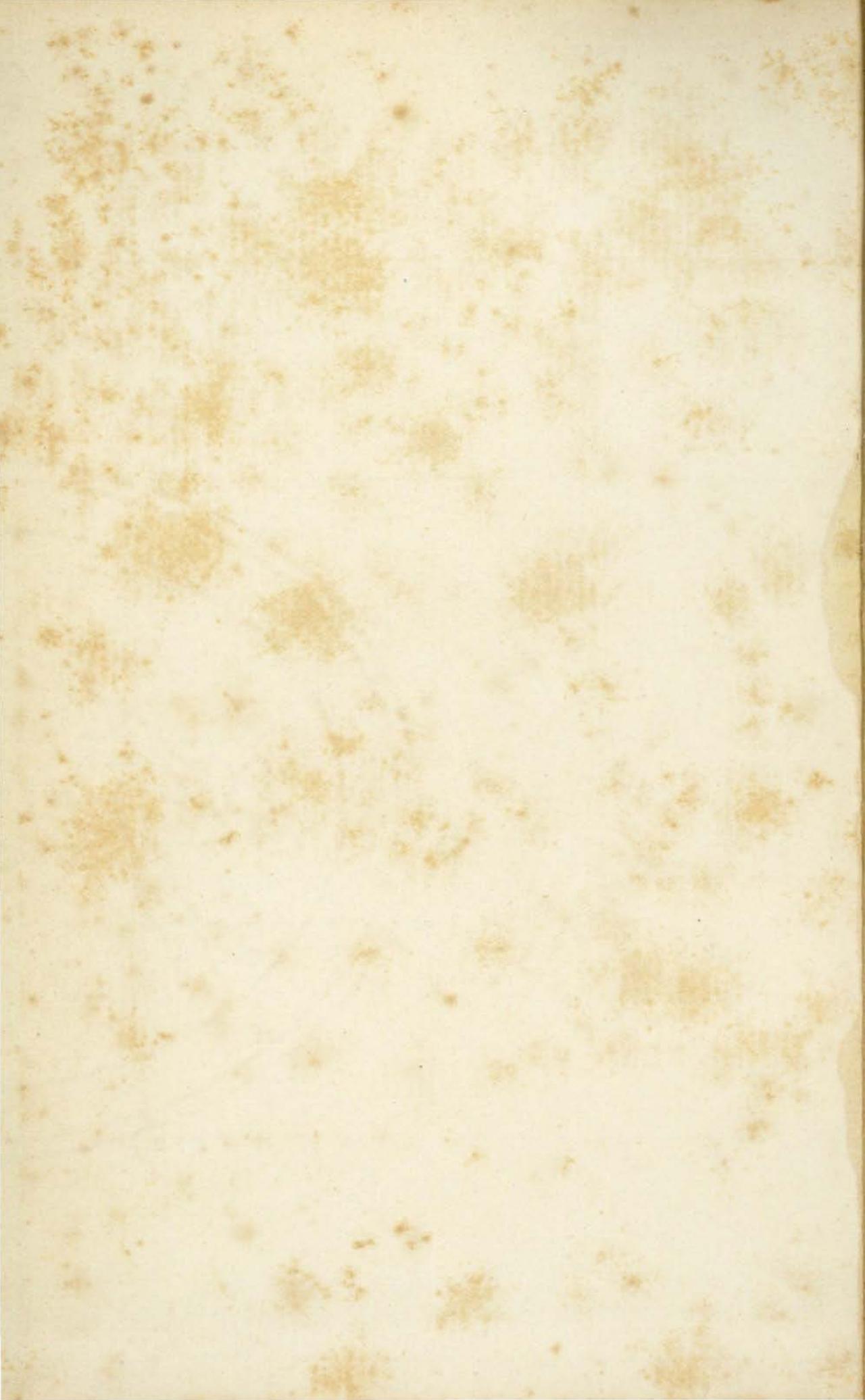
CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO

# CALVÁRIOS DA FLANDRES

(CAPA DE SOUSA LOPES)



RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO  
LUSO BRASILIANA — RIO DE JANEIRO





*U. de la Cruz*

Direitos reservados

CALVÁRIOS DA FLANDRES

DO AUTOR:

- Para a Vida, 1906.  
A Vitória do Homem, 1910.  
A Tentação do Mar, 1911.  
O Elogio da Primavera (fóra do mercado).  
A Evocação da Vida, 1912.  
A Primeira Nau, 1912.  
Á Catalunha, 1914.  
Primavera de Deus, 1915.  
A Hora de Nunálvares, 1917.  
Nas Trincheiras da Flandres, 1919 (4 edições).  
Calvários da Flandres, 1920.

54(100)"1914/18"

CAS

4

# CALVÁRIOS DA FLANDRES

(1918)

TERCEIRO MILHAR

*Augusto Casimiro*



16591/

137170

EDITORES

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

LUSO-BRASILIANA — RIO DE JANEIRO

94(100)“(1914)18”

827.134.3-94

1828

*U. A. de Castro*

## PORTUGAL E FLANDRES

Ao Capitão Costa Dias.

A REGIÃO ocupada pelas tropas portuguezas, de Laventie a Locon, de Merville a Calonne, é uma grande planície arborisada cortada de canais e valas, com pequenas povoações e *fermes* isoladas ao sabor das fartas campinas de sementeira, e húmida e alagadiça, aberta de comunicações, velada de arvoredos bastos na quadra estival e de névoas no inverno.

As longas teorias de arvoredos, orlando os canais e as estradas, dão-se verde assembleia em alguns bosques de copada e espessa verdura. Ao longo dos campos os pomares poisam, na primavera, o colorido vivo das florescências e, no outono, a doirada fartura dos frutos.

Com o desfazer das névoas e das neves, ao florir dos pomares, cobrem-se os campos vastos de esmeralda... Começam a acordar as sementes, os trigos levantam os pequeninos caules, as plan-

tações de beterraba tapetam de verde o chão. Nas sebes espessas, ao longo das estradas, ao redor das *fermes*, através dos campos, abrem as flores silvestres. Nas pastagens alagadas ainda, a herba cresce com exuberância.

E os trigos sobem, desenrola-se o grande tapete d'oiro. Nas águas furiosas dos canais, imóveis quando as eclusas as levantam, dormem os grandes barcos.

E, sobre os ajuntamentos das aldeias, dominando e protegendo vivos e mortos, iminentes sobre os cemitérios e as casas circundantes, ao meio do arvoredo, perfilam em fundos de céu e folhagem, perdidas em névoa, ou meio ocultas nas arvores, erguem-se as torres ainda intactas de cujos pombais, quando próximas das linhas,— fugiram as pombas ao estrondo das derrocadas e das explosões.

Além, nos horizontes de Auchele e Bruay, para lá de Bethune ao fundo, nos horizontes mais ondulados de Therouanne e Enquin les Mines, perfilam-se as pirâmides negras, as chaminés fumegantes dos jazigos carboníferos. E nas cidades, Bethune, La Gorgue, Estaires, Merville, contíguas às linhas avançadas, sobre a mole da casaria mais conchegada, as igrejas maiores e as suas torres ou *beffrois* de velho estilo, acamaradam aqui e àlém, com as fábricas e as chaminés.

Pelas estradas desfilam os camiões e as viaturas militares. Lentos e enormes, possantes e

pesados, os pesados cavalos da lavoura ferem com os seus grandes cascos o piso áspero das estradas, a terra planturosa e húmida dos campos.

Sôbre o canal de La Gorgne, torre e claustro de tijolo, fidalga de sete séculos,—a abadia de Beaupré fala de S. Bernardo e dos monges de Cister.

\*

Quando o Outono chega, com as névoas mais tristes, e os arados repousam nos páteos amplos das *fermes*,—ao meio a vasta nitreira, a roda grande da desnatadeira a um canto, noutra a bomba da água,—pelas campinas douradas, pelas suas ondas espêssas e altas, navegam de ponta a ponta as ceifeiras mecânicas, tombam em grandes feixes d'ouro, a espaços iguais e simétricos, prontas, as gabelas do trigo; a terra nua, poalhada só do oiro remanescente do restôlho, despoja o manto de fartura, pontôa, sôbre sua nudez dolorosa, as manchas flavas das gavelas que as grandes debulhadoras esperam.

Na primavera, como no Outono, nas sementeiras como nas colheitas (porque os homens se batem longe, os homens válidos), no combate generoso e pródigo da terra alinham os velhos e as mulheres, os mutilados e as crianças. E onde paira em descanso uma unidade portuguesa, aqui e àlém, a mancha cinzenta dos nossos uniformes docemente poisa ao meio dos semeadores ou à

beira das grandes máquinas a vapor que esbarram as espigas, limpam o trigo e acamam, separam os finos caules doirados sôbre os quais os nossos soldados, nas grandes granjas, nos celeiros vastos, através das noites longas e saúdosas, hão de sonhar com as gentes do seu Amor e as terras de Portugal.

Desde a terra informe e torturada das linhas, lá onde grandes granadas violam os túmulos dos velhos mortos e sepultam as suas vítimas ainda palpitantes, ao correr dos pequenos acidentes de terreno e ao sabôr do interêsse da defeza, os campos sangram, mutilados, sofrendo os golpes que do seu regaço fizeram erguer os redutos, os longos elementos de trincheira, os postos das linhas das aldeias, os do Corpo e do Exército...

Choram as leivas a infamante sementeira que ergueu searas hostis e sombrias de emaranhadas redes farpadas, floresta de acúleos em que só a neve e o sangue podem abrir a ilusão duma flôr.

Ameaçando o córte das estradas largas, das pontes dinamitáveis e dos caminhos, os grandes *cavalos de frisa* esperam, ao lado das valetas fundas, a hora dos avanços, das retiradas e das desolações.

Vivem as gentes, como em uma fortaleza, suas vidas pacíficas frente ao ritmo violento ou fati-

gado, exausto, do coração da guerra. Paira a morte sôbre elas.

Pelos campos lavrados, ao meio das searas, junto às povoações. Neles vem poisar, uivando, como aves de prêsa, e expludem, esfacelando tudo, as grandes granadas alemãs.

Param, um momento, as charruas nos seus pródigos caminhos. Os semeadores, curvados de velhice e resignação infinita, suspendem-se a olhar. A terra abre em feridas, jorra-lhe o sangue, zunem os estilhaços e tombam, sementes inúteis...

Depois os arados, um momento surprêsos, seguem seus caminhos, as sementes, um momento despertadas,—voltam a dormir seus generosos sonhos, a terra cála... E os dias seguem, iguais, no grande letargo immobilizado de espanto...

\*

Por estas planícies flamengas vagueou, ao sabor dos séculos e da nossa Aventura, gente da nossa raça. Por aqui se bateram em tempos velhos, homens de nosso sangue, venceram e amaram, cantaram e sucumbiram floridos de sangue ou radiosos de bravura.

Nos paços mediévos da Flandres, noivas de Portugal, princesas, brilharam sua graça, alumiarão a dulçura sentimental que era seu mais formoso dote.

Já no século XIII os mercadores de Portugal tinham suas feitorias flamengas. E, muito antes, Filipe da Alsácia, Conde da Flandres, ligára o seu destino a Mafalda, princesa de Portugal, filha do nosso primeiro Rei.

Fernando de Portugal, infante, filho do Povoador, casou em 1211 com a filha única de Balduino VII, e foi conde da Flandres.

Contra o Rei Filipe Augusto da França, lutou, forte dos vaticínios que a velha maga sua tia victoriosamente lhe fizera. E cercou Saint-Omer e bateu-se em Bouvines (1214) como um herói da lenda. Filipe Augusto venceu nessa batalha os seus três adversários. Mas Hugues de Mareuil só houve às mãos o infante de Portugal após um combate sôbrehumano.

Fernando, morto o seu cavalo, coroado de feridas, sangrento e furioso, incansável e terrível, lutou, deu a morte, até cair exausto e prisioneiro.

Levado a Paris, as prisões do Louvre o guardaram até à sua libertação devida ao muito amor da sua fidelíssima esposa.

Veio a morte e, sôbre o seu túmulo, em terra estrangeira, a História fixou os seus méritos de batalhador e a glória de haver vencido um duque de Brabante e conquistado todo o condado de Namur.

Das doces, claras terras de Portugal, para as mais tristes, plácidas terras flamengas, levaram

também nossas naus as frutas e os vinhos, tributos gentis.

E de lá, da já laboriosa terra farta em nevoeiros e riqueza, — nos vinham em troca, os artefactos variados da já florescente indústria flamenga.

Não ficára despovoado o velho caminho de bôdas que a princesa Mafalda pela primeira vez trilhára.

Mais tarde Filipe III, duque de Borgonha e da Flandres, mandou pedir a Portugal, como esposa, a filha de D. João I e de Filipa de Lencastre, — D. Isabel.

Da sua Arte nos enviou então a Flandres embaixadores. João Van Eyck, de Bruges, o primeiro que fez pintura a óleo, veio a Lisboa em 1430. E, trinta anos depois, Nuno Gonçalves, pintou para glória e eternidade nossa, igualando o Mestre, o poema lusitano que é o púlpito de S. Vicente, original e sagrado pelo vento de maravilha e próximos milagres que já perpassa no olhar decidido e profundo, e se extasia no olhar devoto e ingénuo, das suas figuras de monges, guerreiros e navegadores.

E deu-nos o Infante de Sagres, ajoelhado e resando para que, num dia longínquo, outros homens, fidalgos da sua nobreza, Artistas e lusíadas (1), nos possibilitassem a romagem piedosa de irmos, diante dele, ajoelhar e pôr as mãos.

(1) Columbano, José de Figueiredo e Luciano Freire.

Depois um dia, com o seu Poeta, o mundo julgou ver morta a Pátria portuguesa. Que não morrem nunca as Pátrias e os poetas que as cantam e bem amam.

Sob o domínio estranho Portugal dormia.

Daqui nos levaram, sobretudo Filipe IV, a batalhar na Flandres, filhos de Portugal.

Nem livres nem amigos, viu-nos a Flandres em muitos combates ásperos. Gaspar Robles, em 1584, morre combatendo sôbre o Escalda, sendo comandante de um têrço, governador da Frisia, senhor de Billy, coronel de alemães e capitão de cavalos.

D. Francisco de Melo Bragança, conde de Armamar, adversário illustre, embora vencido de Condé em Rocroy, infamado pelo procedimento que houve com seu primo D. Duarte de Bragança cuja entrega à Espanha negociou como embaixador na dieta de Ratisbona, — pela Flandres andou desde 1641 e comandou, em 7 de Setembro dêsse ano, o exército que retomou aos franceses a cidade de Aire sur-la-Liz. Em 1642 (19 de abril) recomeçando a campanha, pôz cêrco a La Bassée e bateu os marechais d'Harcourt e de Guiche que tentavam socorrer esta praça. Era comandante da artilharia seu irmão D. Álvaro de Melo. E a 11 de maio, tomada de assalto, La Bassée sucumbiu.

A seguir, habilmente manobrando, separou os

exércitos dos dois marechais e bateu de Guiche, em 26, em Hamécourt, no Somme.

Em 1643 partia de Lille, de novo em campanha contra os franceses, num exército em que era mestre de Campo General o conde de Fontaine. D. Álvaro de Melo comandava a artilharia. E veio cercar Rocroi. A mocidade admirável do duque d'Enghien, à frente dum grande exército, sem lhe diminuir os méritos atraído pelas deficiências do conde de Fontaine, atáxico e morto em combate, — apesar da valentia de D. Álvaro e do heroísmo enraivado dos velhos têtes espahóis, — venceu-o. Condé começava a sua carreira de glória. D. Francisco de Melo, com os restos desmantelados do seu exército, fez frente, um pouco por toda a parte, no Luxemburgo, no Artois, na Flandres, — aos exércitos da França e da Holanda, até que em 1644, desonrado já como patriota, vendido a Castela inimiga, — as perdas de Gravelines, Saint-Omer, e Las de Gand, — cuja defesa, à falta de soldados, D. Francisco não organizára, lhe minaram o valimento na côrte de Madrid. Substituiu-o no govêrno da Flandres um neto de Cristóvam de Moura. E o nome de Portugal não seguiu sendo por demais honrado nas planícies da Flandres, então.

Muitos, de Portugal, combateram e comandaram têtes da Flandres.

D. Manuel Pimentel, conde da Feira, cujo filho, D. João Forjaz, recolheu à Pátria depois

de 1640 e morreu general nas guerras da Restauração.

D. João Telo de Menezes, que voltou à fidelidade da sua terra em 1640 e defendeu dos Espanhóis a praça de Olivença; Joanne Mendes de Vasconcelos e outros, cujo valor não diminuí a excessiva servidão a Castela, serviram, lutaram e honraram-se na Flandres.

D. Francisco Manuel de Melo, o escritor admirável, por lá correu seus fadários de português e de batalhador.

Embarcado em 1639 a bordo do *S. Francisco*, galeão da frota que comandava D. Antonio Oquendo, entrou na batalha naval das Dunas, (Dunkerque) ganha pela armada holandesa de Tromp e lutuosa da morte de 900 portugueses (16 de Set. de 1639). Comandante de um têrço de infantaria, conseguiu fazer um desembarque em Dunkerque, voltou para a esquadra e assistiu à segunda batalha que consumou a derrota espanhola em 21 de Outubro.

De Dunkerque, com sua gente, se passou a Bergues, depois a Hondschoote. E, correndo a Bélgica, estreitou relações com as mais altas figuras espirituais de então, em Ypres e em Lovaina.

Não éramos estranhos, nós, na Flandres. Em muito canto flamengo se podia comprazer o nosso orgulho, memorando o passado. O nosso passado da Flandres...

Que o da história flamenga bem opulento era para encantar, interessar artistas e guerreiros.

Nas regiões onde ora nos batíamos vira a Idade média florescer um período brilhante na ciência, nas letras e nas artes.

O Abade Suger, de Saint-Omer, e do século XII, Geoffroy de Saint-Omer, fundador dos templários, os trovadores Maximiliano e Quesnes de Bethune (século XII)—êste, cruzado e servidor gentil de Alice de Champagne que eternizou em verso,—Jehan Bodel, Adam de la Halle, Gauthier de Arras, (século XIII)—Jean Buridan, de Bethune, (o do célebre apólogo) Arnoul de Vuez, de Saint-Omer, émulo de Rubens com quem enfrenta, ao lado de Van Opstal, na formosa Catedral de Saint-Omer, — são alguns dos architectos, poetas, scientists, pintores, cujos nomes esmaltam o nobiliário espiritual da Flandres.

Sob o céu mais pálido ou mais tumultuoso da guerra grande, à volta das velhas catedrais artísticas, das igrejas e paços lembrando o domínio ibérico,—nas grandes herdades, por toda a parte, tivemos connosco o carinho honrado das gentes flamengas. Por lá corações de Portugal teceram amores, idílios e dramas.

De lá nos vieram, agora, como daqui foram antes, noivas e esposas. Lá choram ainda, na frase de Jaime Cortesão, algumas filhas da Flandres, as lágrimas que, num convento de Évora, Sórora Mariana Alcoforado genialmente chorou.

Nos grandes pátios e nas vastas campinas, na hora das sementeiras ou das colheitas, viu o céu juntos, como na grande batalha, homens de Portugal e da Flandres. Por lá nos ficou a saúde e de lá as trouxemos diversas.

A terrena saúde, «um mal de que se gosta, um bem de que se padece», como disse um Português de há séculos que pela Flandres vagueou sua saúde também (1).

Que a outra, mais divina e alta, para lá a levou então sua alma de cavaleiro, no Amor da sua Pátria e do Mundo, devoto e ansioso de uma Pátria mais alta e de Deus...

Por lá dormem, à mercê dos travados combates, nas planícies que o tempo renovará, sob calvários,—os mortos, nossos vivos eternos...

No seu regaço, a Flandres há de saber embalá-los. A terra forte e fecunda não esquecerá o sabor generoso do nosso pródigo sangue, há de saber ser mãe.

E como, ao correr dos anos, se falará dos amorosos morenos soldados que por lá passaram,—de lá nos virá a força e o orgulho, a nobreza e a altura que a morte dos guerreiros foi para Portugal.

O amor e a morte, sob os olhares da glória nos ligarão no tempo. Flandres e Portugal!...

(1) D. Francisco Manuel de Melo.

## 9 DE ABRIL

### I

**E**FECTIVARA-SE, emfim, apesar de todos os esforços do nosso comando para o evitar, a Convenção de 21 de Janeiro de 1918. Estávamos a 6 de Abril.

A 1.<sup>a</sup> Divisão, menos uma Brigada, (a 3.<sup>a</sup>, como a 3 fôra combinado com o 1.<sup>o</sup> exército), começa a retirada para a região de Desvres. As tropas estão cansadas, diminuidas em número pelas baixas de Março e pelo envio nulo de reforços desde Dezembro, em moral pela falta de licenças, ausências de oficiais e o desinterêsse evidente dos que governam em Portugal.

O excesso de trabalho, as ordens e contra ordens dadas sôbre rendição de tropas, as solenes promessas dum repouso largamente anunciado, nunca realizadas, juntam àquelas suas fôrças desintegradoras e desvairantes.

A 2.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, em 4 de Abril, e principalmente o Batalhão de Infantaria 7, a seguir dissolvido, marcam os primeiros resultados da acção corrosiva dessas fôrças negativas.

Às 7 horas de 6 o General Gomes da Costa assume o comando do Sector e passa a ficar sob as ordens do General Comandante do XI Corpo Inglês.

A frente portuguesa (10:600<sup>m</sup>) até então occupada por 4 Brigadas distribuidas por igual números de sectores, subsiste com a mesma extensão, mas alargam-se os sectores de Fauquissart e Neuve-Chapelle, para suprimir o de Chapigny, e reduz-se a guarnição total a 3 Brigadas.

Da reserva, reduzida de duas a uma Brigada, a 2.<sup>a</sup> Divisão destina ainda 2 Batalhões para a defesa da linha das aldeias, e os outros dois à defesa da linha de corpo, um para cada sector.

¿Qual é o valor da Divisão que assim assume a responsabilidade dum sector tão extenso?

Faltam nas tropas de infantaria 242 officiaes dos quais 80 estão de licença.

Para os effectivos completos faltavam na 2.<sup>a</sup> Divisão 13 % das tropas de Artilharia e 29 % nas de Infantaria.

Em Artilharia estão ausentes 53 officiaes. Dos officiaes presentes alguns vinham de ser collocados nas suas novas unidades.

E muitas das funções, dentro da Divisão, estão sendo exercidas interinamente.

Interinos são o Comandante da Divisão, o Chefe do Estado Maior, o Comandante da Artilharia. Há Batalhões comandados por capitães, Companhias por subalternos e êstes, na sua maioria, são milicianos.

Os nossos soldados tinham-se definitivamente convencido que se de Portugal não vinham reforços em oficiais e praças, era sómente porque os responsáveis do poder o não desejavam. E a êstes se impôs a responsabilidade no crime que, abandonando os condenados, os exilados da Flandres, — parecia consagrar, pela reintegração de desertores e trânsfugas da guerra, a incapacidade guerreira dos que haviam ficado em Portugal.

Por cada canto, em cada abrigo, nas linhas e nas aldeias do *front* corriam expressões que eram como pelourinhos inexoráveis.

«Portugal, rapazes, declarou a guerra à Alemanha mais ao C. E. P.!»

«A Alemanha declarou guerra a Portugal inteiro e não apenas ao C. E. P.!»

Os oficiais com licença ficavam demorados, voluntária ou involuntariamente, em Portugal.

De acôrdo, por ventura incidentalmente, com o *boche* das linhas fronteiras, as novas de Portugal enviavam promessas corrutoras da rendição, ao fim dum ano, de todas as tropas de França.

A longa permanência na frente (5 meses) das tropas da 2.<sup>a</sup> Divisão, apenas interrompida por

pequenos estágios nas aldeias à retaguarda das linhas, a leitura de certos jornais portuguezes, e principalmente os casos das licenças a oficiais e o *roulement* — a pouca assistênciã moral da parte de muitos oficiais aos seus soldados, a incapacidade, duns o péssimo moral doutros, a atmosfera política, negativa e contra a guerra, para a Flandres venenosamente transportada, tentando encobrir as inapetências guerreiras, a covardia e a falta de sentimento patriótico de muitos, contribuíram com largueza para a desvalorização das forças morais necessárias às tropas.

Tanto como o excesso de espírito crítico que caracteriza a nossa gente, favorecido por deficiências de chefes que, no esforço da realização dolorosa, o govêrno da República, até 5 de Dezembro, não pôde remediar, — como a obra perversa, fulminada pelos ingleses, porventura inconsciente, que esquecia, face a estrangeiros, o mais elementar decôro patriótico e, diante das praças, a mais rudimentar noção de dignidade e disciplina, — e como a coroação aparente, visível, de todas essas misérias com a situação levada ao poder em 5 de Dezembro e o abandôno, a inércia militar que se lhe seguiu...

Do estado físico das tropas contam, uníssonos, os relatórios médicos de cada unidade.

Levou-se o soldado a «descrer absolutamente do cumprimento das promessas de licença que o respectivo regulamento estabelecia. E como se

não habituou a encontrar fim à guerra em que está empenhado, o soldado desespera de voltar à sua terra e ao seu lar ».

A saúdade dos seus, a idea duma visita ao lar, reduz-lhes toda a actividade, amarfanha-os, inutiliza-os.

A natureza do nosso sector, o longo repouso relativo daquela frente desde 1916, com as operações de grande envergaduras limitadas a uma atitude defensiva,—impusera, à guerra, naquela região, trâmites serenos, possibilitando apenas operações de pequeno alcance.

Duma maneira crescente, em 1918, de fins de Janeiro em diante, a actividade do sector desenvolvera-se. Em 17 de Janeiro, em 18 e em 25, fortes patrulhas alemãs atacam em Chapigny, em Neuve-Chapelle, em Ferme du Bois.

Em 6, em 9, em 11, em 17, 24 e 27 de fevereiro novos ataques alteram a tranqüilidade do sector.

A artilharia que ao fim da 3.<sup>a</sup> semana de Janeiro, resolveu a sua acção, volta, desde meados de Fevereiro, a recrudescer.

Em Março, as identificações colhidas (prisioneiros)—começam por anunciar o aumento da artilharia adversa.

Marca-se a presença de canhões austríacos no sector.

Os aeroplanos alemães redobram de actividade. As regulações do tiro inimigo são constantes.

Em 2 de Março fazem um grande *raid* sobre Chapigny em que nos colhem prisioneiros.

A 7 uma patrulha de mais de 60 homens ataca um posto nosso em Neuve-Chapelle.

De 10 para 11 a extrêma direita do sector é atacada de novo.

Em 12, um forte assalto matutino, incide sobre os extrêmos conjuntos de Fauquissart e Chapigny.

Em 19, em 21, em 24, em 25, sucedem-se os ataques.

A nossa gente, habituada à linha, repele-os a todos, inflinge perdas pesadíssimas ao inimigo, perde alguns prisioneiros, faz prisioneiros por seu lado, bate-se corpo a corpo, afirma a mais alta cota da sua eficiência guerreira.

Entretanto os comandos superiores, e desde 1 de Março, — esperam um maior ataque sobre o sector. Admitiu-se também que o aumento de actividade cobrisse a intenção de desviar para estes sectores a atenção que não convinha prender a outras frentes a atacar.

Os depoimentos dos prisioneiros insistem na annunciação de uma grande ofensiva no sector.

De noite, no silêncio trágico da 1.<sup>a</sup> linha, os

nossos soldados extranham o desusado ruído, o marulhar crescente das viaturas, a agitação das estradas peçadas de transportes, a congestão crescente dos depósitos à rectaguarda das linhas alemãs.

Como ondas infatigáveis, crescentes na amplitude das ressacas, veem quebrar no nosso parapeito os ruídos desusados a anunciar a tormenta.

O soldado ouvia na treva e aos seus olhos a realidade próxima impunha-se no escuro, silhueta de prevenções e ameaças...

Sôbre as sombras informes do Bosque do Biez cresce a grande ameaça dolorosa. Cresce nos corações, e não lhes desmancha ou quebra o ritmo sereno.

As noites sussurram longas, ameaçando.— E as almas escutam atentas como almas à mercê da torrente bravia, sentindo, cada vez mais próxima, a voz soturna, dominando tudo, da grande catarata que as despenhará, num estrondo de fim.

As posições de artilharia alemã multiplicam-se. No Comando da nossa artilharia, a observação marca, amontôa os sinais delas.

As estradas à rectaguarda da nossa frente, Lestrem, Merville, La Gorgue, os Quartéis Generais de Batalhões e Brigadas, começam a ser batidos.

Os grandes projecteis austríacos surpreendem as tropas nos acantonamentos sobressaltados pe-

los bombardeamentos contínuos e envenenados de gases, rôtos de ruínas e desassocêgos...

Já se notára que, em alguns pontos da linha, o inimigo varrêra, levantára, as defesas de arame farpado.

A população civil dos arredores de Lille é expulsa. E, com engenho, admiravelmente, o estado maior alemão acumula as divisões frente às nossas linhas.

A atenção do Comando inglês vai prendê-la, desde 21 de Março, a formidável ofensiva do Somme, que diante de si levará, flutuando, ou submersa, apesar do seu heroismo, quási toda a massa militar do V Exército.

Da artilharia pesada do nosso sector grande número de bocas serão desviadas para a brecha mal vedada a que apontará ameaçando, o ferro que atravessaria Amiens, Paris, o coração da França e o do Mundo.

Na congestionada alucinação do Huno vitorioso, tenacíssimamente, se amontôam as fôrças do próximo ataque.

Constróem e reparam pontes, desenvolvem os cais dos caminhos de ferro. Cortam os aviões o céu, intensificando a observação aérea.

Os projecteis percorrem, procuram, aprendem os caminhos melhores para as corridas da próxima madrugada trágica.

Começa a terra a acordar para seu fadário torturado, despovôam-se as casas, crescem as ruínas.

Abandonados, os casais pasmam tristes ao meio das campinas revoltas. De noite, os animais domésticos abandonados, vagueiam através dos campos ou agitam-se irrequietos, cortando o silêncio, na prisão dos currais.

Até 10 de Março havia o Comando Português esperado um grande ataque provavelmente lançado pela 5.<sup>a</sup> Divisão alemã.

Para então? Para Maio ou Julho?

De facto, e desde fins de Fevereiro, ordens de operações fixavam as medidas a adoptar pelas Divisões e pelo Comando Geral de Artilharia.

Expunha-se a conveniência de escalonar, quanto possível, as tropas em profundidade, se activasse o trabalho de valorização das áreas defesas, e se preparassem todos e tudo para que fôsse evitado o efeito desastrado da surpresa, caso o inimigo viesse a atacar.

Ordenam-se então operações ofensivas de pequeno alcance. Com Vale de Andrade, do 14, official modêlo de inteligência, conhecimentos e sereno heroismo, com Ribeiro de Carvalho, do 21, joven e artista, bravo, e cheio de *panache*, com officiais como Gonzaga, figura inconfundível de mocidade e bravura, Gonçalves de Azevedo, espirito vibrante de orgulho guerreiro, alma de cavaleiro enamorado do perigo e sua glória, — os soldados das Beiras irrompem nas linhas alemães impecáveis, barbeados, louca teoria indomável

e estuante de bravos. Semeiam a morte, colhem material, e prisioneiros.

Costa Alemão, figura gentil de patriotismo e bravura, mais tarde inglóriamente imolado, caído no calvário doloroso duma luta civil, Henrique Augusto, irrequieto e já celebrado pela sua impenitente coragem, mais tarde vítima ainda dos desvairos portugueses e afastado do exército que, com tão poucos, formosamente honrou, — os sapadores e os infantes de Portugal, enquanto a artilharia luso-inglesa sôbre suas cabeças lança o fulgurante, o uivante, opaco arco triunfal do seu tiro, e cada canhão, vibrando raivoso, freme em sua íntima estrutura de aço ao ritmo dos corações ardentes dos irmãos artilheiros, — sapadores e infantes, oficiais e praças, irrompem da terra como deuses ao sinal formidável que rasga o céu, ilumina as trevas moribundas, faz estremecer o chão.

Rentes ao muro ambulante, sarça ardente avançando, muralha de ígneas flôres deslocando-se, triturando, esfacelando, desvairando defesas e homens, — os soldados de Portugal mal dominam seu ímpeto.

Então o pavor germânico afunda-se nas cavernas dos abrigos betonados. E, os que se não rendem, esmagam-nos, na escuridão dos abrigos, as granadas de mão que os nossos soldados doridamente lhes lançam.

Precipitam-se, com os minutos, os quadros

do drama heróico. Gonzaga, é ferido. E mais alto, mais alto, sôbre a sua ferida o seu valor se levanta... Os sapadores dinamitam as obras de defesa e os abrigos. Depois voltam tranqüilamente às nossas linhas como leões repletos, mais calmos, esfrangalhados e enlameados os uniformes, os rostos resplendentes, os olhos mordendo fogo e violência... E o *boche*, mal acalmado do inesperado rompante nosso, lentamente, em pequenas patrulhas, volta a ocupar as linhas em que se não aquietaram ainda o tumulto do ataque e o ruído das explosões.

\*

Entretanto a preparação alemã segue infatigável, metódica e oculta.

Em fins de Março o inimigo ataca entre Oppy e o Scarpa. A sua actividade aparente diminui no nosso sector.

Mas o serviço de informações não se ilude.

Movimentos de tropas e material, a tarefa grandiosa já recomeça, melhor oculta; em 3 de Abril.

Em vão o heroismo de Americo Olavo e dos seus soldados tentam surpreender, num *raid* brilhantemente lançado, as guarnições fronteiras. Golpe de ariete violento, deu em vão o impulso admirável. O *boche* evacuára a tempo as suas posições avançadas. Um fogo de morte, ceifando,

de invisíveis posições ocultas, acompanhou a retirada serena dos nossos rapazes.

Em 5 e 6 as intenções do ataque inimigo tornam-se evidentes.

Dos nossos postos de observação o aspecto das linhas fronteiras aparece diferente.

Fazem-se reconhecimentos. Oficiais percorrem as linhas alemãs, há taboletas novas em alguns pontos, as estradas vão congestionadas de movimento.

Em 8 há uma pausa. Devia estar no fim a gigantesca tarefa. Ajuntamentos ainda nas estradas fronteiras, camiões abastecendo depósitos... A nossa artilharia, longamente, bate, ao princípio da tarde, os pontos que a observação assinala.

O alto comando pareceu acordar então.

### III

## UM EPISÓDIO DA BATALHA

(LACOUTURE)

Batalhão reserva da 5.<sup>a</sup> Brigada. Infantaria 13 ocupa Lacouture, onde chegou em 6 de madrugada, vindo de Riez Bailleul. Em 7 e 8 de Abril os seus oficiais reconhecem o sector, as linhas desmanteladas e mal guarnecidas que terão, porventura, de ocupar. E, das linhas, cada um traz a impressão da ameaça que se prepara ou de algo novo no sector alemão. Em 8, um observador desce do seu posto ao Comando do 17 e, diante dos oficiais do 13, assinala, num ponto da carta, o cruzamento de estradas em que inúmeros carros estão descarregando munições.

«Ando aqui há 4 meses, e nunca vi um movimento como agora... Então, ontem e hoje, é por demais...»

Muitos supõem se trata de uma rendição apenas...

E o 13, como era da arte, nesta guerra, reconhece as trincheiras à frente de Lacouture, os caminhos de emergência para as linhas, para as brigadas, para as baterias próximas e batalhões contíguos.

O Quartel General da Brigada que se supunha continuar em Les Facons, foi estabelecer-se em Cense de Raux.

Infantaria 13 tinha na sua frente, nas linhas, no sector de Ferme du Bois, reduzidos a quási metade do seu efectivo e guarneecendo uma extensão maior que a antiga, dois batalhões, o 10, na direita, flanco extrêmo do sector e em contacto com tropas inglesas da 55.<sup>a</sup> Divisão, e o 17 na esquerda, com Infantaria 4 em apoio dos dois. Em Croix Marmuse estava o 15 que uma ordem de 3 de Abril destinava à guarnição dos postos na linha das aldeias.

A 5.<sup>a</sup> Brigada desconhecia o sector de Ferme du Bois. Nunca o guarneecera.

Os acontecimentos de 4 de Abril, na 2.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, impuseram a sua entrada neste sector. Faltava um plano de defesa adaptado às novas circunstâncias.

Às 14 h. de 8, a nossa artilharia bate os pontos assinalados pela observação...

E às 20 h., inesperadamente, o Quartel General da Brigada anuncia aos batalhões a sua rendição no dia seguinte por tropas inglesas. Ninguém acredita... Póde lá ser!... Às 22, porém,

chamam de novo aos telefones, e a notícia confirma-se.

Os batalhões estão cansados, exaustos.

As rendições sucessivas dos últimos dias, as promessas, as esperanças, as desilusões de um descanso que não chega, a visão próxima ainda dos horrores de Março, o desprezo a que Portugal parece ter votado os seus homens, a ausência de reforços, o sofrimento e a saúde, trazem o moral das unidades diminuído e lesado. Os efectivos andam reduzidíssimos. A nova rendição, apesar de inesperada, traz, pois, um alívio. E vem aumentar assim, em muitos, as consequências deprimidas da surpresa que se prepara.

As companhias repousam nas *fermes* de Lacouture. Na Senechal, o comando vela. A noite passa-se tranqüila enquanto os chefes preparam as ordens para a rendição do dia seguinte...

Vai o nevoeiro pela noite fóra e os ruídos adormeceram. As trincheiras parecem já de além mundo.

As horas seguem seu caminho no silêncio. Os soldados esperam a madrugada como a libertação.

As 4,15 de 9, uma detonação ecôa, longe... Um uivo dilacera a noite, crescendo. Sobre a Senechal cai uma granada... E a seguir, mais rápidas, mais apressadas, outras, outras veem...

Os oficiais despertados tomam o bombardeamento como represália do nosso, na véspera, e riem. «Belo cartão de despedida!» Depois,

supõe-se que o alemão executa um grande *raid*. Esperam-se ordens. Os minutos passam. Os telefones chamam em todas as direcções. E uma a uma as comunicações vão sendo cortadas.

A névoa espessa complica o horror do bombardeamento. Na lividez da manhã dorida as explosões cospem chama, espessam, com o pó das derrocadas, o nevoeiro dilacerado, incendiado, afogando a tragédia. O ar é uma longa vibração, éco ininterrupto doutra, incessante e longínqua, quasi sepulta pelo grande gemido desvairado que vai como uma abóbada vibrante, sôbre as cabeças, sôbre as coisas, pelo ar...

Gases... gases... E as casas tombam num desabar que prolonga explosões. Homens correm pelas passadeiras, ao longo dos canais que cercam as *fermes*. Outros esperam, brancos...

E a tormenta redobra, tombam os muros e os telhados, caem, num massacre, os altos troncos que a névoa reveste... A terra estremece, agita-se e, num delírio horrível, deforma-se...

Sob a névoa há horrores que a névoa mal esconde...

Às 5 h. o Batalhão encontra-se isolado completamente.

Agentes de ligação partem para a frente, ao batalhão de apoio que está em Chavattes, e para a Brigada, a procurar notícias.

Andam os caminho varridos de metralha.

E os agentes não voltam.

A tempestade ulula. A Senechal treme até aos alicerces. E o comando dá ordens.

Há já feridos. As Companhias equipam. E começa a entrar em todos a convicção de que algo se passa, grave e solene.

Nem uma ordem!... Da rectaguarda, nem uma palavra, uma nota, ninguém! Da frente não voltam as ordenanças.

Então o Comando manda o alferes sapador à Brigada. Foi êle quem executou, na véspera, o reconhecimento dêsse caminho. Parte com quatro homens. E não volta mais.

O major Pissarra e o capitão Roma vão contar comsigo apenas, e com os seus homens. Roma larga para as companhias. Pálidos, abalados, os soldados do Marão dizem-se prontos para o que dêr e viér.

E os segundos passam com as granadas e as explosões, no desvairo que vai do céu à terra. Esperam-se ordens da Brigada, ainda.

As 8 horas chegam as primeiras novas das linhas... A espalhar pânico, sujo, roto, desarmado, ofegante, o contra-mestre de corneteiros do 17 anuncia que o *boche* vem aí de roldão... E deixa-se cair, exausto.

«—Prenderam tudo, o batalhão inteiro, das linhas ao comando,—tudo!...»

Quê? Ninguém acredita. O mêdo desvairava decerto o mensageiro.

Não, não podia ser! Fazem-no calar. Isolam-no.

O batalhão continua sòzinho, sem plano de defesa, entregue a si próprio, ao meio da tormenta.

Não!... Era preciso avançar, guardar o terreno, resistir, vencer! Gustavo Pissarra e Bento Roma deliberam agir imediatamente. Desdobram-se as cartas, dão-se ordens precisas.

A 2.<sup>a</sup> companhia (tenente Alcídio de Almeida) irá ocupar os entrincheiramentos à frente de Lacouture, a uns 300<sup>m</sup> da Senechal, sôbre a Queen Mary Road, lançando patrulhas para estabelecer contacto com o *boche*. A 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> devem seguir depois a alongar-lhe as posições, reforçando-as.

Alcídio parte com a sua gente. É uma abalada heróica! Curvos, as baionetas altas, fustigados pela tormenta, ao meio da fúria desencadeada, os soldados passam sob a morte, frente ao Comando...

A 2.<sup>a</sup> companhia vai num arrebatado, numa formosa fúria.

«Eh! rapazes do 13!» «Lembrem-se de Cambridge!» grita Gustavo Pissarra. E Roma: «Ânimo, rapazes! Isto não é nada! Vamos em socorro dos nossos irmãos!» Alcídio exorta, abraça, grita valor, impulsiona a sua falange... Os soldados animam-se uns aos outros. «Eh! Gente! com srs. oficiais assim vai-se ao fim do Mundo!»...

Alcídio leva, no sublime arranque, Pires da Silva e António Dias, alferes, — os sargentos Ferreira, Belizário, Pelotas, Proença, já abrasados dum fogo de glória, aureolados, ardentes...

O capitão Roma dirige-se então ao *Block-House*, junto à igreja, e pede ao comandante dos ciclistas ingleses que o guarneçam, cartuchos, munições. O major declara não poder fornecê-los, que não tem bastantes. Mas, instado, cede 3:000 cartuchos... E o bombardeamento prossegue, violento, infernal, sem descanso.

Já a herdade Senechal se desmorona, caem os tectos e as paredes, é um montão de ruínas, com pedaços de muro, vacilando...

O major Pissarra resolve por fim abandoná-la, com o seu estado maior e menor, deixando apenas agentes de ligações para não quebrar o contacto com a posição avançada. São 9 horas da manhã.

Pelas trincheiras enterradas que partem da herdade abandonada as fôrças do comando veem ocupar o entrincheiramente entre a King George Road e a Senechal, a sudoeste e a 300<sup>m</sup> aproximadamente desta. É ali que se estabelece a segunda linha de defesa dêste improvisado plano. À rectaguarda há mais entrincheiramentos. A King George Road, à direita, por onde o inimigo póde avançar é vedada com defesas acessórias. Uma metralhadora batê-la-há se o inimigo enfiar por ali. Na esquerda estão as largas valas cheias de água que cercam a Senechal e a ribeira La Loisne.

O nevoeiro continua impenetrável. O bombardeamento diminuiu de intensidade. Ouvem-se já as metralhadoras inimigas.

E já estão, com os soldados do 13, os bravos soldados de Tomar, da Companhia que o capitão Brito comanda.

Dois pelotões que veem de atravessar os caminhos desde Paradis, arrostando barragens, dominando o pávido refluxo dos fugitivos, seguem até ao posto de Saint Vast, na linha das aldeias, para dele fazerem uma cidadela impassível, enquanto o bombardeamento o esmigalha e os seus defensores, oficiais e soldados, tombam, indomáveis e gloriosos.

Do mesmo batalhão heróico, para a direita, entre Lacouture e Bethune, ao lado duma brigada escocesa, batem-se duas Companhias que resistiram aos três primeiros dias do formidável embate. E o Comando do 15 (major Andrade Peres e capitão Zaide) estabelece-se em Lacouture.

É esse o posto que o dever lhes comanda. Até ali trouxeram os seus homens, e mais longe, a todos os pontos onde era preciso combater ou morrer.

Ali fica, com os seus guerreiros, o capitão Brito. Comsigo, à frente dum pelotão, está o heróico alferes Padre Ferreira. Os soldados do 15 guarnecem a linha um pouco além da King George Road. À esquerda da posição e à rectaguarda, por trás da igreja, o *Block-House* continua ocupado pelos ciclistas ingleses.

O tenente Alcídio, do seu baluarte, diz que fugitivos anunciam o avanço do inimigo através dos postos da linha das aldeias. E pede munições.

Responde-se que soldados do 15 se batem junto aos camaradas do 13, que as munições irão imediatamente, que resista através de tudo!

Porque as forças inglesas que deviam render-nos devem estar já próximas...

E elas chegarão para que, indomável, irresistível, o contra-ataque anglo-luso faça recolher de novo às suas trincheiras o alemão surpreso...

Resistir, resistir!

Mas a direita da posição parece em perigo. As balas das metralhadoras *boches*, já muito próximas, varrem o terreno. As *schrapnels* estoiram a pequena altura.

Foi dada então ordem, ao que restava da 1.<sup>a</sup> Companhia, para reforçar a frente, na direita. Comanda o tenente Gonçalves e o alferes Sá Vieira. O zumbido ininterrupto das balas enerva, arrelia. Não amaina a tormenta.

E os soldados da 1.<sup>a</sup>, baioneta armada, num alôr admirável, seguidos por dois pelotões da 3.<sup>a</sup> Companhia, (comandantes alferes Graça e 2.<sup>o</sup> Sargento Almeida), — avançam e tomam o seu posto de honra no baluarte em que Alcídio comanda.

As munições faltam! Não há cartuchos nem granadas de mão. Cada soldado tem apenas a sua dotação individual.

A 4.<sup>a</sup> companhia do 13, em reserva, fôra encarregada de estabelecer, com um pelotão, o serviço de remuniciamento, escalonando-se entre

Vieille Chapelle e Lacouture. Pedem-se-lhe munições que não chegam nunca.

O capitão Brito, do 15, consegue, por fim, descobrir um depósito, alguns cunhetes de pólvora.

E com o alferes Pinto da Veiga, o 2.º sargento Fonseca e Costa e o 1.º cabo Freitas, por sôbre os parapeitos cortados de balas, remuniciam os combatentes, carregam mesmo com os cunhetes.

Da frente, aflitivamente, reclamam munições de nove! O ar anda espêso de balas.

O Sargento Proença regressa levando um cunhete.

Há feridos e mortos nas trincheiras que o 13 e o 15 ocupam.

Que se passa na frente?

É preciso enviar ainda mais munições à posição avançada. Para animar os homens hesitantes, Roma salta sôbre o parapeito, outros oficiais imitam-no, expondo-se à ventania de morte.

«—*Vêem! Não há perigo! As balas não matam!*» E os soldados partem...

Que se passa na frente?

O que há para lá do nevoeiro?

O *Tac-tac* das metralhadoras inimigas sôa tão perto!...

\*

Eram 9 horas quando Alcídio lançou para a frente, a estabelecer contacto com o *boche*, as pri-

meiras patrulhas. Comandavam-nas os sargentos Belisário e Pelotas.

A de Belisário é dizimada ao estabelecer contacto. A de Pelotas perde, um a um, os seus homens ceifados por uma metralhadora invisível. Sòzinho, por fim, face à morte oculta, avança, avança sempre. Cinco soldados *boches* cercam-no, apontam-lhe as baionetas, intimando-o a render-se. «Então êle enfureceu-se e parecia um leão. Deu um salto ao lado, caiu a fundo, espetou um que caiu logo, deu outro salto e deitou abaixo segundo... Ia avançar para os outros, mas êles fugiram. O sargento Pelotas foi atrás deles. E caiu ferido de estilhaço ou de bala... Valente? Não era, meu capitão?» conta um soldado ferido e prisioneiro...

Da frente, no torvelinho pânico que se comunica, rolam alguns fugitivos...

Os oficiais percebem vultos, esfumados na bruma. As metralhadoras *boches* cantam a uma centena de metros, se tanto...

De pé, sôbre o parapeito, Alcídio fere com o olhar ardente a névoa espêssa. Mas os vultos pareciam-se...

Gente nossa? Das patrulhas que não voltaram ainda! Fugitivos das linhas? Ou atacantes, alemães?

É preciso reconhecer os que avançam... Alcídio grita:— «Dois homens!» «Dois soldados, José de Sousa e Paulino Mourão, saltam o para-

peito e lá vão, debaixo de fogo, até a uns 20 metros dos vultos. Eram *boches!* O inimigo faz-lhes sinais, chama-os. Depois, a seguir, dispára contra êles.

Então, sem se importarem de morrer, porque estavam mesmo em frente das nossas metralhadoras, o José de Sousa e o Mourão, berram: «*Atirem, que são boches!*»

O que se não entendeu pelas palavras viu-se pelos gestos... Ah! E foi uma mortandade! O chão ficou coberto de alemães! »

« Houve dois soldados, então... Nem sei, — conta outra testemunha... Até parecia doidice!... Eram o *José de Sousa* e o *Paulino Mourão!*... »

\*

Noutro ponto da trincheira avançada, o soldado Manuel Augusto ouve dizer ao seu comandante de pelotão não saber que fôrças lhe veem pela frente. E, sem mais, passa, sozinho, o parapeito, corre para a frente, reconhece o inimigo e regressa, — trás um olho vasado por uma bala, — a informar o chefe...

Toda a linha abre fogo, no desespero de vêr as munições escassas fundirem-se... Alcídio e os oficiais expõem-se, sôbre os parapeitos, corrigindo o tiro, animando os seus homens. Á sua voz, os atiradores fazem fogo por descargas.

O inimigo hesita. Há uma grande trégua. O alemão cava abrigos individuais e instala morteiros ligeiros com que começa a bater a posição.

Entretanto infiltra-se pelos flancos desamparados, passa àlêm da linha que resiste sempre. Os do 13, cheios de dôr, percebem que vão ser cercados. Não há munições. É uma hora da tarde.

Dos homens enviados à rectaguarda nenhum volta. Poucando os tiros, o tiroteio segue, e vão tombando os homens na nossa trincheira. Mas o *boche* não avança... Um sargento, A... tenta fugir. O Tenente Alcídio manda fazer fogo sôbre êle. E com lágrimas de raiva, depois, percorrendo a sua linha heróica:— «*Ah! rapazes, não desanimem! Aqui ninguém se rende!*»

«A última bala para o último *boche* que se chegue!» E o tempo corria... Já um silêncio pairava, maior, sôbre o martelar seguido das metralhadoras. A artilharia déra-se tréguas.

O combate, nos flancos, feria-se já para a rectaguarda, a distância.

Sôbre a trincheira, resfolegando, intervaladamente, caem os morteiros. «Como as munições faltavam, conta um herói,—sempre que o *boche* tentava avançar, as metralhadoras varriam tudo. Os atiradores faziam fogo por descargas à voz do nosso tenente e dos nossos oficiais.»

«As metralhadoras, raivosas, espiavam cada movimento do inimigo, e era uma *razzia*...»

As 2 horas, Alcídio pede, pela última vez, munições e informa da situação.

O Comando, que não abandona um momento as suas trincheiras onde se combate já, responde: «Resista sempre. Aguarde munições.»

O inimigo passou àlêm dos flancos. Os morteiros chovem sob a trincheira cujos parapeitos as balas alemãs razam num zumbido enervante.

Às 3 horas alguns soldados são encarregados de procurar os cartuchos caídos na lama. Eram os últimos... Às 3,30—o alemão completava o cêrco. Retirar? Qual! Resistir, resistir! Alcídio reune os oficiais. Quere dar uma carga. Restavam as baionetas. À baioneta, pois! Então o *boche* surge na esquerda, em massa. Eh! Rapazes!... E luta-se ainda.

«Meu tenente, meu tenente! O *boche* já cá está dentro!...»

Procura-se barrar-lhe o avanço. Mas faltam granadas de mão. O *boche* é cada vez mais numeroso. Então Alcídio, erguendo o punho, de dentes cerrados, grita um insulto e chora. — «Antes queria que uma bala me tirasse a vida!...»

Tudo perdido, menos a honra! Cercados! E agora? Os oficiais teem lágrimas nos olhos. A guarnição desiquipa-se. Rende-se. «Na frente e nos flancos da trincheira vencida os uniformes *feld-grün* amontoavam-se no chão.» E os prisioneiros, dolorosos, desfilaram entre os mortos sem conta, ativos e senhores de si.

\*

Deixámos, ao meio dia, dum lado e outro da King George Road,—soldados do 13 e do 15, aguardando o ataque, esperando a possibilidade dum auxílio que transformasse a jornada penosa num dia rubro de vitória e desforra.

O flanco esquerdo do entrincheiramento fôra ocupado por soldados ingleses. Ao centro estavam os restos de infantaria 13. Na direita os soldados do 15, comandados pelo capitão Brito.

Deve ser uma hora da tarde. Há um recrudescimento no fogo inimigo. O ar está saturado de fósforo, opaco de névoa e fumo.

Sôbre o parapeito o capitão Roma, de binóculo em punho, interroga o nevoeiro... Na direita, em grupos, aparecem soldados.

Portugueses? *Boches*?

Roma afirma-se mais. Conclúi que são inimigos. E abre-se fogo, recomendando todo o cuidado com a frente onde, para lá da névoa, devem estar pelotões de Portugal.

«É então que o alferes Sevivas e o 2.º sargento Gomes de Carvalho, com as suas metralhadoras, teem ocasião de mostrar quanto valem. Não teem descanso. Estão em toda a parte!»

E o *boche* surge, agora mais numeroso, pela esquerda também, por trás da Senechal e do lado de Ferme Burel onde lavra um incêndio.

Duas metralhadoras do 13, as espingardas que guardam o parapeito, deteem-lhes o avanço, obrigam-n'os a deitar-se, cavando abrigos, fixando-se no terreno.

Para a frente lançam-se ordenanças de novo, para as companhias avançadas.

Às duas horas, mandada por Alcídio, chega uma estafeta... Depois, nada mais.

Só pelas 4 horas da tarde, quando surgem na nossa frente alguns soldados, escapos da linha avançada, e o *boche* em seguida, em maior número, — se concluí que fôram aniquiladas...

O que há na esquerda? O 1.º cabo António Teixeira oferece-se para o saber. E sai com duas praças, voluntárias também.

O cabo fica prisioneiro, um soldado é morto, o outro, Jorge Cortinhas, vem expôr o resultado da missão.

E o combate segue. Entrou já em todos, em quási todos, a convicção da vitória.

Os rasgos de heroísmo, as feridas sangrentas, os mortos, tudo exalta, decuplica as almas, doira de púnico entusiasmo os combatentes.

Os ingleses devem vir perto, os que devem rendê-los!

Entretanto os aviões *boches* vôam a pequena altura, senhores da terra e do céu.

O alferes Sevivas perde-se numa volta da trincheira. Gomes de Carvalho fica, imenso de coragem, como um semi-deus, levando a cada canto a

sua metralhadora ardente, a sua fúria incansável, e a morte...

O *boche* vai a envolver o entrincheiramento. O major Gustavo Pissarra e Bento Roma querem evitá-lo.

Atrás há novas trincheiras ainda, cercando o *Block-House*.

«Nesta ocasião mais uma vez o sargento Gomes de Carvalho mostra quanto vale. É êle que nos cobre a retirada. Com a sua metralhadora imobiliza o *boche*, enquanto nós metemos direito ao *Block-House*... E só, quando todos passaram, é que êle retira.»

Bento Roma, alma lusíada, condestável,—figura severa, irradiando coragem e confiança ao meio da batalha, estatura enorme, paládio moral da defesa,—conta:

«Apesar da minha carreira militar não ser muito longa, tem sido muito movimentada e mais de uma vez tenho entrado em fogo. Encontrei muitos soldados valentes, mas, sinceramente digo, nunca encontrei nenhum como êste sargento!...»

É um soldado:

«O nosso Sargento Gomes... por toda a parte fazia coisas prodigiosas com a sua metralhadora, de tal maneira que até o nosso capitão Roma seria para êle». Roma, o herói austero, figura de brônze, alma de oiro, formosa...

Às 16,30 h. a pequena guarnição entra no *Block-House*.

«Pela nossa esquerda, passam já, ao longe, viaturas e tropas alemãs.»

O *boche* tenta avançar de novo. O tiroteio é mais vivo. O sargento Gomes de Carvalho atinge a nova posição.

Mas um soldado fica fóra, os olhos ardentes, num desafio, cruzando a arma, a vedar a entrada...

É o soldado da 1.<sup>a</sup> companhia, António Costa, que se não cansa de heroísmo...

— Eh! rapaz! sai daí!

— Fico à espera deles! grita uma voz de raiva. E a cabeça projecta-se para a frente numa arremetida... Vibra-lhe a espingarda nas mãos...

\*

No *Block-House* encontravam-se o comandante e 2.<sup>o</sup> comandante do 15, oficiais do estado maior dêste batalhão «e muitas praças de pioneiros sem oficiais nem armamento.»

O major inglês, tranqüilamente, já sem ligações para a rectaguarda, barbeava-se... Estava no seu abrigo de *beton* com câmara de rebentamento, e cede, aos nossos, 5 mil cartuchos mais.

A esperança na chegada das fôrças que devem rendê-los mantêm-se viva ainda...

O rolar da batalha afasta-se, no entanto, como o Sol desce. Lacouture é um ilhéu ao meio das ondas, sentinela perdida, inútil, fixando

ao redór de si uma parcela mínima da tormenta que já passou àlém.

Ao fim da tarde o inimigo, que preparara o assédio, ataca violentamente a direita da posição, desembocando pela Emperor Road. E aí se batem, porfiadamente, os restos do 13 e do 15, detendo o alemão. Depois, sôbre o insucesso do ataque, o *boche* bombardeia com fúria o *Block-House* e as trincheiras. A noite cai devagar e triste, quando o bombardeamento abranda, como sôbre uma ilha perdida e sombria, isolada do mundo.

Ninguém sente a fome. Que a tristeza da noite enche os corações e pesa mais que tudo.

Recolhem-se os feridos. A já reduzida falange cinge o *Block-House* intacto. E a noite passa, longa, com fuzilaria intermitente, os soldados de Portugal e de Inglaterra velando às mesmas sêteiras.

Procuram-se, fóra dos parapeitos, na escuridão, cartuchos, munições. Interroga-se a treva, almas e ouvidos escutando... Há silêncios abismais, pasmados, que uma denotação faz desabar, num sobressalto... Os clarões de baterias germânicas, para lá de Vieille Chapelle, deixam esperar as detonações espaçadas. E as horas tombam como gotas geladas, iguais...

\*

Ainda o dia vinha longe e já recomeçava o bombardeamento que durou até às 7 horas. Saem

patrulhas, enquanto êle dura, a saber das intenções do atacante. Uma é inglesa, outra é nossa. Comanda-a o cabo Dias Macedo, que na véspera se cobrira de glória.

Toma a direcção da direita, já passa àlêm da igreja... Leva comsigo quatro homens, como êle, oferecidos. Desempenha a missão com êxito, volta a sair de novo, com o contra-mestre corneteiro, do 15,—em busca de víveres, e conseguem trazer algum pão e queijo que oferecem aos seus officiais.

Às 8 horas rompe, de novo, a fuzilaria. O major inglês cede 2:000 cartuchos ainda, e prossegue a defesa... Às 10,30, junto ao cemitério, rendem-se ingleses cuja posição é insustentável.

Às 11 h. um maqueiro nosso, aprisionado na véspera, apresenta-se no *Block-House* com uma intimação escrita do alemão.

— « Ou se rendem ou fazemos saltar tudo! » — Não se lhe responde. Não se gastaram ainda os últimos cartuchos.

Fazem-se os últimos tiros.

E às 11,30, o major inglês e os dois majores portuguezes reconhecem inútil prolongar-se a defesa. Vão conferenciar com o inimigo. Quando voltam dão ordem aos seus soldados para se desarmarem.

O comandante do 13 ficava em refens.

Os olhos dos soldados estão cheios de lágrimas. Silenciosos, despedaçam as espingardas, inutilizam as últimas metralhadoras, enquanto os

oficiais queimam as cartas e os documentos que podem interessar ao inimigo.

Depois, num cortejo de silêncio e tristeza, saem, os ingleses à frente, depois os nossos, à recataguarda o capitão Roma e um capitão inglês, alto e valente, que se notabilizara na defesa. Vão como sonâmbulos. Mas, súbito, detonações na frente, à queima-roupa, fazem retroceder os soldados, espavoridos, cheios de terror. Alguns, de joelhos, erguem as mãos. O espectáculo é horrível! Soldados alemães fuzilam, à queima-roupa, os prisioneiros!

O capitão Roma e o seu camarada inglês são alvejados, a 5 metros, cara a cara. A chama do tiro queima quási o rosto de Roma. O moço capitão inglês, tomba-lhe nos braços, ferido em pleno peito. Pelo chão agonizam alguns dos nossos. Um sargento do 15 geme, varado, num queixume lento.

Fóra dos entrincheiramentos, um oficial alemão, pistola aperrada, um braçal branco em que se distingue uma cruz ponteadada a vermelho, recebe, insultuoso, os nossos prisioneiros.

É um padre protestante. Outro ameaça-os de fuzilamento, num francês correcto, e acusa dois sargentos nossos de lhe haverem causado muitas baixas com o fogo duma metralhadora. Roma, protestando, diz-lhe que os sargentos só haviam cumprido o seu dever de soldados.

E êle, numa ironia cínica, impõe-lhe silen-

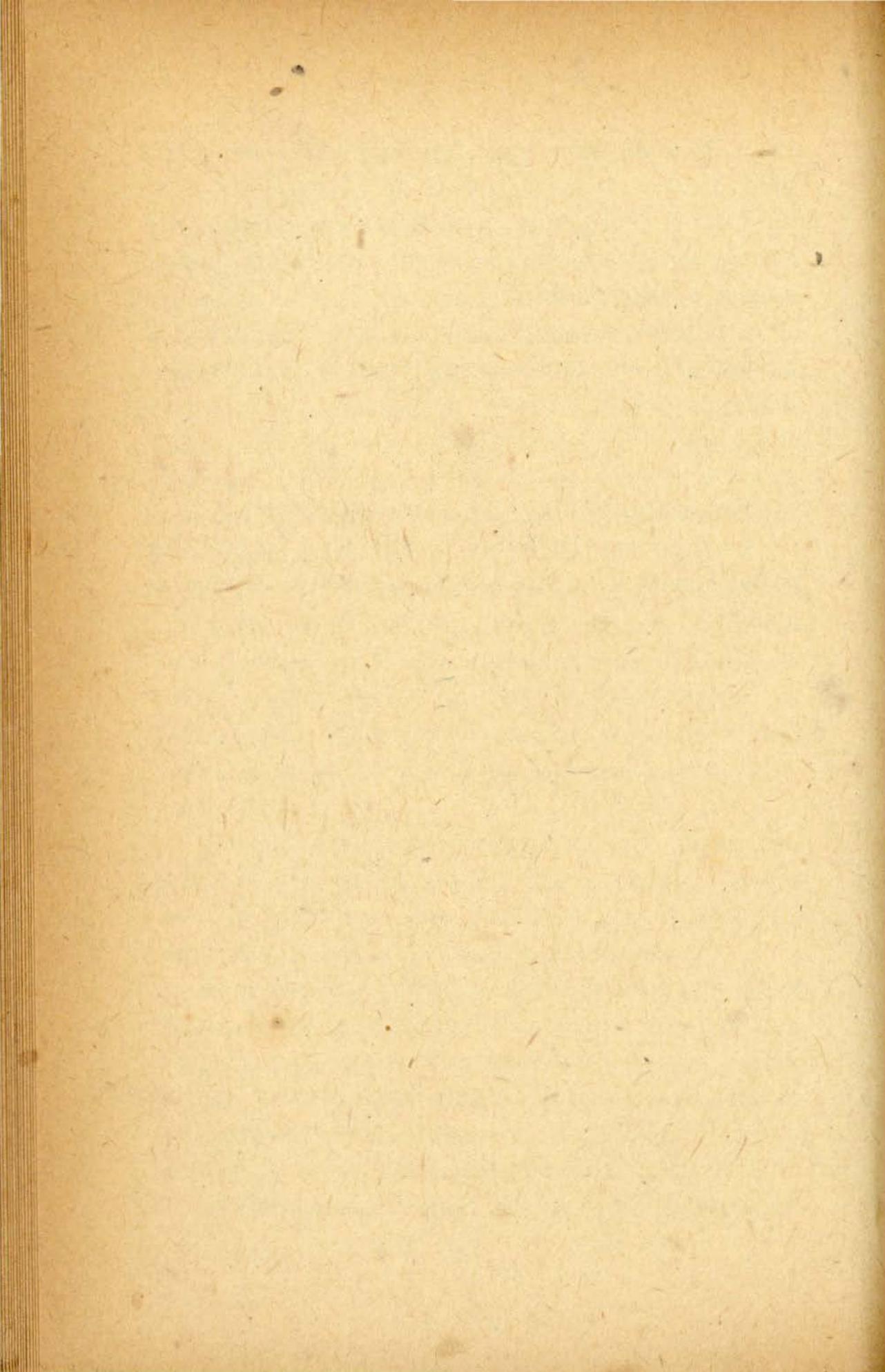
cio... Que se desse por feliz por não ser fuzilado ali...

Depois... roubam, aos oficiais, as polainas de coiro e arrancam-nas das pernas de Roma que se negára a entregá-las.

O alferes Antunes, do 15, fica descalço. Os oficiais são obrigados a transportar feridos alemães.

Era assim que a Alemanha vencia.

Deviam ser 12 horas do dia 10 de Abril. Na rectaguarda, — muito longe, troava a artilharia alemã.



GOOD LUCK! GOOD BYE!

**R**OUEN—Gare militar.  
Um combóio partindo...

As *girls* que servem as cantinas inglesas, depois de ter exgotado as provisões que oficiais e soldados, portuguezes e ingleses, compraram para a viagem longa,—vieram vêr desfilhar a teoria enorme e lenta dos vagões repletos...

Em cada portinhola debruçam-se soldados, lançando adeuses. E elas, num gesto brando, de longe, acariciam, dizem num canto breve:

—*Good luck! Good bye!*

Os olhos claros ficam alumiados de sorrisos, e o seu olhar é uma grande lágrima, um sorriso ainda lembrando uma grande flôr de luz aberta à flôr dum lago.

Os vagões desfilam animados de acênos, gargalhadas jóvens, cantos lentos dos países da névoa.

Elas, as filhas da Inglaterra, acenam com os braços lentos como arbustos jóvens que uma brisa agitasse, — e os seus lábios devem pronunciar, com a mesma música branda, palavras de maior emoção.

O combóio apressa o rolar tumultuoso do seu grande corpo articulado.

E nós lá vamos, mal as vendo agora, mal re-tendo nos olhos encantados, os seus perfis macios e os seus gestos de amor.

— *Good luck! Good bye!*

\*

No limiar da caverna antiga, nas idades mortas cuja voz sepulta nos memora ainda dentro de nós ou no seio da terra violada; — à porta do Castelo feudal, frente à levadiça que de novo se ergue sôbre o fôssô fundo; — na torre altiva, almeara de paixão ou guerra, balcão para suspiros de amor ou à alertas guerreiros; — nos nossos lares de hoje quando a aventura nos tenta e partimos, ou a voz de Deus nos chama para a cruzada santa; através das idades, através de todas as vidas, — a mesma atitude serena, o mesmo gesto, o mesmo olhar maguado e húmido sorrindo, numa longa

miragem de almas, lentamente, iluminadamente, vem para mim.

Figuras antigas que eu albergo na minha alma antiga, lago saúdoso, vejo-as vir... Sôbre cada uma, no mistério de Amor que é cada vida feminina,—divinisantes, pairam a Morte e a eternidade,—num vôo de asas que lhes serve de auréola,—luz que nós comungamos e, a alguns, nos torna iguais a semi-deuses.

Elas mal sabem... Elas são as que esperam e sonham, ou se deram e choram talvez... Porque, divina argila para esculturas divinas, não as afaçou, a todas, a mão suave que liberta e exalta, ilimita e dá asas, no Amor...

Trazem em si, irrevelado, mal adivinhado, um poema olímpico que só algumas vidas soletram ou cantam, numa ilusão ou numa ditosa oferta escrava, em beijos, lágrimas, silêncios, êxtases de amante ou arroubos celestes de mãe...

Vão pela vida escutando a melodia ignorada ou o mistério suave que é toda a vida sua...

Algumas não souberam esperar a sua vida irmã. Outras, numa ilusão dorida, tiveram calvários.

Em milhares de amantes só uma foi a Amada. Guardam em si, muitas delas, com a dôr da delusão que chora, a esperança que volta a percorrer, de olhos fechados, o caminho igual...

Mulheres sempre, se o Homem lhes não entenebrece a essência,—são as fontes perenes, os

berços em que sonhamos, os regaços bons do nosso repouso.

Dão-nos a embriaguez do ólvido, a infantili-  
dade que suplica e se humilha, a brutalidade que  
afaga, possui, envolve, e embala.

Mães e noivas, (as bem amadas, cabem lá!...) —  
conchegando-nos ao peito aprendem a arrolar  
os filhos, e, numa noiva, nós amamos, sempre, a  
nossa mãe, melhor.

Elas são as inspiradoras de toda a Beleza.  
Cada acto de génio, de bravura ou bondade, num  
homem, é o reflexo dum Amor de Mulher.

Tesouros desconhecidos, terras bemditas que  
ficam tanta vez maninhas ou que a sombra do  
nosso egoismo torna estéreis e a nossa pequenez  
áridas e inimigas.

Mulheres dêste século imorredoiro... Mulhe-  
res de França e Inglaterra... E vós, Mulheres  
raras e Santas de Portugal, que soubestes calar a  
vossa dôr materna, e sorrir sôbre as lágrimas,  
e abençoar os guerreiros, exaltar-lhes a alma, cin-  
gir-lhes o elmo invulnerável da fé, cingi-los do  
vosso Amor...

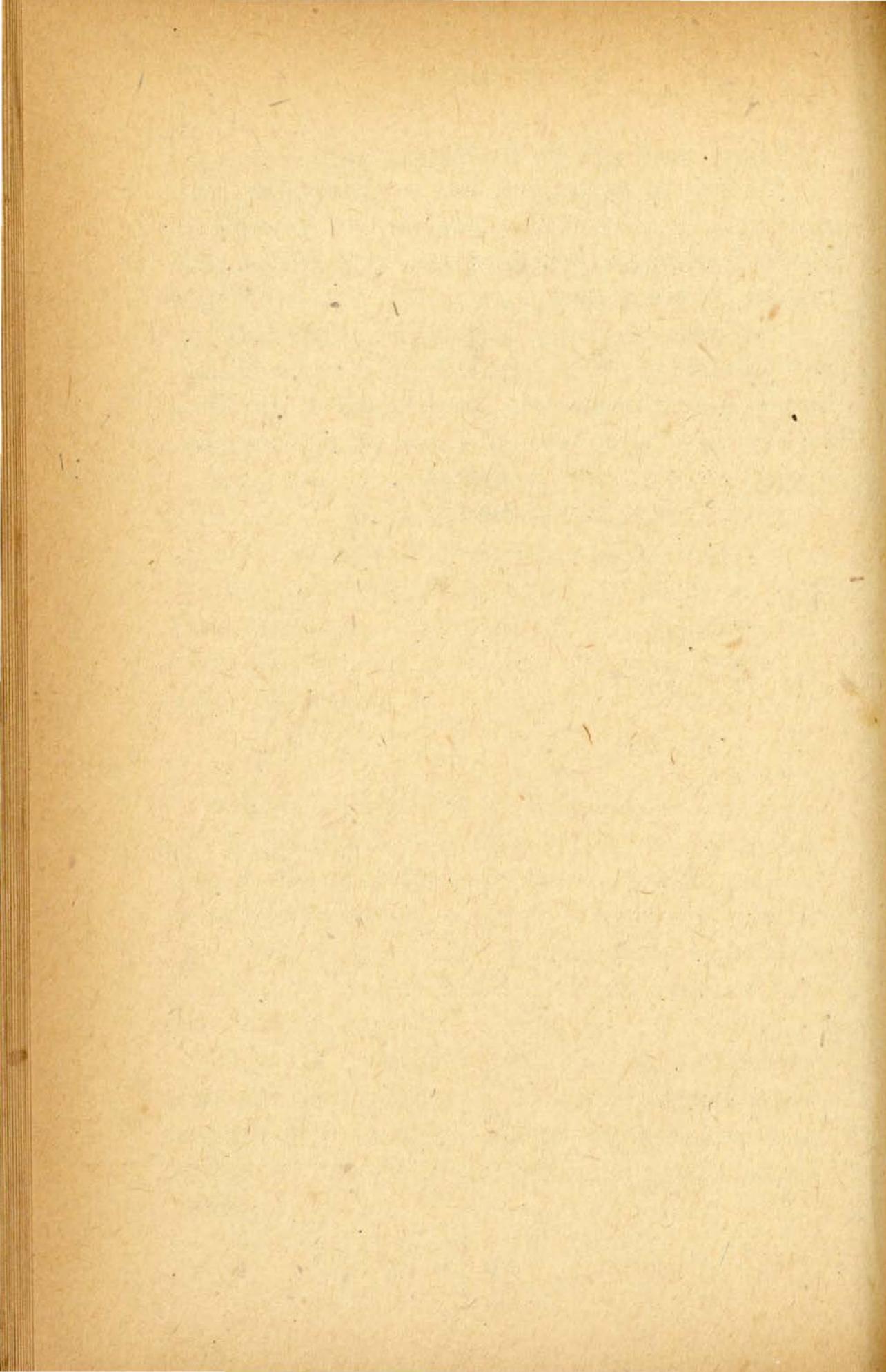
Sôbre as cabeças vossas, de olhos chorosos  
anda, irmão da Morte, o Amor, e nós partimos  
orgulhosos e fortes, e combatemos e morremos  
porque sorristes, — vós, a palma única, o laurel  
divino...

Dôces mulheres de Inglaterra...

Na luz da tarde, no sorriso vosso, na minha emoção de Soldado-Cavaleiro, o Amor e a Morte fundem-se, penetram-me, num divino antegosto da eternidade...

Por vós, de novo comunguei divindade e, noivo da Morte, sou agora a Vida glorificada, radiante, o desafio que não teme, a dádiva orgulhosa, a primavera perene, um canto erguido, face ao perigo, como uma lança ardente...

— *Good luck! Good bye!*



## CALVÁRIOS DA FLANDRES

### I

Ao meio do tumulto propositado dos bandos políticos, sôbre a inconstância repetida e as incapacidades de uma série de mediócras experiências, entre os mil egoismos duma turba que se julga culta, ignorante da sua Pátria, — surpreendeu-nos a hora formidável que desencadeou a Guerra Grande.

Integrados na miséria comum duma luta de seitas, sem termos sofrido, no nosso corpo, o cáustico que virilisa as almas, — poucos de nós a sentiram aproximar e a viveram.

Em todos os povos, pela terra fóra unidos numa comunidade de ideal e perigo, — ergueram-se vozes. Escutaram-se as almas. Disse-se o acto necessário, a atitude imposta pelos altos interesses da civilização e da raça, e ainda marcada pelas razões que, sem ofender a dignidade dum povo,

lhes servem os materiais interesses prevendo os perigos do futuro.

O altruismo religioso e nobre, o honrado egoísmo que ampara a vida de cada estado e a fortifica e amplia, a atitude necessária e fatal, esboçaram-nos as almas vivas de cada Pátria verdadeira.

Calaram-se as vozes que dividiam enfraquecendo, tombaram os ódios que podiam esmorecer a fé.

E, em cada Pátria, cada vida sincera, cada alma atenta, recolheu-se, respirou a gravidade do momento, ouviu a voz de eternidade que lhe marca os passos desde o início ao túmulo, fundiu-se na grande corrente de tradição, orgulho comum e fôrça que é a alma dum povo, — armou-se de coragem e fé, rezou e lutou, perseverou e combateu ainda, resistiu a todos os assaltos, ganhou no campo dos combates como no campo das consciências.

A morte, o horror e o desvairo nas linhas, as manobras torpes, as campanhas miseráveis à recataguarda, por toda a parte as venceu a fé, a constância, a inteligência das almas, em cada Pátria verdadeira.

Foi assim que, dia a dia, como as flôres abrem, se realisou a Vitória de Deus.

E a minha Pátria?

Nesta Flandres tão formosa há meses, apesar da lama, das chuvas tristes e das neves de in-

verno, tão do nosso orgulho e dum sonho lusiada, — pelos acampamentos onde os soldados desamparados se gastam de saúdades, por cada campo, em cada pobre tenda, — páro, escuto...

E oiço queixas, palavras amargas, acusações, blasfémias...

Não é a guerra, o sofrimento, a ameaça inglória da morte numa noite de aviões e metralha que lhes dói na alma...

Sôbre as saúdades da terra donde são exilados, fere-os o abandôno a que os votaram *os outros*.

Se o egoismo por demais fala neles e alto, é porque, para lá do seu sacrifício, dominando-o, não enxergam a presença amorável da sua Pátria.

Se o deixamos entregue aos seus ressentimentos e à intuição dos crimes que o vitimam, — cada soldado é um ódio e um deprêso.

Que o soldado soube do grande crime! Que o soldado sabe!... Fala da covardia e do egoismo dos outros com silêncios que ferem mais que todos os insultos. E já sabe dizer a palavra traição...

Sofre de todas as misérias e de todas as ausências, êle que veiu, em oferta pura, adivinhando, sem saber, e sofreu e bateu-se...

Êle ouviu as palavras deletérias e viu as fugas miseráveis, o êxodo que o deixou sòzinho no destêrro...

Como antes do embarque resistira à mais vil das campanhas, vem resistindo aqui, (até onde,

meu Deus?), às defecções do egoismo, às dissolvenças das faltas acumuladas e ao vento envenenado, apatriótico, negativo que sopra de Portugal.

Que lhes deu a Pátria? Portugal que lhes dá? Ao menos o inimigo deu-lhes possibilidades de glória, a nobreza púnica das feridas, — a exaltação de certas horas ardentes...

\*

E sigo, escutando...

Uma grande tristeza me domina e oprime...

Soldados, que uma Pátria abandona! Um sonho renegado e mentido...

Depois vou com êles, em certas manhãs lindas dêste verão flamengo prenhe de ameaças e, pelos campos cortados de trincheiras, é, para os da minha raça, a tarefa inglória, dolorosa e pequena, — que fez de nós, no dizer dum último comunicado, *des admirables remueurs de terre*, — Senhor Deus!...

Revejo, vivo ainda os dias formosos da minha alegria...

As expectativas confiadas e decididas dos meus homens, o orgulho com que compensávamos, lá, a ingénua ignorância que tantos acarinhavam da nossa vida guerreira...

Lembro a alegria ofegante de depois das horas vivas e tumultuosas.

As noites pesadas de ameaça, ou ardentes, iluminadas de decisão e alma.

Rondas na trincheira, ansiosos passeios entre as linhas adversas, ofegantes corridas sob os estilhaços, pelas trincheiras batidas, e a alegria de, enfim, ser junto deles, comungar com êles o perigo e o heroísmo!...

Depois, ao fim duma longa noite, quando os corpos moços começavam a ceder ao cansaço, com os últimos tiros, a rendição...

Os meus homens, enobrecidos de fadiga e lama, sorriam ao meu orgulho... Um ou outro ficara... Mas se os levávamos vivos na nossa alma e um vento jóvem, primavera da Vida reconquistada, nos beijava o rosto?...

E trazíamos todos a cabeça alta, Senhores!...

Ontem, um grande chefe inglês (General Birdwood) veio vêr-nos. Trouxe nos a nobreza do seu sorriso, a gentileza das suas palavras fidalgas...

Afagados, — nós que sofremos à míngua de carinho — sorriamos-lhe, altivos e agradecidos...

Veiu dizer-nos que as horas de provação iam ter seu têrmo. Estávamos à beira do último arranque inimigo, para sermos do muro que devia detê-lo, domando o furacão formidável, enraizando as nossas vidas, à profundidade da morte, por êstes campos, aqui...

O inimigo amontoava divisões na nossa frente.

Uma grande ansiedade pesava no ar...

15 de Julho... E o General sorria, fraterno e admirado.

Nós, sôbre a alegria que êle nos deixára, e o acre ressaibo de orgulho que as suas palavras erguiam nas almas ardentes e guerreiras, — pusémos a dúvida...

— Ah! o ataque iminente, o furioso alude há de vir, despenhar-se... Mas nós...

Nós duvidámos que Deus nos permitisse a honra de o esperar, de o agüentar ali... Tão desamparados andávamos então!...

\*

Vai pela França um arrebol esplendoroso de esperança e vitória...

Adivinham-se as derradeiras horas decisivas e suprêmas.

As eternas fôrças acumuladas vão despenhar os ataques indomináveis...

Minerva fere o chão com sua lança de guerra. Os exércitos da Vitória vão irromper do seio imenso em que os milagres se geram e a Vida se corôa...

Os soldados-apóstolos daquêem e dalêmar dilatam os peitos sob as armaduras laceradas... É a largada suprêma, o arranco definitivo!...

O céu da Gália resplende de Vitória, heroismo, incêndios...

As fôrças de Deus, libertas, despenham-se, rompem, ígneas torrentes balbuciando, com lábios de fogo, estrofes ardentes dum canto homérico jámais ouvido...

E os soldados de Portugal, dilatando os olhos, sem ouvir as vozes que redimem, invulnerizam e exaltam—esperam, blasfemam, acusam.

Ó tristíssima tarde que viste Alcácer Kibir!

\*

Sôbre os plainos da Flandres erguem-se calvários...

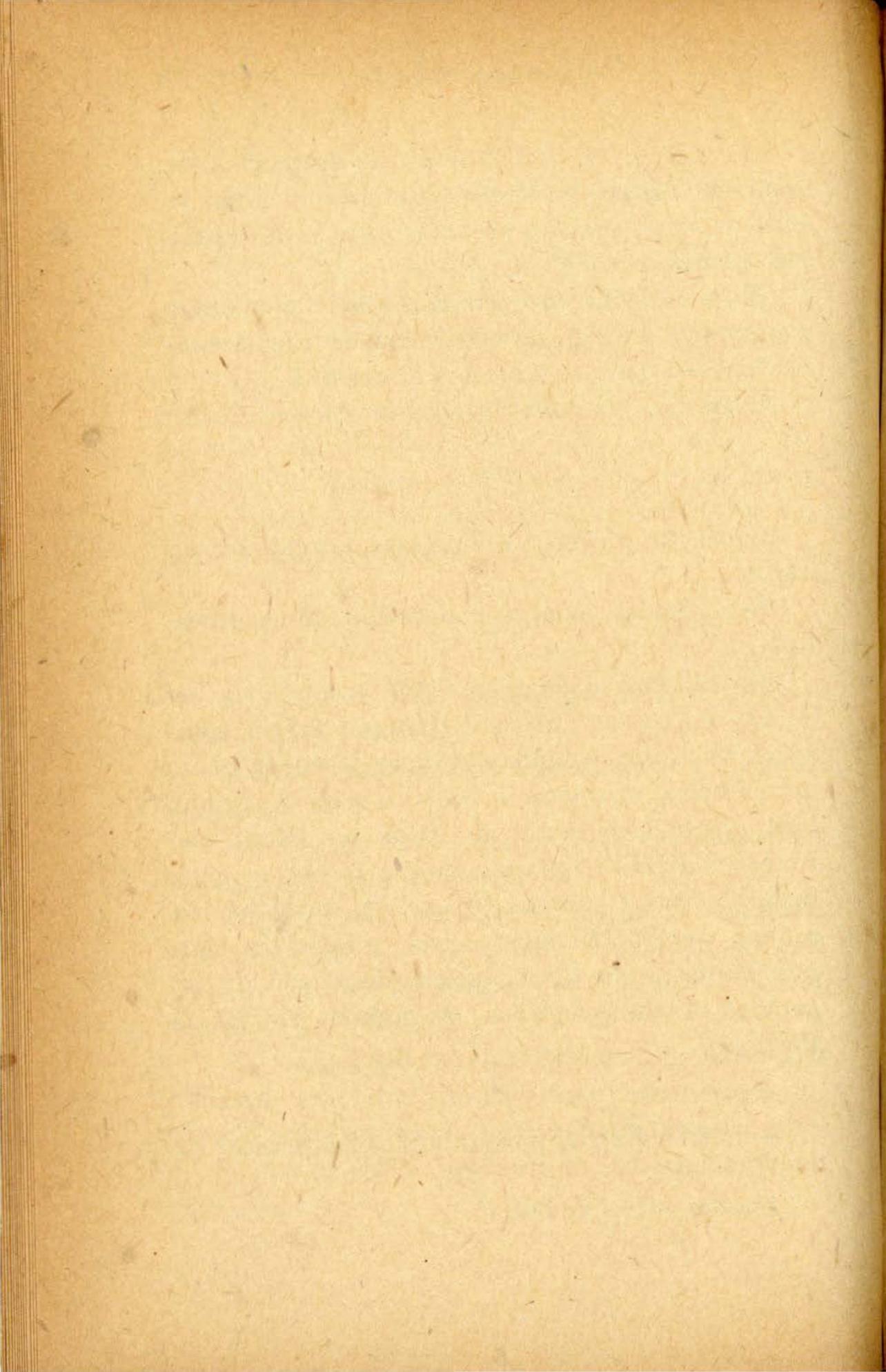
Crucificadas, exangues, agonizam almas lusíadas...

No calvário mais alto, tendo nos olhos a luz de Deus que um futuro longínquo saberá compreender emfim, agoniza, devagar, devagar, cheio de saúde, evocando o Milagre que, da minha raça, gente sem Amor de Deus ou Pátria não soube realizar,—agoniza, morre talvez, o mais formoso sonho lúsitano, o que fez sorrir no céu a alma de Nun'Álvares e, nas campas do Mar, nos Panteões da Raça, agitou, desvairou de esperança as almas eternas, os grandes mortos de Portugal!...

\*

—Pátria, Pátria, porque nos abandonaste?...

Flandres — Julho de 1918.



## AVIÕES AO LUAR

**Q**UANDO a noite se fecha como se o dia fôsse uma flôr de alventes perfumes e, sôbre um luar tímido, as estrêlas vão de horizonte a horizonte na branda curva do céu, — a terra morre de penumbra, encanta-se de silêncio...

As formas adoçam as atitudes maguadas, remoçam, na sombra, as ruínas e os escombros... Recompõe-se a paisagem, revivem as coisas mutilâdas...

Nos templos de ogivas não abrem os vitrais seus floridos olhares, nem à sombra segredam afagos de íntima luz as janelas das casas humildes...

É a noite pura sôbre a terra antiga. E é mais formoso o céu, messe infinita de oiro... Jardim das Hespérides que a terra julga limitar no abraço curvo do horizonte veludíneo de penumbra, ao longe... As estrêlas abrem seus olhos trémulos de luz doirada...

Pelas estradas largas e anoitecidas, entre as grandes messes, parou o trânsito. A última carrêta levou o último fugitivo da cidade morta.

No burgo silente ficaram as ruínas, as coisas abandonadas e as vidas humildes que se conformam, esperando as granadas.

Ao longo dos caminhos, nos portais das herdades, vigiando o céu formoso, os velhos e as esposas, como as noivas, enquanto os pequenitos tombam, cèguinhos, no primeiro sono, — ficam, em silêncio, escutando...

Ao alto, esbatendo o ruído dos motores, perdem-se, esbatem-se na maré da noite os aviões da última patrulha que regressam ao campo.

E da linha, e das baterias, veem ecoando, sem alterar o silêncio, tanto se integraram no tom da paisagem, — vozes dos canhões que, adiante, abrem boqueirões de fogo...

As estrêlas, ofegando oiro, sobem as encostas do céu... A lua enorme ascende no céu cada vez mais claro em que as estrêlas pálidas se afundam.

Na cidade morta abraçam-se, confundem-se as ruínas espectantes, sobressaltadas a cada estrondo...

Vejo-a como um montão disforme prene de calafrios e lúgubres ressonâncias contidas.

Trago nos olhos a visão de cada limiar deserto e a daqueles onde velhas figuras fatigadas e resignadas, fieis ao lar, se confundem com as ruínas.

Atravessei as ruas desertas. Julgo ainda vêr espectros perfilados nas ruelas mais negras, fantasmas errando preságios... Um cão perdido farejava os escombros.

Pelas janelas desorbitadas, olhos enlouquecidos, — nas casas em ruínas, — brilhavam as estrêlas...

Um silêncio de além mundo corria as ruas desertas.

Viv'alma... Que os velhos que ficaram já não são desta vida, — sombras ambulantes...

Lembro a única voz viva... A da água borbotando, violenta, algures, inundando a rua, povoando o silêncio transido...

Lillers, amortalhada, espera...

E nas suas ruelas, onde as ruínas se amontôam, — ressoam ainda macabros, os ecos das explosões que todas as noites a retalham.

Depois pelos campos perfumados de colheita, através das árvores frondosas, vejo perlar um pranto de estrêlas...

Acampamento. Ao longo dos arruamentos mal se distinguem as tendas camufladas... Os homens conversam, riem, há gargalhadas altas...

À porta da minha barraca juntam-se camaradas... Depois, lentas, arrastando-se, as notas do *Silêncio* ficam, demoram-se no ar...

E o silêncio, aos poucos, abre as asas moro-

sas, largas, afogando os ruídos, sufocando os sons, como a sombra as formas...

O silêncio e a sombra penetram-se, possuem-se, casam-se, são o encanto da noite...

Dir-se-ia ouvir-se o remontar da seiva nos troncos peçados de frutos...

Na minha tenda, enquanto fóra falam, na sombra,—na minha tenda em que a luz se concentra prisioneira,—escrevo, rezo...

Sôbre o dia morto ergo a alegria duma oração ou dum verso.

Escrevo ao meu Amôr, sirvo Deus ou modelo a argila suave dos meus ritmos.

O tempo vai, rio de águas serenas, entre margens brandas...

Súbito, alguém me chama.

É o àlerta dos aviões *boches* no céu atónito.

Longe ainda, ronronando ameaças, carregados de pecado e morte, arrastam-se, pela noite maguada, e o seu rumôr cresce no ar ferido, vem sôbre nós, passando as estradas alventes dos fachos que devassam o céu.

Os projectores abrem as pupilas ardentes... A cúpula do céu, a noite dolorosa, é um coração com sete espadas...

E o ruído, ronronando, arrasta-se, redobra, irrita, rompe pelo céu fóra, e é iminente agora, paira por sôbre nós ameaçando, gerifalte a farejar a prêsa das alturas do céu.

Dir-se-ia que as estrêlas se escondem sob as asas negras do monstro, lá no alto.

Em largas rondas que os fachos luminosos mal precisam, enervando a noite um avião persiste...

Os outros vão longe, com sua carga de morte, às cidades distantes, despertar em pavôr a inocência que dorme, atroar de ruídos e chamam os burgos conchegados no mesmo receio, ao luar...

Mas eis que, sôbre nós, o monstro amacia a voz, relenta o rouco respirar de ameaças... Os motores alteram a marcha... A ameaça fixa-se... Os corações suspendem-se...

Possessas, as pupilas dos projectores devassam, mergulham, varrem o céu fechado...

Os motores param, baixos...

Tudo cala, espectante...

E uma a uma, sibilando, num ruído crescente, caem as bombas, incendeiaram a noite, uivam os estilhaços, cai a terra em poeira, passam, correndo, sombras...

Depois a féra lá vai, — alada e oculta, despejando as metralhadoras na direcção dos projectores teimosos. Como aerolitos, acendendo ígneas trajectórias, as balas riscam o céu.

Mastins furiosos, os projectores teimam, revolvem a sombra, esquadrinham a noite, farejam, varrem, não descansam. Os fachos, longas pétalas alvas que se cruzam, confundem e dissociam, ofuscam o luar e as estrêlas em naufrágios de luz.

De repente, além, adiante, na intersecção mais viva das grandes pétalas cruzadas, águia branca em pleno vôo, — o avião surprêso, encarcerado, vai...

Libélula que a luz queima, em sua prisão ambulante, não o largam os mastins enraivados...

Num galope acorrem, desferindo luz, de cada canto do céu.

A prisão reforça-se, as cadeias de luz sufocam-no, desvairam-no...

E as granadas abrem já, à roda, seus cálices de fogo. Crepitam as metralhadoras...

Pelas estradas, os anti-aéreos atrôam a noite, deslocam-se, vomitam granadas...

Os homens seguem a luta, a caça ardente, numa alegria doida. Adivinha-se o drama que se joga lá no alto...

A morte ameaça, os estilhaços róem, apertam, cingem, vão esmagar o monstro alucinado, cego da luz que o mata... Ainda as suas metralhadoras riscam o céu... Demoradas, as detonações chegam e são já como ralas de moribundo.

Exposto, no seu cárcere de luz, entre rosas de fogo, o monstro vai, cambaleando, lêso talvez, perdido...

O desejo da morte, a ânsia acre do sangue, os velhos ódios, as fúrias sedentas, uivam no coração, fuzilam no olhar dos homens.

Os roncões da féra, irregulares, esbatem-se, recrescem, caem, sobem de novo, irrompem num

último esforço. E, súbito, o monstro escapa ao círculo de luz que o leva como um féretro.

\*

Calou-se, na noite cansada, a sua voz infame. Moribundos, depois da queda em vertigem, sôbre as vértebras desfeitas do monstro, gemem os tripulantes em agonia...

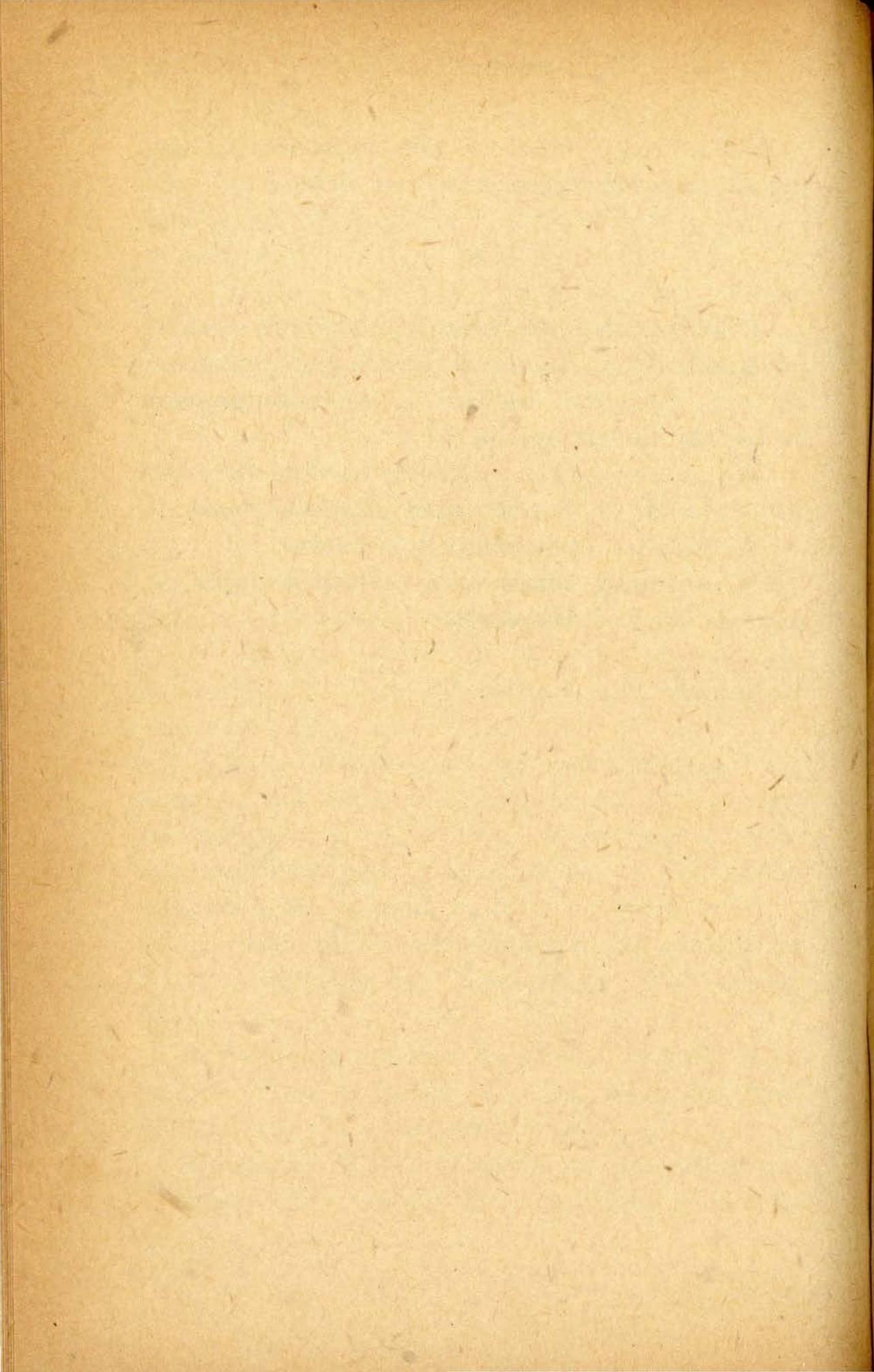
Apagam-se no céu os clarões imóveis. Cerram-se, na roda do horizonte, as pupilas ígneas...

As estrêlas renascem, o luar revive...

E as coisas, sonâmbulas, voltam a ouvir de novo as canções das estrêlas.

15-7-918.

*U. A. de Castro*



## CALVÁRIOS DA FLANDRES

### II

**A** RECTAGUARDA das linhas onde se avança e morre, num país de ruínas que ano passado era risonho e mais nosso,—no meio de bosques destroçados e aldeias desfeitas, entre muros rôtos ou sôbre escombros,—acampam os batalhões de Portugal.

De vez em quando, e sobretudo em certas noites mais claras, o inimigo bombardeia-nos. E as granadas ou bombas caem sôbre os nossos pobres domínios, para magra consolação do nosso calvário e exaltação momentânea do nosso ferido orgulho.

De cada unidade, comandando os soldados da primeira hora, a maioria dos oficiais chegou há pouco a França.

Os outros déram, muitos deles, por cumprido o seu dever... E deixaram-nos...

Em cada batalhão a quási totalidade dos sol-

dados não beneficiou de uma só licença permitindo revêr, a estas almas saúdosas, as terras sempre dôces de Portugal...

Um grande silêncio, como desde a primeira hora, em Portugal e aqui, um grande silêncio continua ao redor das suas almas capazes de todos os milagres...

Entregues a si mesmo, só a intuição confusa dum dever sagrado lhes alumia os actos.

Raros são os que os levantam nas horas de desânimo e lhes inspiram fôrça nas horas de abatimento.

Porque, nos dias que passam, inglórios e sem altura, aos soldados de Portugal, doridos de abandôno, só os guia, quási, e ampara, a vaga consciência que o seu instinto apreendeu da hora.

De Portugal nem um refôrço.

Aqui todos os egoismos à solta...

Parece foi a nossa guerra um crime. Que o gesto eterno que nos trouxe aqui, parece,—foi um gesto maldito à sombra do qual, a combatê-lo, se organizaram, se fortaleceram e, em aparência, venceram quantos valores negativos e apatrióticos ou cegos vegetam em Portugal...

Que 9 de Abril ecoou em Portugal como a nova diabólica dum castigo justo.

O triunfo alemão abordando Paris dava então alegrias mais vivas...

Os que haviam ficado, os que nos abandona-

vam, iam ter o seu triunfo. Êles, sim, êles haviam tido razão.

Nós, nós só havíamos cometido um crime...

Vingar a afronta, reorganisar-nos, honrar os mortos da Flandres?... Qual!...

*Deutschland über alles!...*

Paris ia cair! O passado glorioso, a Ordem soberana ia ser coroada pelos Prussianos em Paris! Era preciso liquidar as responsabilidades da nossa guerra...

Demais Portugal déra já o seu esfôrço. Para quê mais guerra? Pois um convénio militar com a velha aliada não podia, até, honrosamente, pôr fim ao nosso esfôrço guerreiro?...

A intervenção não passára de um crime aos olhos cegos, interessados de muitos. O 9 de Abril fôra uma expiação, diziam...

E já, em Portugal, uma outra se déra, como a preparar esta...

Adiante... Adiante... Com pecados mortos não se exaltam fôrças... E êsses pecados já os resgatámos nós.

\*

De há muito, na Flandres, oficiais e soldados de Portugal, abandonados, expiam a ousadia criadora, o iluminado pensamento que nos arrancou ao mais miserável dos Restelos e nos colocou aqui...

Os gemidos das linhas não chegaram nunca a Portugal. A consciência da hora eterna não austerizou os sentidos desvairados que em Portugal viviam ódio ou indiferença apenas.

Todos nos queixávamos. E que desprêso, meu Deus!

Que o nosso maior inimigo, a hostilidade mais perigosa, vinha-nos de Portugal.

Até a atitude espectante, honesta, pura da grande massa, envenenaram e prostituíram, êles!

As mães e as noivas dos nossos cavadores tinham dado os seus amores à guerra, com lágrimas e sem blasfémias.

Um dia, porém, chegou em que os aplausos da rua, falsa apoteose feita de aparências, — fôram blasfémias atingindo a Pátria e Deus...

O povo das planícies e dos montes, da beira-mar e das encostas lavradas, não ouviu o ramor defectista que precedeu a nossa partida como não seguira as atitudes miseráveis de revolta e fuga, — possesso, no seu profundo instinto, do tom sagrado da hora, submisso a Deus.

Um dia, porém, começou a perder, aos poucos, a fôrça formosa de resistência e de criação... Envenenaram-no...

Disseram-lhe as palavras que secam as fontes vivas. Amarraram a pelourinhos de ignomínia

as ideas e os homens que haviam traduzido o grande imperativo nacional.

O povo, sem culpa, adormeceu, deixou-se vender...

E não veio um soldado... As cartas de Portugal, muitas, traziam razões de desespero e provas de traição.

Quem de nós se lembrava?

Ah! Fôra na verdade um crime trazer-nos de tão miserável gente a tão formosa romaria!

Alemanha! Não que te admirassem ou conhecessem, êles! Não que o seu crime os ligasse à vossa expiação...

Não que fôssem traidores, Senhor Deus, à causa santa que viémos, por tua vontade, defender.

Os pecadores de Portugal não sabiam da tua causa, uma réstea de verdade apenas.

Ignoram-te, ignoraram-na.

Cegou-os a visão torpe, estreita, unilateral dos seus ódios dementes e pequenos...

Atraçoaram-te, Senhor, e à Patria, porque vos não conheciam. Eram pequenos demais. E os homens não são anjos.

Emquanto nós sofriámos na Flandres morte, humilhação e abandôno, órfãos que éramos,— havia gentes em Portugal premeditando novas traições, possessas do demónio, esquecidas de tudo, miseráveis, miseráveis...

Nas horas graves em que a honra de Portugal

era diante do mundo, de razões mesquinhas armaram a revolta. E mataram.

E o coração da Pátria, na Flandres, sangrou pelos nossos olhos, porque venceram, êles...

Êles eram os que não comungavam na nossa tábola redonda...

E começaram as deserções e as dúvidas...

Êles eram os que não tinham fé nem sabiam adivinhar, no amor de Deus, as soluções dos dias futuros através das brumas e das dúvidas da hora presente.

Valores negativos, turba, demagogia, a unica demagogia, o perigo mór das horas em que só as tiranias do génio e do ideal redimem e salvam...

Os dias flamengos tiveram horas de sol com horas de amargura...

Os lusíadas da Flandres bateram-se, cobriram-se de glória em certas manhãs de março... E, entre nuvens de gases mortais, muitos cegaram, caíram envenenados, mais da tua ignorância e do teu desvairo, ó terra de Portugal, que das toxinas das granadas germânicas.

Mais cruces se ergueram, humildes, nas planícies da Flandres.

A tua grande cruz, ó meu sonho lusitaníssimo e ardente, — enquanto, lá em baixo se jogavam os dados, e te esqueciam e te negavam, cegos, começou a erguer-se em cada coração vivo, sôbre calvário sombrio da nossa raiva de filhos desamparados e órfãos...

Que nobres tarefas se cumpriam na nossa terra, que destinos altos se prepararam, sôbre o nosso destêrro!

Ah! como são vazios, nulos, irreais êsses dias sem alma!...

O 9 de Abril apenas rasgou a névoa da Flandres de alucinados clarões e tumulto e loucura...

Os soldados das linhas foram leões debatendo-se. A artilharia rugiu de desespero.

Depois, por certas estradas, foi o tumulto da fuga enquanto em últimos reductos, Lacouture, Saint Vast, — os últimos condestáveis serviam sua honra com beleza e cóleras heróicas...

Em Portugal, silêncio!

Mas os cavaleiros de Portugal não deixaram perder a honra da Pátria, sua Dama. — Soldadinho que cantas, despejando balas com a tua Lewis enraivada e ardente, Major Pissarra, Bento Roma, capitão-condestável, tenente Gouveia, Jaime Leote do Rêgo, padre Caetano, padre Melo, Sacadura Cabral, — e vós artilheiros, Braz de Oliveira, Domingues dos Santos, Mendonça e Pinho, Beleza dos Santos, Camacho Brandão, vós todos, formosas figuras assistidas de Deus!...

E a onda fatal espraia até Merville enquanto os escoceses chegam, admiráveis, e os últimos soldados guardam os últimos redutos de Portugal!

Depois chega à nossa terra, bate a todas as portas, corre as casas cerradas da minha gente...

Devia ser como um clamor de revolta, de dôr creadora e exaltante, a clamar desforra, a levantar os mortos... Devia ser...

—Meu coração que viste? Que adivinhaste, ó minha alma dolorosa? Ah! que se eu não sentira como és a minha Pátria, ó minha esperança, — se não soubera dos meus irmãos cavaleiros e do grande povo que no silêncio espera, — renegava de ti, còrava de ser teu filho!...

9 de Abril! — para alguns, tu foste a primeira expiação do *maior crime da nossa história*, aquela dos exilados que longe da Pátria expiavam a sua fé e o seu sacrifício, no silêncio ou diante da morte.

Depois... nem um soldado... Fugas, deserções, misérias...

Pobres dias da Flandres!

Romperam as horas doiradas, violentas das primeiras vitórias — Julho, Agosto, Mangin, Gouraud, — os elanços eternos, as primeiras jornadas supremas!...

Deus exultou no coração dos seus soldados. Era a Vitória!... Já nós sentíamos a surpresa vencida de certas gentes em Portugal... Nas *etapes* gloriosas mal se avistava, entre as legiões da Vitória, o estandarte do nosso Amor.

Uma tristeza sombria caiu sôbre os acampamentos lusos da Flandres...

Que humilhação, meu Deus!

Quantos éramos, quantas almas vivas? Poucas? Algumas?

A maleita de Portugal que engendrara tanta falta insanável, tanta má-vontade e tanta inércia, nos dias passados, ausentes do grande sonho formoso, — complicava-se agora no desânimo de quási todos, da cólera que, por todas as bocas, os accusava, a êles.

Negação, negação!... Os milagres precisam duma atmosfera. Deus mostra-se aos homens sómente em certos dias de Sol.

O sol dêesses dias era feito de fé, excedência, confiança, optimismo e orgulho. E os pecados de Portugal tinham-nos roubado, a quási todos, o Sol.

Entretanto a glória ia em marcha. Só os soldados de Portugal, com excepção de alguns artilheiros felizes, a não serviam, a não acompanhavam, senhores!...

Marasmo, protestos, negação, inércias, negativas vontades, oposições inconfessáveis, impotências dolorosas, críticas famintas de justificar suas misérias...

Em silêncio os últimos condestáveis da Flandres juntavam suas amarguras e suas esperanças.

Ao alto da miserável selva escura brilhavam  
as franças iluminadas de meia dúzia de almas.

Era preciso um milagre, uma aleluia.

Far-se-ia o milagre! Éramos de Portugal!

*1912. de Junho*

## SEARAS DA MORTE

ANTES da ofensiva de Abril, por êstes campos fóra, eram as sementeiras. Dormiam na terra, mal desperta do inverno e das neves, as sementes quando, de súbito, vieram as horas tumultuosas que despovoaram *fermes* e aldeias, revolvendo a terra, mutilando as árvores, desmoronando as casas desertas e ensangüentando os canais.

Voaram as pontes, vedaram-se de arame farpado as estradas batidas, cada cratera foi um parapeito, uma trincheira cada vala.

Os portuguezes heróicos das linhas e redutos, os escosesses admiráveis que através dos campos barravam o estuar da onda, a artilharia impetuosa e serena que se cobriu e a Portugal de glória, fôram os parceiros primeiros em que o forte alude veio bater...

Enfraquecida, diminuindo o ímpeto, apercestando-se, ela tentou infiltrar-se por entre os obs-

táculos mais firmes, — refluíu, indecisa, teimosa, e, impotente, esgotada, dominada, ficou...

Através dos campos que o trigo nascente verdejava, fôram primeiro as pequenas covas, os postos isolados que, à noite, os *boches* vinham ocupar, na frente de posições mais seguras... Depois os elementos de trincheira protegidos, à pressa e na escuridão, com ténues rêdes de arame farpado... E estas improvisadas, vagas irmãs inferiores das trincheiras de outrora, começaram a riscar, nas fotografias da observação aérea, os campos já pontuados de crateras negras. Nos cruzamentos dos caminhos, junto das taboletas em português e inglês, outras alemãs orientavam as marchas e os deslocamentos. Sob o fogo violento da artilharia inglesa, as aldeias, soterrando, carbonisando *boches*, apressaram suas ruínas, e a par dos cemitérios em que os amoráveis soldados da Grã Bretanha e de Portugal dormiam afrontados, ergueram-se as pesadas cruzes dos soldados do Kaiser descansando em Deus...

Mas o *boche* avançara demais. Expostos os seus flancos ameaça duma grande manobra que estrangularia o saliente, esmagada pela nossa artilharia, — dissimuladamente, desguarnecendo as posições avançadas, largando dia a dia o terreno, quando a ofensiva de 18 de Julho, vitoriosa no Sul, tornou impossível o longamento preparado

e iminente encontrão que nos levaria, aqui, nestas terras chãs, de novo no roldão impetuoso da primeira hora, — a Alemanha começou a retirar...

As patrulhas inglesas encontravam a improvisada linha guardada por cadáveres mal sepultos. Alguns *raids* deram em falso o impulso forte que levavam em si.

Pelas trincheiras abandonadas vigiavam os cadáveres abandonados... O trigo ia alto, aloirando.

E a espessura loira da messe, aqui e além, guardava o sono ensangüentado dos guerreiros germânicos.

Os capacetes, as espingardas, as granadas que se arremessam como dardos, a impedimenta ligeira do infante alemão, um braço decepado e sêco, um capote sangrento, os abrigos em que se entra rastejando, os *very-lights* deles (Leucht Patronen), as máscaras abandonadas, as enormes fitas dos cartuchos para metralhadoras, pelos campos fora, aqui, além, disseminados, dispersos, manchavam o oiro doente desta messe torturada...

Dia a dia o *boche* cedia o terreno ásperamente ganho...

Os comunicados anunciavam ao mundo as pequenas deslocções da grande linha.

De parte a parte homens iam caindo, feridos ou mortos.

Os prisioneiros passavam por nós, vagos e abismados, enlameados e miseráveis, ou de cabeça alta...

A linha avançava sempre, na emprêsa de desforra que não era nossa...

E em nós, pelos corações de Portugal que não seguiam as pègadas do inimigo por êstes campos onde a vitória nos não fôra amiga, — em nós, uma grande amargura nos feria o orgulho...

Através da vasta campina flamenga em que o oiro mal cingia o tumulto dos escombros e das crateras acumuladas, passava a morte, tombavam as torres, as explosões exumavam, os cadáveres enegrecidos nos cemitérios violados...

Árvores e casas, pontes e caminhos, na fúria bárbara de vingar a derrota, caíam rasas, saltavam num tumulto... E a vitória avançou através do silêncio das coisas estarecidas em que alguns cadáveres de combatentes punham aparências de vida, immobilizados no gesto, na atitude em que a morte os colheu.

\*

Andei hoje por entre essas linhas improvisadas que as tropas inglesas ultrapassaram. O *boche* ocupa o que foi Vieille-Chapelle, adiante...

O trigo alto que em vão espera a ceifa e os coveiros, por toda a parte guarda fúnebres surpresas.

Junto de Tombe Vilot um avião desfeito alveja, com a mancha negra da Cruz alemã numa asa erguida...

Nas trincheiras dispersas que os cadáveres obstróem, pergaminhadas, disformes caricaturas de humanidade, fardas muito largas sôbre os ossos sem músculos, — os guerreiros da Alemanha, com órbitas vazias, olham o céu da Flandres.

Mãos enclavinadas, erguidas ao alto em gestos ansiados de agonia, — caveiras gastas, jogando largo nos férreos capacetes medievos, a desintegração dos tecidos separando as cabeças, os capotes servindo de largas mortalhas em que há lama e sangue. . .

Entre despojos, sigo... Comovido? Triste?

Embrenho-me no trigo alto em que as bombas alargaram clareiras revoltas.

O abandôno daqueles mortos, a miséria daqueles abrigos, a realidade trágica e dolorosa daquela terra mal ferida, — o estupro daquela messe doirada, — pesam no meu coração, encham-me de piedade... E penso, porque Deus o quer, — nos corações alemães que o orgulho e a cegueira louca da pátria alemã não puderam inutilizar para o Amor, e, a esta hora, em cada lar deserto, sem saber, na mais crua das expectativas, aguardam, cheios de temor e cheios de esperança, com a Morte e a Vida encarando-se trágicamente no seu coração.

Soldados desaparecidos... Sabem o que isso é?... Soldados sem túmulo, desfeitos ou abandonados, de quem as listas dos mortos ou prisio-

neiros calam os nomes, e que nem são bem chorados nem aguardados bem... Mortos vivos, fantasmas...

À porta dum abrigo troglodita, obstruído de pobres coisas, garrafas vazias, uma mascara de gases, granadas de mão e capotes sangrentos, — encontrei, enlameado e gasto das chuvas e da terra, um postal ilustrado. *Ein Blick in die Welt...* Um olhar para o Mundo... é o título do quadro de Sartorius que o postal reproduz.

Um bambino gôrdo e róseo, loiro e cheio de refêgos no corpinho tenro, olhos, longínqua, oceânicamente azuis, — arrisca o primeiro olhar no mundo...

E vou a supôr, entre aqueles cadáveres, como nos olhos infantis há já uma sombra atávica de avidez e bruta sêde de domínio, — que me perdôe Deus...

*Gefr. Halse, reserv. Inf. reg.*, diz a direcção a lápis e nas poucas palavras que decifro encontro estas... *Meu querido... tua mãe...*

O meu coração domina a guerra, passa além do que me cerca e olho em mim como num deserto...

Para quê? Estes cadáveres múmias, êste abandono, esta terra dorida, estas dôres, Senhor?...

E a mágua da vida mutilada, vendida a ódios inúteis e às mentiras que embalam os sonhos violentos das raças, — chora no meu coração...

Para quê? Para quê?...

Tem o homem assim de expiar a loucura criminosa das suas vaidades? Pois Deus consente que, no espírito humano, um culto egoista e brutal duma Pátria levante, sôbre bases de violência, tão disformes construções para afronta da vida, sofrimento do mundo e punição final dos que as erguem sôbre os seus corações obsecados, congestionados, esquecidos de Deus?

Que calvários rudes nos faz Deus subir para que a Vida vença e a Sua lei domine!...

A disforme bisama da *Kultur*, alemã, desmorona, cai sôbre a Alemanha inteira.

E eu sôfro, no meu coração de soldado de Deus, as dôres dos meus inimigos sob o flagelo dos seus próprios crimes.

Podará sua dôr redimi-los?

Mas o canhão sôa, nas baterias, por trás de mim... No alto, entre os penachos negros das granadas *boches*, evoluçionam, cheios de ousadia e teima,—aviões inglezes... *Schrapnels* desbancam-se sôbre as nossas trincheiras...

E ao meio da messe enorme onde ficam os cadáveres dormindo,—ergo-me à aleluia da vitória próxima, adivinho a primavera nova, sei que os homens se purificarão dos seus crimes, maguados dos seus arrependimentos. E que as sendas da Vida até hoje ásperas de egoismos, sêcas de piedade, passarão um dia sob os arcos floridos, para levar os homens, mais amoráveis e mais puros, a uma ventura mais segura e melhor...

Olho a morte impassível e frio... Porque uma razão suprema fala mais alto que todo o enternecimento ou revolta da hora,—e respiro fundo, bárbaro renascido, maxilares contraídos, olhar duro,—ansiando a hora em que, de novo, serei a par da morte lutando sob a sua perpétua ameaça, levando-a pela minha mão...

Locon, 30 de Agosto, 1918.

## PRISIONEIROS...

**C**ONTRA sua vontade e obedecendo à exigência dum vasto plano estratégico em que Foch activamente colabora com Ludendorf, — o *boche* precipitou nestes últimos dias, e por toda a nossa frente, a estratégica retirada que está operando.

Para lá de Vieille Chapelle, Lacouture e La Fosse, avançam já as patrulhas inglesas.

As 9 horas de hoje estavam em Croix Barbé e Pont Logy, lugares nossos, onde eu quiséra ver entrar, primeiro que todos, numa cruzada de reconquista e desforra, os soldados de Portugal.

O meu batalhão, a pouca distância da linha vitoriosa e apressada, occupa-se nestes dias grandes, numa tarefa que não faz revoltar de orgulho ferido os portugueses de à beira-mar e muitos dos portugueses da Flandres.

Eu seguia, esta manhã, com o Capt. Burus, raro inglês de maxilares salientes, olhos hostis e du-

ros, quando, para lá de Locon, começamos a encontrar grupos de prisioneiros.

O avanço fazia-se quasi sem artilharia e as rispostas *boches* não impediram os concertos que, na estrada mal ferida e cortada de crateras, andavam operando os soldados do meu país.

Um batalhão do *Cheshire Reg.<sup>t</sup>* estava em reserva ao meio de nós, espalhado pelas casas em ruínas.

E os prisioneiros continuavam passando.

Um grupo, mais grupos, muitos...

Alguns conduziam, em macas sangrentas, feridos ingleses e feridos *boches*, outros caminhando por seu pé, um braço ou o tronco desnudo, mostravam os pensos recentes e purpúreos...

E os vencidos lá iam, magros, atónitos, uma grande fadiga no aspecto, uma miserável desilusão no olhar.

Capt. B... revela-se-me então guerreiro e implacável. Do alto do seu cavalo, ao meu lado, enquanto, a passo, abandonando as rédeas, eu procurava fixar na minha retina a lógica abdicação de um falso orgulho que via marcada pobrementemente naquelas fisionomias vencidas, — o meu camarada inglês tentava o meu espanto e combatia a indiferença com que eu constataba um facto em que acredito há 4 anos já.

E dum prisioneiro pálido, esvaído em sangue, disse-me de cara alta...

«Aquele vai morrer!... *Explendid!*»

E de todos, insistindo:—«É preciso não ter piedade. O *boche* não entende a nossa piedade, senhor... É preciso vingar as ofensas feitas aos nossos soldados prisioneiros, feridos e mortos sem quartel, tanta vez».

Eu recordei certos assassinatos e a infâmia com que a rendição do punhado heróico de portugueses que até 10 de Abril defendeu Lacouture foi recebida por um oficial sem alma de soldado, como um bandido...

Mas obtemperei, vago e distante, que o alemão podia ser um homem, embora o *boche* não passasse dum antropóide.

Que o *boche* vencido voltava a ser alemão.

Mas não expliquei, assim, de forma que Burns, homem excepcional, entendesse bem.

E pensei, muito longe das suas palavras, enquanto quatro Fritz enlameados se alternavam aos varais duma maca, como é ridícula e miserável, criminosa, a pretensão de supôr uma alma nobre a um povo dêstes e julgá-lo capaz, ainda, enquanto uma grande alteração de valores não renovar a Alemanha, — de coisas e empresas grandes...

«O senhor vê-os, diz-me Burns, interessado. Vê-os com essa cara? São os vencidos. Receiam-nos. Caíu-lhes a máscara. Se fôssemos nós os vencidos, ó meu amigo! Bichos ferozes!»

Pensei que, com efeito, em alguns uma vaga humanidade despertava apenas graças à sua con-

dição de agora. E que outros, raros, muitos raros, erguiam o rosto, levavam no olhar uma expressão altiva dura de ameaças ainda...

Mas Burns,—ao meu lado:

—Um oficial *boche*, prisioneiro nosso, ripostava, atrevido, ao ser interrogado:—*Nós, alemães, nunca seremos gentlemen, mas vocês, ingleses, não de ser sempre estúpidos.*—Estúpidos, para o *boche* orgulhoso da sua fôrça de mal, queria dizer, cavalheirescos, generosos, liais, senhor!...»

Eu concordei e o meu desdêm, filho duma raça mais nobre, acentuou-se. Uma sombra de ódio esbateu a minha piedade nascente.

Mas a uma nova afirmação, por demais cruenta, do meu camarada,—sorri, no entanto, acomodando-o... «A baioneta? a êstes? aqui? Vamos, meu amigo... Nós, os do meio-dia e latinos,—é que temos o monopólio dos exagêros, conta-se».

Devo, porém, confessar que fiz o possível para, ao encarar o *boche*, pôr no meu rosto os mais duros vincos de hostil orgulho e de desdêm...

Apeámo-nos. Sôbre nós explodiram, inofensivas e mal notadas, algumas granadas alemãs. Alguns soldados guardaram, nos bolsos, as pequenas balas esféricas ainda quentes,—e Cap<sup>t</sup>. Burns despediu-se de mim pouco depois...

Passavam os últimos prisioneiros...

Dois garotos imberbes, quási creanças arrastando as botas disformes, varrendo a estrada com os grandes capotes, sem expressão e com muita poeira no uniforme, saúdaram-me, numa incerteza pávida...

Um deles levava, meio oculto sob o capote, um pão... Pedi que mo mostrasse. Teve um ar de pavôr e, depois de me estender o pão negro e sêco em que havia palha, explicou, num gesto ávido, que era da sua fome...

Senti as palavras de pêna que a minha bôca não pronunciou.

Mandei-os seguir, com secura, e disse adeus, amigamente, ao soldado inglês que os escoltava, de baioneta alta.

A minha alma ia cheia de piedade, no entanto.

Estava junto do pôsto médico onde faziam os primeiros pensos, a todos...

Um alemão de grande estatura, a manga do uniforme despedaçada, o braço esquerdo leso, descortinára num grupo um camarada no destino igual.

Gestos, algumas palavras alegres, e eu entendi a satisfação de se verem vivos, escapos do regime de *Erzatz* e de morte, desde o gesto aquiescente e conciliador do *Kamarade!* desta manhã.

Porque um soldado inglês a quem perguntei como se fizera tanto prisioneiro e tamanho avanço, respondeu num sorriso:

— *German no fight, Sir... Tout de suite — Kamarade.* — E punha as mãos ao alto, sorrindo...

Monto de novo, côrro a estrada até onde foi Zelobes...

Aos ombros de quatro *boches* passa, em maca, um soldado inglês.

Fritz e Tommy, quando feridos, são igualmente da humanidade.

Aos *boches*, porêm, olho-os com uma piedade que disfarço. Ao pequeno Tommy como uma criança, (que a dôr volve-nos à primeira infância), sorri, perguntei como fôra ferido...

Numa voz dôce, numa quási queixa de mimo, apontou a côxa direita...

— *Well, a good blighty* (1), *Tommy!*

— *Yes, sir, a good blighty, I thiack so...*

E os feridos passavam, alemães e ingleses, amparando-se...

O ódio calara. Os soldados olhavam-se, vencedores e vencidos, com a indiferença de criaturas que passam seu caminho, quási fraternos...

Era uma linda manhã de vitória. O meu or-

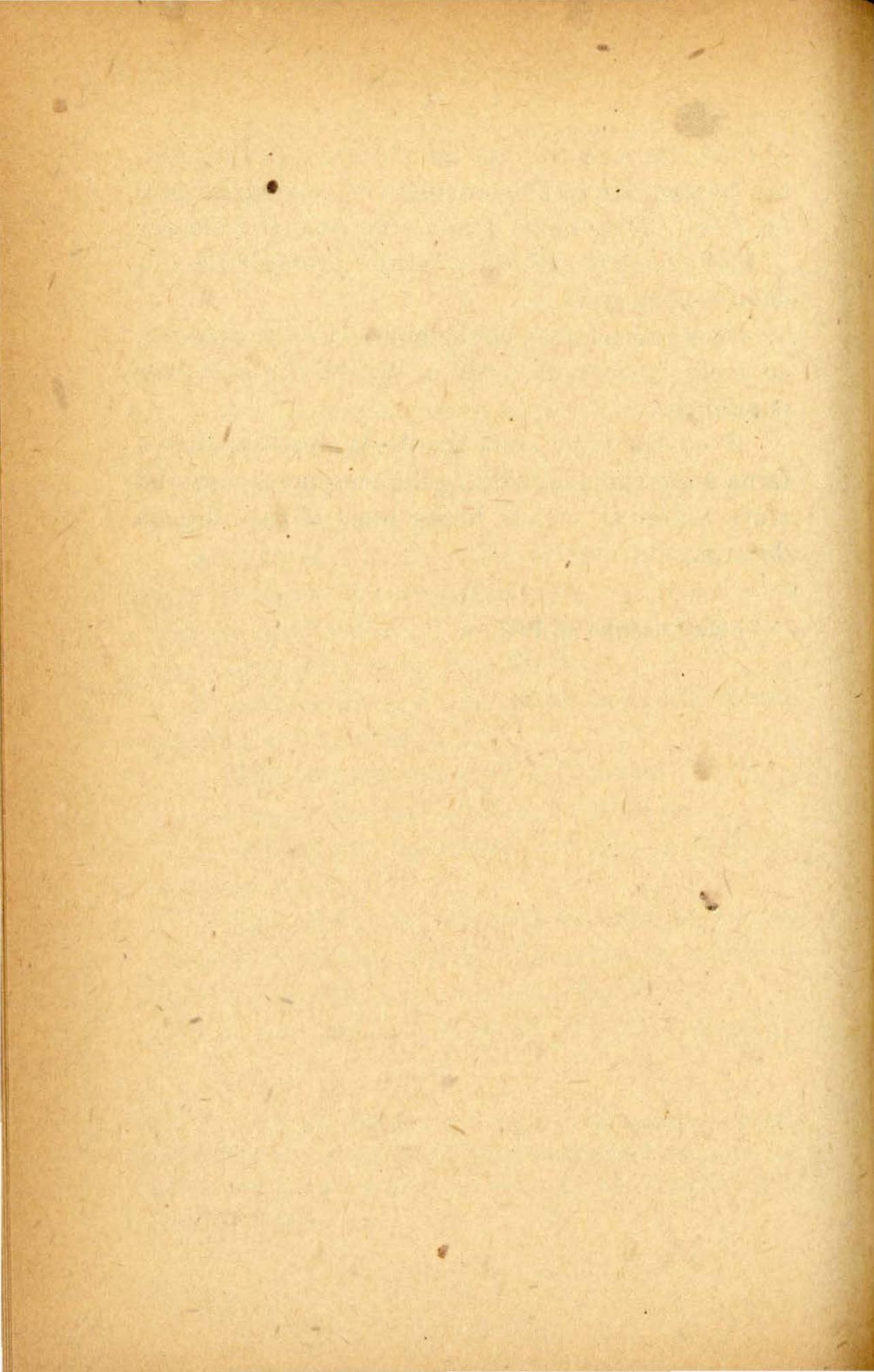
(1) *Blighty* — palavra de origem indiana com que os soldados ingleses da Grande Guerra designavam a sua terra e as feridas em combates que os faziam regressar, durante algum tempo, à Pátria.

gulho chorou a tristeza de não a ter ganho, nestas paragens que haviam visto os nevões de 9 de Abril. Mas havia ainda uma maneira de ser útil, crucificada embora a minha prosápia de soldado e português ...

Os meus homens enchiam as grandes crateras, ao meio da estrada, com os tijolos das casas em escombros.

E eu fui-me a cada grupo, a apressar-lhes a faina e a recomendar-lhes zêlo, emquanto a minha alma esperava outras horas mais altas e dignas de mim.

3 de Setembro de 1918.



## ENFERMEIRAS DA GUERRA GRANDE

HOSPITAL DE SANGUE, N.º 8

**P**ORQUE as horas correm sem perigo e sem tarefas nobres, o meu espírito prevê a possibilidade de novos esforços e tarefas melhores para futuros próximos dias, — tive enfim a difícil coragem de ceder aos meus velhos achaques. Como um navio, sôbre uma longa viagem e em vésperas de nova, entra na doca, ou um relógio afiançado, periódicamente reclama um concôrto, deixei a minha gente e baixei ao Hospital.

Passo difícil, juro...

E foi êste, no entanto, o único passo útil, possível, instante que eu podia dar.

Aqui estou, pois, guerreiro destronado, sem que um estilhaço me tenha servido, ao menos, de airoso passaporte, — numa tenda *Bessonneau* e num Hospital de Sangue...

Mais um calvário, senhores...

E bem inglório, por Deus...

Estou em Herbelle, Hospital de Sangue, número oito, em vésperas do Equinócio estival.

O Hospital é um grande acampamento há dois meses erguido sôbre a lama duma pastagem, com largas tendas *Bessonneau* fremindo ao vento, jardins precoces com obras de arte, esculturas, ornamentos leves, — alguns grandes camiões dormindo inactivos, ambulâncias que chegam, ambulâncias que partem, alguns médicos amigos, alguns doentes nesta hora para nós pouco sangrenta, — e nove Senhoras de Portugal...

Poeta sou e Soldado. Naturalmente toda a minha homenagem de Soldado luso é, no segrêdo do meu orgulho e na intimidade do meu sentimento, — para a dôce falange das Mulheres do meu País...

Sceptico que tenho sido, — na exuberância do meu optimismo, — quanto às capacidades cristãs das gentes da minha raça para as divinas práticas de dádiva, maternais e perfeitas que, há quatro anos, vêm coroando as mulheres dos Países em guerra, — hesito, contrario em mim uma intenção de immediata devoção por elas, — mas, já rendido à graça que elas irradiam, todas, e à nobreza que a sua presença aqui bem grava, — vá de assistir à eclosão do meu carinho vencido, a envolvê-las a todas na mesma gratidão suave, — a amá-las, no meu coração vasto de mais para todos os amores porque o ilimita e anima a infinita sêde de Deus.

Não as terei à minha cabeceira, maternais e noivas, embalando e sorrindo, imateriais e angélicas, amimando as iras, serenando as revoltas ou exaltando esperanças, quando o sofrimento acorda as humílimas misérias que dormem, fundas, em nós.

Não haverei talvez a alegria dôce, para a minha alma feminina e irmã, de as ouvir, encantado, para lá das palavras, — revelar a graça, a dôce formosura, a divindade oculta que cada Mulher é...

Dos seus lábios, uma vez talhados em dôce austeridade recolhida, — não ouvirei decerto, enquanto os olhos dizem alma e luz íntima, — as palavras fraternas que os poetas amam ouvir. Confidências em que os egoismos se calam e as almas femininas, grandes lírios alventes, se refletem como sôbre um lago fundo, cheias de confiança.

Talvez não queira Deus tirar-me, que o não mereço eu, — a alegria nobre de adivinhar, fitar no vulto passageiro da que cruzar comigo, daqui a pouco, — o perfumado espectro luminoso e leve do encanto que embala a vida íntima de qualquer Mulher.

E me permita contemplar, devoto da minha Alma e dela, numa clara unidade harmoniosa, — numa aparência extra-terrestre e divina, — o que

em cada Mulher minha Alma descobre de suavíssimo e vago, de materno e dulcíssimo, para lá de todas as falsas aparências, em intimidade perfeita e religiosa devoção.

Porque eu acredito, como o velho Hugo, que a Mulher é Deus...

Não sei devido a que antigas razões ou modéstias formosas, as Mulheres não amam, fóra dos poemas, os madrigais dos Poetas. Eu creio ser êste o seu protesto, —transigência aparente— contra a rudimentar cegueira da maior parte das gentes face às indizíveis formosuras da Mulher. As suas palavras, extranham-nos, repreendem-nos, receiam-nos —mas os seus olhos sorriem. Chamam aos poetas lisongeiros ou doidos, —no mundo, mas, em segrêdo, choram sôbre os seus versos.

E o protesto infantil com que se esquivam às devoções que lhes damos, apaixonados e devotos, nelas, da nossa noiva ou da nossa mãe, Mulheres, —e da Vida e da Beleza pura, Mulheres também,—é devido decerto a serem raros os do nosso culto e a elas se desconhecem talvez. Porque o verdadeiro Amor vem de Deus, anda sòzinho sôbre a terra, e a maior parte das almas esqueceram no berço a divina Arte do absoluto Amor.

Com meus irmãos poetas me resigno. Mas dentre nós viveram em alma, verdadeiramente, só aqueles que conheceram o encanto fraterno, a

dôce intimidade, a camaradagem desinteressada, a comunhão de alegria, receios, ilusões, lágrimas e sonhos, num convívio puro de Mulher...

Mesmo o homem péca e vai tão cego, tão desprevenido de Deus pelos caminhos monótonos da terra, apenas porque entre cem conquistas banais, de oiro ou vaidade, apetites ou egoismos, — não exaltou um momento a sua alma descobrindo, extasiado, a maravilhosa Índia, o tesouro sem nome, a dôce tirania que há na alma de uma Mulher.

Que os homens sofrem de não saber ser escravos.

... Escravos de uma Mulher.

No Hospital de Sangue d'Herbelle servem como enfermeiras, senhoras de Portugal.

Dá-lhes Deus a nobreza que fica a todos quantos, com devoção, lutaram nesta guerra. Enfermeiras da Guerra Grande, — servem no Amor de Deus.

Nas eleitas e raras, nos seus gestos adormecendo dôres, nos seus vultos curvados sôbre o sofrimento e as longas insónias, fazendo mais curtas e claras as noites dolorosas, — pôs Deus também a primeira recompensa para os que por Ele sofreram nestes Calvários.

Para os que morrem elas são a primeira visão do céu prometido aos Guerreiros.

E para os que ressuscitam, — o baptismo novo, a presença lustral que os torna mais puros e melhores, na sua gratidão mais dôce...

Mulheres de Portugal na Flandres, — a sua presença consola-nos das dolorosas ausências de que sofrêmos. E dá-nos a ilusão bemdita de que alguma coisa da Pátria à beira Atlântico turbada de paixões impuras a que somos estanhos, — veiu até nós e nos assiste, aqui.

Dêsses meus curtos dias de ambulância, em medalhões suaves, esfumando-se no carinho com que o meu coração de soldado as recorda, — e das palavras de louvor que eu ouço a companheiros, — revejo agora o bando gentil do Grupo Auxiliar em serviço no H. S. 8, perto da frente, em Herbelle.

Passei como um desconhecido humilde. Das dádivas que recebi, e das imagens lindas em minha alma recolhidas, memoro, encantado e grato, os vultos lindos, todos lindos em alma, que adivinhei passando...

Recordo e sinto-me afagado... Mulheres de Portugal!... Enfermeiras dos meus irmãos soldados!...

E não hei-de beijar-lhes as mãos?

Silenciosa e dôce, severa se não fôsse tão suave o seu silêncio e a sua figura, evoco Gladys Cannel, miss Gladys Cannel, — portuguesa e nossa...

Adorei-a, minha senhora, — e lembra-se como

lhe aceitei, feliz, certo dia, uma repreensão que o meu orgulho merecia, o meu doido, precipitado orgulho?...

Não se lembra, juro...

Depois, quando quis dizer-lhe a minha admiração devota, pus o meu gesto, e as minhas palavras, — entre duas presenças evocadas: — minha Mulher e minha Mãe...

E ofereci-lhe um livro de guerra em que eu rezava o meu Amor.

Doutra vez, a sua voz, éco suave da sua alma silenciosa e formosa, — a uma pergunta minha, respondeu numa queixa: — ... «É verdade que sim... Deus me perdôe... Mas esta faina de agora, — aqui... Eu queria assistir sofrimentos maiores, dedicar-me toda, sofrer também...»

Não se lembra? Bem sei...

Na enfermaria, onde a sua figura passava como um perfume, em silêncio, — o reumatismo abundava, Marte sofria do peito e inapetência combativa...

Vá, perdôe-me... Se eu sou assim...

E a sua carinhosa, materníssima assistência, em certos dias do mês de Outubro, a um camarada que lhe morreu nos braços?

Os soldados são indiscretos, minha senhora. E rudes. Eu peço-lhe perdão...

Dona Alda Calheiros... Vá, não me ralhe... Sim, os poetas são os eternos adúladores... E

doidos. Tem razão. Não deles a culpa, minha senhora. Não lhes queira mal.

Revejo a sua figurinha viva e irrequieta de carinho, os olhos enormes, toda a sua formosura neles...

Uma noite eu lia. Pela grande tenda era o silêncio, na sombra vasta.

A um canto eu lia. Ela entrou, numa ronda.

Os seus olhos, que vinham da noite, estavam floridos de luz,—duas grandes rosas abertas na escuridão.

Conversamos. Uma enfermeira da guerra, num Hospital, é mais feminina, mais íntima, mais nobre, que a mais perfeita rainha num salão. Porque é mais simples. É mais a sua alma.

Eu tinha nos meus olhos o carinho de prece que quisera ver compreendido em todas as Mulheres, minhas divinas irmãs.

Falou-me de Antero, lembra-se?

Depois, como palavras de mãesinha, contou do seu doente,—o Manuel,—recorda-se?

Uma larga ferida, toda a côxa rasgada, de alto a baixo, por um estilhaço, e a gangrêna gasoza depois. Disse-me como êle sofria... Os seus olhos tentaram dizer o horror daquela tortura, em vão...

«Pobresinho... E que bom! E que dôce!... É um Amor... Olhe que é... O meu Manuel é um Amor...»

Mary Rangel, — a pequenina Baby, — (querem vêr, zangou-se?... ) — linda e risonha, irmãsinha mais nova e mãe dos seus feridos, tal qual como a sua irmã de sangue, sereníssima, um materno sorriso tranqüilo nos olhos e no rosto calmo.

Vejo-a, enquanto um camarada conta, vejo-a no silêncio da enfermaria dos operados, na luz mortíça em que se larga melhor para o além, — à cabecira dum soldado que um milagre salvou da morte, — como uma vestal velando a chama daquela vida ameaçada...

Pobre carne torturada de dôres, retalhada, ardendo, — a mão fria dele está entre as mãos carinhosas e pequeninas dela... E o encanto faz-se... As dôres adormecem... Ela fica vigiando...

Porque êsse ferido devia ser, na terra, na sua barca de pesca, ou dando rumo ao arado, — servo do Senhor e Poeta... Tão dôce e submisso êle foi à fôrça de encanto que a presença duma Enfermeira irradiava...

Câmara Leme... (digo o nome de carinho que lhe davam?... Não. Tenho medo...) Como os seus olhos eram noites de luz profunda!...

No silêncio das enfermarias e das horas primeiras da tarde, um ferido gemia.

Mas, de longe, veladas e brandas, chegavam as queixas dum piano alando uma sonata...

E calavam-se as dôres. O silêncio ficava povoado de embalos e afagos...

D. Angélica Plantier... Mas terei eu perdão?... Os poetas... eternos aduladores, não?... Como se nós tivéssemos culpa.

D. Maria França, D. Eugénia Câmara Manuel, todas, todas...

Falange de Herbelle, embaixada gentil de Portugal aos calvários da Flandres!...

Muito baixinho, como as lágrimas sobem aos olhos, como são dôces os silêncios da dôr balsamizada e a gratidão, já de àlêm-vida, dos que morrem como a luz se extingue; de alma a alma, por mim, por êles todos, pelos sofrimentos balsamizados, pelas dôres que calaram seus gritos, por toda a amargura, por toda a piedade...

Bemditas sejam... Bemditas sejam...

## ORAÇÃO LUSÍADA

- A Sousa Lopes, Pintor da Grande Guerra, alma formosa e iluminada, lembrando a nossa camaradagem de primeiras linhas, balbuciando mal a grata devoção de todos nós, soldados!

— **S**ENHOR Santo Nun'Alvares;  
Senhor Conde d'Avranches;

Cavaleiros da minha terra antiga, senhores da minha prosápia, do meu amor e do meu sonho; eremitas e guerreiros, navegadores e aventureiros, poetas e santos;

Senhor Dom Pedro, que bem amaste;

Senhor Dom Mestre de Cristo, enamorado das ondas em tua ermida no Sacro Promontório;

Senhor Dom João de Castro da Índia;

Todos os santos, todos os heróis, todas as almas de eternidade e fé lusíada,—

Concedei-me a fé de cavaleiro tão rara nestes tempos tristes, exaltai em mim o amor da minha

Pátria e dos meus actos belos, a ousadia que tudo empreende, o orgulho que a tudo resiste, a cólera que não perdôa, a divina sêde de admirar amando...

— Troféus eternos das grandes batalhas lusas:  
Lanças dos atoleiros, elmos de Aljubarrota!  
Ecos remotos, esquecidos fragores:  
São Tiago! S. Jorge! Santa Maria Val!

Gritos de eternidade, almas aureolando em vida imortal o estertor das vidas:— «*Eh! fartar, vilanagem!*» «*Morrer! mas devagar!*»

... Tempestades heróicas, relâmpagos, incêndios!

— Dai-me a virtude, o alado alor que em vós dorme, como o clarão no rochedo, a torrente no seio da terra e no regaço da núvem o raio que fulmina.

— Mortos! Mortos de Portugal, daquê e àlêmar, fontes divinas, — mortos, vidas eternas;

Túmulos de toda a terra e de todos os mares, (silêncio, silêncio!...) dissei vossos mandatos no meu sangue!

Esculturais esforços harmoniosos estuando amor da Pátria, consciência de destinos, alumia-dos de Deus...;

— Venho tão cansado, trago tão dorida a alma!... Julguei ouvir, na minha fé, a voz do céu impondo o melhor caminho.

Resei à minha Pátria, invoquei os Maiores, — ofereci-lhe a minha vida, cingi a espada... E desci à liça.

E lutei e bati-me. E chorei e sofri!

No meu escudo três palavras sómente: Deus. Pátria. O meu Amor.

Mas, dos do meu sangue, muitos, não souberam ler no meu escudo. Foram inimigos meus.

Gente da minha raça esqueceu-me, perdida em vãs contendas.

Vi tombar companheiros meus, em lama inglória e miserável, outros envoltos na inglória púnica do seu sangue.

Defrontei a amargura e a morte. Vi o meu sonho crucificado numa dúvida...

E à fome de amor, foi-se estiolando, eu vi pender a alta flôr da minha alma, aquela que perdura e vinga, se a afaga o amor dum povo inteiro...

Fui quási sòzinho... O meu orgulho expiou, doloroso e maguado, os pecados alheios...

— Senhor Deus da minha Pátria e dos Mundos!

A tua Hora gloriosa vejo-a vir entre incêndios... Como uma primavera!

A minha fé alarma, num fremir de asas, meu coração inquieto.

Olho as ruínas, os ódios, as mortes infames,  
o tumulto das sombras na minha terra desvai-  
rada.

E aqui ruínas inglórias, dramas, misérias,  
um naufrágio!...

Volto ao combate, embora!

É o suprêmo combate!

Queremos que a minha Pátria comungue o  
pão da vitória no banquete a que não soube, toda  
e imensa, vir...

E resgate mil crimes, alumie mil desalentos,  
varra seus desatinos...

Vêm comigo, eu venho com os que por ti  
sofreram. Coroado de morte, de heroismo e no-  
bre orgulho...

Os de Neuve-Chapelle e Lacouture, os da África  
e de toda a Flandres...

Os vivos e os mortos, todos!...

Aqui estamos numa oferta ardente.

Somos poucos demais?

Senhor Deus da minha Pátria e dos Mundos;  
Senhor Santo Nun'Álvares, Senhor Conde  
d'Avranches, Cavaleiros da minha terra antiga,  
senhores do minha prosápia, do meu amor e do  
meu sonho; eremitas e guerreiros; navegadores  
e aventureiros, poetas e santos;

Mortos de Portugal!

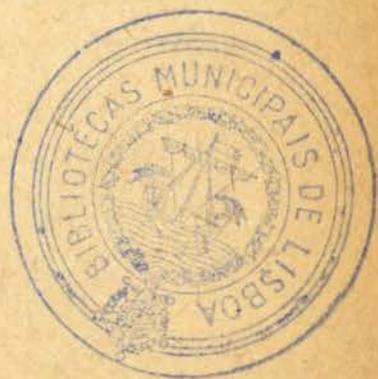
Dai-nos a fôrça indomável e ardente, a fé que

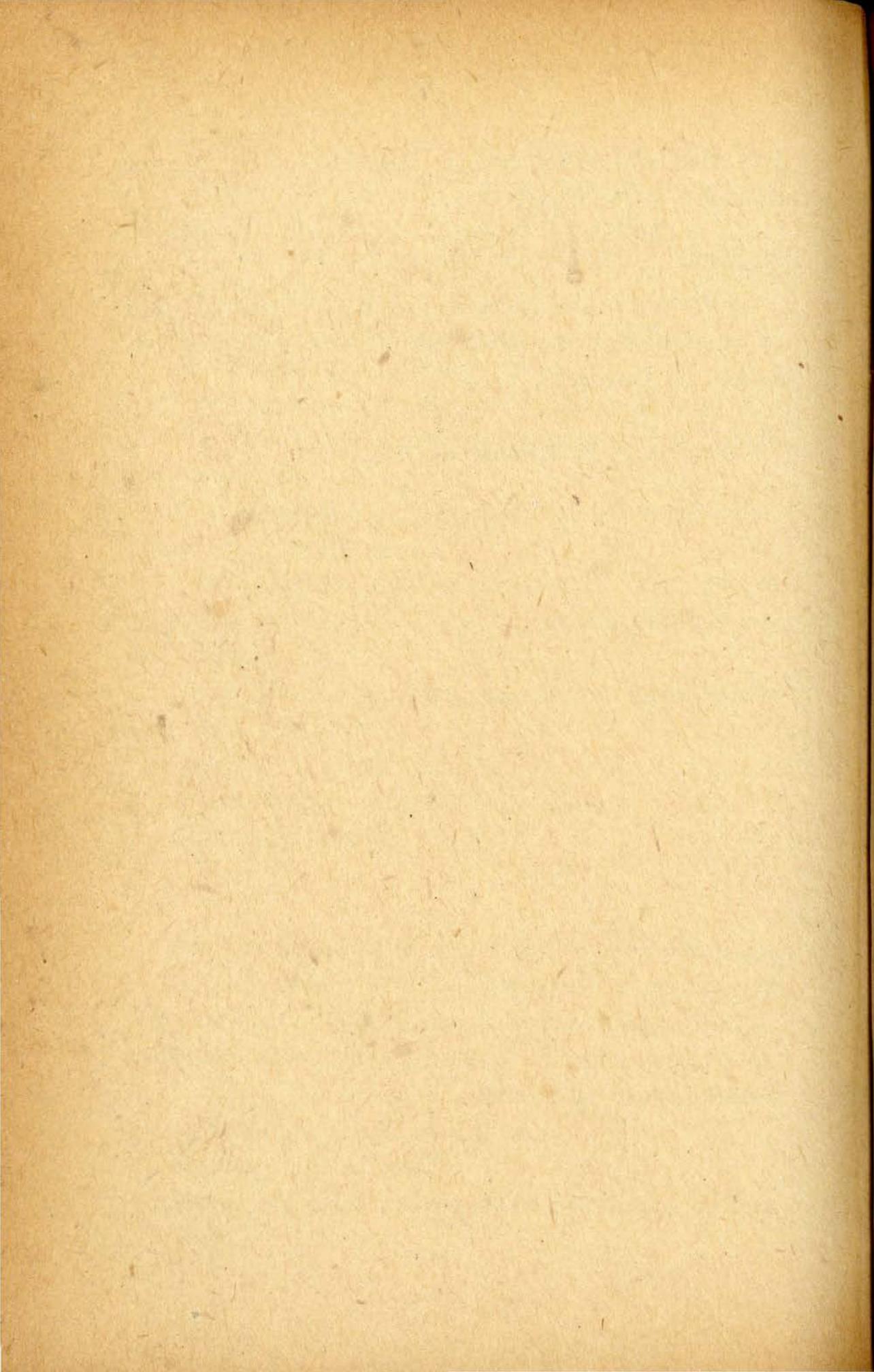
misérias não quebram, a vontade que cinge os astros e ergue milagres...

E o Amor da Morte,—êsse poder da eternidade!

Deixai, nesta hora suprêma do mundo, que os derradeiros condestáveis salvem a derradeira honra de Portugal!

Flandres, 30 de Setembro de 1918.





## DA ALELUIA E DA PAZ

Os últimos condestáveis da Flandres juntavam suas amarguras e suas esperanças.

A Cantraine, a Bethune, a uma tenda ao meio de pomares ou um acantonamento entre ruínas,—Aníbal de Azevedo e outros vinham interrogar a nossa amargura comum.

Ardia a nossa mocidade guerreira nas ásperas tenções de renovar os dias mortos, erguer, resuscitado,—o velho tempo, purificar, numa aleluia, os ventos parados que para ali nos tinham com míngua de honra para a Pátria, no calvário tão humilhante para cada um de nós.

No círculo donde se arredavam os mais fracos, juntavam-se almas irritadas. A revolta e a esperança fitavam-se de frente.

A revolta era pura. A esperança indomável. E em volta, escutando-nos, estavam os soldados. Êles ouviram as palavras altas de fé e as que

soavam como chicotadas... Seguiam sofrendo, mal alimentados de esperanças, mal aconchegados pela presença dos raríssimos oficiais que, com êles vindos à guerra, com êles ainda nela se mantinham.

O major Ribeiro de Carvalho comandava, perto, um batalhão. Moço e cavaleiro, esperaram-me na sua unidade. Preferi não abandonar os meus homens; e assim não fui para junto do mais jóvem major do meu exército, amigo e companheiro dos tempos em que o seu *panache* se comprazia em recitar Rostand e eu mergulhava na enamorada metafísica da *Evocação da Vida*.

Adivinhei-lhe o plano igual ao que me ia na alma. Em Infantaria 9, em outros batalhões, outros soldados, moços e ardentes, face à miséria de Portugal na Flandres, haviam encarado o único gesto redentor. Organizar batalhões de *élite*, prontos a dar o exemplo e o alôr aos outros, com os melhores soldados e oficiais.

Junto de mim, comigo, eram do tempo de Neuve-Chapelle, Fernandes Soares, Barros Bastos, Carneiro Franco, Gusmão, — os sargentos que haviam embarcado cantando, e feito a guerra no mesmo exaltado, igual patriotismo. Em outros batalhões havia muitos assim...

De Londres, de longe, vinha-nos, adivinhado nos racontos dos bivaques, o éco das negociações difíceis do General Rosado.

E o nosso orgulho era uma bandeira arrastada sôbre selvas de acúleos, sôbre um atoleiro, despedaçando-se, manchada...

\*

Em Setembro, de Béthune parti para a Base, onde me demorei dois dias. Lá me encontrei com a mais inconfundível, estranha e forte figura de soldado da nossa guerra, — Ferreira do Amaral.

De África o conhecia e admirava.

Do conflito risonho do meu idealismo com o seu pretenso espírito prático irreductível, das vezes em que a sua intelligência discordava, de facto ou em aparência, do meu critério exaltado de idealista, — (estou a ouvi-lo: «Poeta, desce da trapeira!») — das vezes em que o idealismo dele e a sua fé, iguais, maiores, melhores, — se disfarçavam e negavam sob a aparência dum scepticismo que a cada hora a sua acção, e os seus actos, desmentiam, — fiz eu o alicerce rude e seguro da minha admiração e da minha estima.

Quem o ouvisse, a êle, quem o ouvisse sómente, e lhe não soubesse a vida, queimada em longos anos de África, em árduas campanhas, — e lhe fixasse os aparentes gestos sem fé, as palavras nihilistas, as revoltas com que fustigava a falsa superioridade que lhe limitava o poder de acção, julgá-lo ia um rebelde, um inútil, tumultuoso e embaraçante, negativo e prejudicial.

A sua máscara queimada, vincada, era quasi mefistofélica. Um seu encolher de ombros faria desabar, de desprezo, um mundo de idiotia e incompetência.

Chefe, era pai o dos seus homens. A lição viva, o exemplo quotidiano, mais risonho que austero, mas o exemplo sempre.

Amaram-no e admiraram-no.

Foi talvez odiado e temido. E tão homem, tão soldado que ultrapassou os regulamentos propícios à incompetência e à inércia, na impossibilidade de lhe sofrer as imposições, que diminuem as iniciativas e o próprio valor. Coroado de aplauso e recompensas, fez a guerra toda e foi punido...

Eu sei que da punição se orgulhou tanto como das recompensas melhores.

Ao meio dos ventos vários de que sofreu a derrota da nossa nau em Flandres,—Ferreira do Amaral foi sempre o mesmo. E nunca à sua beira medrou o defectismo, a calúnia política, vêsga irmã da covardia... Os seus homens, os do 15,—que êle adoptara já depois da triste jornada de 13 de Dezembro, abandonados mas não infamados ou diminuídos em honra—fôram dos melhores, dos primeiros soldados de Portugal, em França.

E, a propósito, lembro agora uma visita feita, em Junho de 1917, ao seu acantonamento, em La Tombe Villot.

Na pequenina aldeia, nas *fermes*, nas pequenas casas, acantonavam os soldados de Tomar, oficiais e praças.

A meio dum grande largo, sob as árvores frondosas, erguiam-se algumas barracas. E diante duma viatura de companhia, sob um toldo (mesas, papeladas, toscos bancos) — a secretaria do *Comando*.

Ferreira do Amaral dormia nesse carro de companhia. O velho e tisonado soldado de Angola sentia-se bem lá...

Jantei com êles. Êles eram com Ferreira do Amaral, Melo Vieira, Quirino Monteiro, alguns mais que a guerra não ilustrara ainda.

Amaral e Melo Vieira dominavam, senhores, a grande mesa farta. O ar encheu-se de ironia e eu, que da loucura não murmuro antes a sirvo, — e da juvenil loucura, da irrequieta audácia que não perdôa guardo os livres preceitos, — saí de lá um pouco mais louco e melhor... E fomos, — caía a noite branda, esmaecia no céu o vôo duma esquadrilhá, — para o grande campo frente ao *comando* onde, sob as árvores copadas e espêssas, uma banda tocava rapsódias de Portugal.

Em grandes turbilhões alegres, em vivas farrândolas cantantes, os futuros heróis dançavam na placidez do dia moribundo.

Os grandes monónios desfilavam, e os bandos, rodeando os seus chefes, sorriam-lhes contentes. Para os lados do *front*, no céu mais anoitecido,

já subiam os *very-lights*. E eu fui do júri, ali nomeado, para um concurso de cantos ao desafio.

Calou a banda. Calaram os canhões na linha das baterias. Através da folhagem, perlavam estrêlas.

Entre a grande mole ruídososa e contente da soldadesca, os cantadores vinham, paravam em frente de nós, o olhar ausente, longe, numa saudade—ou vibrando ironia, troçando...

Como um soba patriarcal rodeado dos seus secúlos, Amaral presidia.

Melo Vieira acolitava.

E no silêncio da noite, face à guerra próxima, enquanto, das linhas, subiam, lentos, os *very-lights*, floriam numa rosa de oiro e tombavam desfeitos, afogados em sombra, — os soldados de Tomar cantaram do Amor e da Pátria, da Guerra e daquela ironia que tem o sabor ardente dos pimentões vermelhos...

Desde então, um pouco por toda a parte, o encontrei e vi honrado.

Dia a dia, sem que, para êle ou para a sua tropa, vingassem motivos de desaire, — corriam novas risonhas da sua incompatibilidade irreductível com a estreiteza dos moldes que lhe limitavam ou tentavam diminuir a estatura, o feitio, o seu original poder de criação.

Foi êle quem veio, ao meu abrigo de Neuve-Chapelle, o da *Senhora das Trinchas*, certa noite, convidar-me para uma nova *etape* da minha vida

guerreira, a de instrutor numa escola de oficiais milicianos.

Com êle, bastas vezes, a minha revolta e o meu amor pátrio se queixaram,—e dele ouvi as palavras que consolam e robustecem de desprêzo contra a onda da mediocridade avassalante e o assalto lento das fôrças miseráveis que as sanções justas não reduzem e a inércia dos chefes torna maiores.

Admirei-o e quis-lhe bem como a um irmão mais velho. Nunca lho disse.

Não que o seu aparente rude negativismo me amedrontasse a mim.

Muitas vezes, apurando o ouvido sôbre as suas longas conversas de patriota e de soldado, eu ouvi o borbulhar cachoante e livre das nascentes fartas e puras.

E o julguei melhor poeta, mais idealista, e de mais temperada fé—que eu.

Em Setembro, em Ambleteuse, de novo me encontrei, pois, com êle, ao meio duma conversa doida e irreverente, num gabinete de Chefe do Estado Maior.

Ferreira do Amaral, sibilino, profético, os olhos frios de aço, seguro e certo, amedrontou, pôs caláfrios na minha esperança.

Ouço-o ainda, rude, nítido, preciso:

—Isto é o fim, menino! Os crimes, os êrros

de todos os tempos, somaram-se, pesam com toda a sua fôrça. Chegou a hora da derrocada. Vai-nos cair tudo sôbre a cabeça!—E não é justo que fiquemos nós, sob as ruínas, nos que não provocámos a catastrophe... Gomes da Costa retirou a tempo. Eu fiz o que pude... Acabei...

Êle não abandonára um momento os soldados. Nem uma licença pudera gosar.

A minha esperança sentiu-se diminuída. A minha fé sofreu.

As suas palavras eram duma nitidez e duma lógica proféticas. Por nossos olhos passou a visão dos batalhões insubordinados, cedendo, enfim, às múltiplas faltas acumuladas,—ao abandôno, ao cansaço, ao sofrimento, à saúde...

Sôbre a tristeza humilhadora dos acampamentos da Flandres e as inglórias tarefas diminuidoras do nosso prestígio,—era já o louco ciclone da revolta desmoronando os últimos baluartes...

Por momentos, a minha esperança foi uma pobre coisa... A minha fé uma voz pequenina, mal ousando...

Depois eu disse, tentei dizer as palavras que, mesmo face às ruínas, as levantam. As palavras humildes. As que êle dissera já muita vez e em vão.

Havia ainda uma hora, um esfôrço a tentar, um baluarte a erguer.

À flôr do grande naufrágio emergiam possibilidades formosas. As almas vivas e lusíadas da

Flandres, embora tão poucas, clamavam desejo de luta, ansiedade de vitória, desespero de acção.

Fôssemos com elas. Fundíssemos com elas o gesto capaz dum milagre. Da miséria presente, por seu encanto, sairiam, refeitos, exaltados, valores novos e melhores.

Então Ferreira do Amaral contou indignado, como sugestões suas haviam sido mal ouvidas nos comandos... Eu tornei ainda...

«Batalhões de assalto! Batalhões de *élite*!... Levá-los-íamos à linha!... E atrás deles, depois, na hora em que só um gesto assim ergueria da lama a nossa honra,—os outros viriam. Portugal não podia faltar na Grande Romaria».

Ferreira do Amaral calou-se.

Eu, dias depois, cansado e doente, adivinhando próximos dias de novo esforço, a preparar-me para êles—desci a um hospital. Ao General Rosado que adivinhávamos doloroso de lutar contra tanto inimigo,—enviei um livro. «Ao meu general, numa hora de igual esperança e de novo esforço», dizia apenas, a propositada, sóbria, sêca dedicatória.

O General entendera.

Eu esperei.

Já o meu gesto fôra aconselhado pelo que adivinhava das suas intenções de comando.

Eu sabia-o scéptico, talvez, fiel a princípios que os cabelos brancos não abandonam ou atraçoam sem milagre ou desdoiro. Não espe-

rava encontrar nele, para a nossa guerra, a fé exuberante que a tão raros exaltou, em Portugal. Mas sabia-o soldado e chefe, sensível à dôr comum da nossa situação na Flandres.

Esperai. Tinha razão de esperar.

O General Garcia Rosado conhecia já a deficiência original, toda moral, do nosso esforço na Flandres.

Como português sofrera ao ouvir, em Londres, palavras que surpreenderam, magoaram, embora justas, a sua sensibilidade e o seu amor à terra.

Êle sabia que só o esforço apostólico, o exemplo, a campanha dos poucos capazes de erguer, na sua fé, um milagre, podiam colaborar com êxito na obra de reorganização em que se empenhára, ao fim de inúmeras dificuldades criadas em Lisboa e Londres, de acôrdo com o alto Comando inglês.

A inércia, as atitudes contrariantes que o gabinete de Lisboa, indeciso e sem vontade, vinha pondo à sua tarefa de Londres, levada a cabo, com o êxito possível, ao lado de Augusto de Vasconcelos,—já o deviam ter convencido, por aquela última semana de setembro, de que nem um soldado viria de Portugal, em refôrço das fatigadas, sacrificadas unidades da Flandres.

Começava a afirmar-se o criminoso desintêrêsse do gabinete português quanto às tropas do seu comando. E o general, silencioso e diplomata,

mal encobria o seu desânimo que, mais tarde, um mês depois, sôbre o silêncio que era já uma afronta à Pátria e a si mesmo,—o devia levar até pedir a sua demissão.

Contar com o que havia! Nada mais! Mas primeiro renovar, fortalecer, erguer o moral das tropas que o abandôno da Pátria tornára quási-incapazes de obedecer.

« Numa hora de igual esperança e de novo esforço . . . »

O general compreendeu. A carta que recebi dele não era a banalidade dum agradecimento. Era a sugestão inteligente, política, dum chefe interessado no aproveitamento de todos os valores subordinados.

E disse-me como eu podia ser uma das vozes, uma das fôrças úteis ao acto necessário. Não me enganára eu.

Depois eu disse, numa carta, até onde as suas palavras vinham ao encontro do meu desejo. Repeti-o ao seu ajudante, capitão Primo Sotomaior, dias depois.

Se o general quisesse, de três batalhões pelo menos podia obter o gesto necessário à reorganização moral do C. E. P.

Assim prometemos o acto necessário a um renovo que nos tirasse do atoleiro. O general teve a intelligência, a bondade de nos saber ouvir.

« Os momentos suprêmos passam. Ou agora ou nunca, meu General!... »

\*

Fins de Setembro. Na frente começavam as insubordinações das nossas unidades.

A tarde corria lenta sôbre Ambleteuse. Havia bruma nas costas de Inglaterra. Sol de outono sôbre as dunas e as ondas...

Eu tinha febre, estava de cama. No quarto onde me encontrava com meu irmão, capitão Pedro d'Almeida, havia quatro meses prêso ao leito por uma doença grave,—estavam alguns guerreiros de Portugal. Almas jôvens e ardentes, monárquicos ou republicanos... Uns quási crianças, 19 anos, outros milicianos, moços de patriotismo, almas vivas de ardôr...

João Barbosa, Serpa Pinto, outros... Não lembro...

Ferreira do Amaral, encarquilhado, mefistofélico, grande casaco impermeável, peles na gola, sombriamente radiante, (que a fôrça que dele emana é assim), —entre-abriu a porta do quarto:

—Dão licen... ça?...

A qualquer parte onde haja homens bons, gente de valia, livre e sem misturas, a presença do major Amaral leva alegria e honra.

Levantaram-se todos. Uns saüdaram, outros sorriram.

Ferreira do Amaral, quadrandose, o olhar fixo, quasi hostil, ficára diante do meu leito.

— «Menino, — acabo de fazer um *negócio* no Quartel General. O meu batalhão vai para a... *pancada!*...»

O *negócio* era o seu desejo de levar o batalhão que comandava, às linhas, ao combate, à honra tão precisa naquelas horas de atoleiro e de expiação.

Ferreira do Amaral falou largamente, com entusiasmo, com decisão, com brava firmeza, com implacável ironia. De vez em quando rompiam gargalhadas. Incendiavam-se os olhos dos soldados.

Os moços alferes sorriam encantados admirando, ou ardentes, recalçando ímpetos. Eu atalhava, febril, a cabeça cansada, esvaída, o coração ardendo...

«Poeta! salta cá pra baixo! Desce da trapeira!»

E Ferreira do Amaral, mefistofélico, sereno, feroz de justiça, inimitável de viril humorismo, desfiava o seu plano.

As palavras morte, assalto, avanço, combate, embebedavam os novos...

Na sombra crescente, a figura do Soldado espalhava gestos, esgrimindo, animada, violenta, irónica, irrequieta, formosa de decisão íntima, tumultuosa de eficiência indomável.

— «Preciso de oficiais!... Gente rija!... De qualquer arma! Infantes, cavaleiros, artilheiros, da Administração Militar... Venham de onde vierem!»

E logo ali se ofereceram quantos estavam presentes, ávidos de guerra e bem servir...

Era no fim de Setembro. Dia... — Não me recordo.

— Fins de Setembro... Lavrava, crescia, inundava a inevitável revolta em alguns batalhões do C. E. P. A nossa honra, na Flandres, expiava os crimes de Portugal.

\*

O General ouvira-nos. As palavras de Ferreira do Amaral, primeiro mal escutadas, haviam sido iguais às nossas. O General utilizava-nos, aproveitava-nos como chefe ansioso de liquidar a situação estagnante, dolorosa daqueles tempos.

E no dia seguinte à visita de Ferreira do Amaral, quando uma alegria forte, uma energia de renovo me vigorizava o corpo alquebrado, — o capitão Primo Sotomaior, ajudante do general, vem perguntar-me:

— A sua saúde?...

As minhas palavras deviam ter sido de desafio a todas as maleitas. A alma e a irrequieta ansiedade duma tarefa grata ao meu orgulho, à minha fé, superavam, excediam, de fortes, os males do organismo fatigado...

— «O nosso General recebeu a sua carta e encarrega-me de perguntar-lhe se pode, sem perigo, marchar para a frente, para o seu batalhão...»

Mas era êsse o meu desejo manifestado em cartas, expresso já ao meu general e a Sotomaior, por mais duma vez...

Se tal era o acto necessário, essencial à hora... Comandava-m'o a alma...

Para realizá-lo, para erguer, em facto, o plano que nos consumia a vontade,— só nos faltava a solidariedade do chefe suprêmo. E ei-la que se revelava!

A minha saúde estava no esforço a fazer-se. Que descansasse o nosso General!

Eram 11 horas da manhã.

E Sotomaior disse:

— Pode partir às ... 3 horas da tarde?

— As meio dia, à uma, quando quiser!

A seguir os meus braços cingiram contra o meu coração um Artista bem amado. Sousa Lopes, Pintor, entrára no quarto cheio de Sol, alegria, excedência...

Sousa Lopes, na sua Arte como no seu riso, na primeira linha, como no seu *atelier* urbano, em toda a parte, é uma Alma.

A sua presença foi uma bênção. Comunguei, ao vê-lo.

Depois, ao princípio da tarde triste, um automóvel largou para Roquetoire, atravessando Bolonha, sob a chuva.

Dentro, com Sotomaior, íamos Ferreira do

Amaral e eu. Eu na minha trapeira de Poeta. Êle... no seu campo aberto de realidades positivas...

Duas vontades tensas e ansiosas, veementes e rudes.

E foi durante essa viagem, na fraternidade do risco que íamos correr em nosso prestígio, — que eu vi melhor, para melhor os admirar, — a sua alma e a sua capacidade de acção.

\*

Anoitecia quando chegámos a Roquetoire. O Comando convocára os comandos. O general reunia os chefes das divisões e brigadas para interrogar da situação, cada vez mais grave.

Um batalhão que se honrara nas lamas geladas de Neuve-Chapelle já fôra dissolvido.

O general Rosado queria saber até onde, nas condições do momento, poderia o seu desejo encontrar possibilidades de efectivar-se.

Já o general Birdwood lhe dissera o convite gentil que nos daria, nestas horas melhores, a compensação dos sofrimentos passados. Era preciso que dois ou três batalhões de Portugal fôsem na grande avançada...

Que se passou nessa reunião?

Até que ponto e como a vontade do Comando encontrou um eco ao seu plano?

Os coroneis saíam. Pareciam vencidos al-

guns...—*Non possumus*... Encararam-nos surpresos, a Amaral e a nós.

Um poeta e um doido!... Dois doidos!

Que vinham fazer ali, naquela hora, assim? No olhar de alguém vi uma expressão de obediência, respeito e receio. Entrámos...

Na sala vasta estavam os generais Garcia Rosado e Bernardo de Faria, os coroneis Sinel de Cordes, Chefe do Estado Maior, e Ivens Ferraz, da Missão junto do V Exército,—e o rude, inteligente, forte soldado que é o tenente-coronel, Chefe do E. M. da 1.<sup>a</sup> Divisão, D. José de Serpa.

A cortezia afável do general Rosado, o abraço paternal dêsse Cavaleiro que é Bernardo de Faria, o sorriso de Ivens Ferraz em que a nitidez voluntária dum britânico se emacia no olhar meridional ou no som das palavrãs,—o olhar irrequieto, investigador e vivo de Sinel de Cordes, a mudez interrogativa ou deambulante de D. José de Serpa, opresso de eficiência contida...

Sôbre o grande parque, lá fóra, anoitecia...

Nós falámos...

Que dissemos nós?

Vinham de longe aquelas vozes confiadas, claras, imperativas, vitoriosas ou doridas... Vinham do descampado em que jámais alguém quis ouvi-las, dos desdens com que a inferioridade de tantos as havia desprezado, e do forçoso exílio a

que uma infinidade de faltas, êrros e ausências, as tinham condenado...

Falou a trincheira activa e forte da suas tarefas e de orgulho. Falaram a fôrça e a autoridade ignoradas, o poder de comando até ali manietado e esquecido.

A vontade de criar, de impôr, melhorar, depurar, fortalecer, montando, ao meio da guerra, a máquina difícil em que os egoismos, as fraquezas, a impotência, as atonias de vontade, os organismos inertes, — cedem o passo ao poder de sacrifício, à fôrça criadora, à capacidade activa e à violência harmoniosa, para sofrer seu domínio, suas sanções, sua lei.

Foi a história dos longos calvários dolorosos. Do crime de tantos. Da cegueira e da covardia, do horror das responsabilidades e da pantanosa existência em que a selecção é feita às avessas e os fortes, e os nobres, e os puros, combatidos, afastados, vencidos pela coligação unânime dos médiocres...

Falsos chefes mentindo aos seus mandatos. Organizações pôdres... A mentira necessária à insuficiência de cada um.

E a covarde ausência das fortes sanções que aniquilam os miseráveis ou criam o terror que os jugula a um mandamento, a falta absoluta dos processos que valorizam os fortes, dando-lhes todo o poder... A visão de Portugal com seus males...

As faltas, as insuficiências, as misérias que na Flandres nos diminuíram o valor...

A indulgência com que nos ouviram era dobrada dum profundo sentimento de acordo. Nenhum dos homens presentes era por demais culpado.

Êles podiam também, comnosco, acusar...

E os doidos disseram como se podia erguer um dique face à inevitavel torrente que ia lá fora.

Como, nas horas iguais às que passavam, só os doidos, e os gestos sem fórmula, e as vontades rebeldes mas criadoras, — podiam actuar e vencer.

O Corpo Expedicionário Português, — ou melhor, — a Infantaria portuguesa da Flandres, — sofria o efeito total dos crimes cometidos contra a nossa guerra e dos erros que não tinham sabido ou querido vencer.

A vontade imperativa dum chefe fica muitas vezes sem éco, e o esforço do comando sossobra à falta dum ponto de apoio.

Nós faríamos surgir ao meio do atoleiro o ponto de apoio necessário. E a nova tarefa, violentando a inércia rebelde ou exaltando as possibilidades patrióticas e guerreiras de dois milhares de almas, — daria à voz imperativa do chefe o éco preciso ao prestígio de todos naquelas horas suspensas e febris.

Era tão pouco!... Era tão fácil!...

Conjurados, chefes e subordinados, no mesmo pacto nos unia o culto do nosso brio de soldados e o amor de Portugal. Éramos a esperança. E a decisão.

A noite ia negra e silenciosa.

Um automóvel levou-nos.

Passei a noute no Quartel General da 1.<sup>a</sup> divisão.

E, antes de adormecer, o vulto paternal, carinhoso, de Bernardo de Faria, mai-las suas palavras, — vieram fortalecer, afagar a ansiedade quasi dolorosa do meu coração, interrogar o meu cansaço de doente arrancado a um hospital.

\*

Infantaria 23 acampava entre ruínas, lá onde fôram terras de Croix Marmuse, Epinette ou Tombe Villot...

Erguiam-se pobres tendas ao meio de lama e crateras à beira das *fermes* derrubadas, cuja visão de vida mal podíamos reconstituir...

Árvores mortas, campos mutilados, desolação, o horror de Atila, num calafrio...

Sósinho, ao meio da campina morta, o meu batalhão vivia ainda.

Dos seus oficiais alguns, a maioria, eram

irmãos do meu sonho. A solidiedade com um passado de defecção que não existiu nunca, — não nos impunha inércias, anemias morais que levassem muito longe a expectativa dolorosa e doente dos soldados, vítimas e abandonados...

Eu mal distinguia o caminho entre ruínas. O carro viera aos solavancos pelas estradas mutiladas.

E fui direito à tenda de Fernandes Soares, capitão e amigo, a buscar o primeiro aplauso, a primeira solidiedade necessária ao plano que, de há muito, era dele também.

Depois vieram os outros, os novos, os que não se haviam batido ainda e os que tinham passado por Neuve Chapelle, por Ferme du Bois, pela Rua do Imperador, em Março, e sofrido as misérias que vieram sôbre o 9 de Abril...

Fomos uma falange.

Arez Valente, Gusmão, Barros Bastos, Peres Galvão, Joaquim de Jesus, Tudela, Gattineau, Leote, Duarte Ferreira, Manuel Martins, Carneiro Franco, foram conosco logo.

Mas, por toda a parte, se em cada vivo coração havia aplauso, interêsse pelo exito nosso, — as almas inertes, negativas ou entoxicadas do atoleiro desejaram-nos o insucesso e o desastre.

Num abrigo de *elefante* reunimos. Eu disse a que vinha. Queria uma resposta definida e pronta. Que ninguém discutisse. E cada um falou.

Alguém talvez, hesitando, tentou promover um tumulto que lhe facilitasse a confissão mise-

rável da sua falta de fé, de espírito militar, de inteligência ou de coragem.

Palavras pobres, tristes palavras foram pronunciadas... Mas os faltos de fé e de valor transigem sempre... Foi como não se ouvissem...

Então, porque o batalhão estava sem comandante, lembrei um nome: Helder Ribeiro. Não o consultára ainda. Comnosco o sabia, da nossa esperança e do nosso plano.

Quantos o conheciam e valiam algo aplaudiram. Foram quasi todos. Os melhores, os que nunca hesitam...

Como fazer conhecer ao Comando o nosso justo desejo? As circunstancias eram únicas. Qualquer medida arregulamentar justificá-la-iam, com as circunstâncias, a inteligência e o bom-senso político dos chefes. Eu tentaria deixar adivinhar êsse desejo...

Apertámo-mos as mãos. Sentiamo-nos exaltados, melhores.

A noite, numa tenda, aconchegados em volta duma mesa tósca,—novos e velhos, capitães e alferes, rezámos a *Oração Lusíada*.

Alguns, porém, sofriam a ameaça do nosso entusiasmo e poder de acção.

Para êles, éramos o inimigo.

E numa tenda, até alta noite, Fernandes Soares e eu, dissémos a alegria da nossa esperança e o orgulho do bom successo a que estávamos inquebrantavelmente dispostos.

Lá fóra, ao sabor das ruínas, feridos de saudades, inimigos, alguns, hostilmente, pensavam em nós. Nós, para êles, éramos o mal...

\*

No dia seguinte desci ao Quartel General do Corpo. E passando na Divisão apeei-me diante da casa de Helder Ribeiro.

Trocámos poucas palavras.

— Quere comandar o 23?

E nada mais.

\*

Quando cheguei ao Quartel General do Corpo, o General Birdwood, Comandante do 5.º Exército, conferenciava com o general Rosado.

No final da conferência um ajudante introduziu-me. O general Rosado quisera apresentar-me ao Grande Soldado que comandára os australianos, em Março, diante de Amiens.

O coronel Ivens Ferraz disse depois algumas palavras generosas e pródigas...

Sir Birdwood, que eu vira um dia junto dos meus homens, num acampamento triste em que sofria o nosso orgulho, era a mesma nobre figura, olhando fixo, sem dureza, *gentleman*, sorridente.

No meu coração pulsava a minha alegria agradecida.

Nos olhos fitos, era a minha admiração,

E o Coronel Ivens Ferraz, quando Sir Birdwood se despedia como um Senhor e um Amigo, disse-me:

— O Senhor General Birdwood deseja que se lhe apresente sempre que se encontrar perto dele. Terá muita satisfação em vê-lo...

Saudei. O general Birdwood saiu.

Fiquei junto dos chefes portuguezes.

Estavam presentes os Coroneis Sinel Cordes e Ivens Ferraz.

Passava o tempo. E o General não se cansou de ser indulgente. As minhas palavras nada lhe levavam de precioso ou útil. Era êle que as valorizava, ouvindo-as.

Eu sentia, no fundo de mim mesmo, para lá da excitação e da empresa em que andávamos, — a amargura de não o vêr, a êle, face a outra situação, auxiliado nos seus desejos, ouvido e escutado pelos que tinham a culpa criminosa das realidades presentes.

Não que êle se queixasse...

Depois a minha attitude quási ofendia o meu feitio, o meu orgulho de Soldado.

Mas o General Garcia Rosado sabia, como, dando do meu desejo de servir e do meu idealismo quanto o respeito da fórmula militar e a sua categoria de chefe me permitiam, — como eu não era mais que o subordinado ansioso de trazer, com outros, pelos outros, a parcela necessária ao acto essencial.

Talvez na minha alma, para lá dos meus hábitos de soldado, um pensamento maior andasse ao par do meu sentir, senhores ambos e altos, ávidos de se impôr, fortes de um plano que era preciso trazer de qualquer forma à realidade.

Mas não o soube então. Nem hoje o creio ainda...

O General mandára chamar Helder Ribeiro.

Quando vieram dizer que êle esperava na ante câmara, o General ergueu-se e levou-me até ao vão duma janela sôbre o parque.

Tinha entre os dedos um cartão em que estivera escrevendo algo durante a conferência... Olhou-me, sorrindo.

«Disse que esta era a hora dos doidos, — dos idealistas... Supõe talvez que mal quero aos poetas... Lembra-se daquela poesia, das *Fleurs du Mal. Les deux voies?...*»

Não me lembrava...

Êle recordou-ma... Depois, poisando a sua mão sôbre o meu ombro, recitou:

... *Garde tes songes!*

*Les sages n'en ont pas de si beaux que les fous!*

E despediu-me assim.

Eu pensei como eram em Portugal, raros, os chefes militares capazes destas palavras altas. E na ante câmara saudei, apertei a mão de Helder

Ribeiro, já meu Comandante de Batalhão. Depois... calcei um par de luvas brancas e esperei... Para o trazer comigo.

Em *Aire sur la Lys*, encontramos o tenente médico Antonio da Silva Martins, figura triunfadora de atleta, corpo e alma fundidos na mesma harmonia vitoriosa. Quis ser dos nossos, logo, da nossa aventura. E, retido Bossa da Veiga em Ambleteuse, foi, com a brilhante juventude e camaradagem do tenente médico Fernando da Conceição Fonseca, encarregue dos serviços médicos do batalhão.

\*

Passsei essa noite no Quartel General da 1.<sup>a</sup> Divisão. No dia seguinte, ao almoço, Bernardo de Faria, bebeu pela nova Ala dos Namorados. Depois largámos.

E foi de novo Croix Marmuse, Paradis e as ruínas...

Crescia a falange. Os alferes haviam largado para os acampamentos dos outros batalhões. Espalhavam a Boa Nova. E cada um voltava trazendo oferendas.

De toda a parte os elementos fortes e puros acorriam.

E no dia seguinte, 5 de Outubro, de manhã,— um bando desvairado, numa grita, tentando ao meio das ruínas chamar à revolta o batalhão

inteiro, — foi a eclosão dolorosa, em pobres espiritos mortificados pela saudade e o abandono, de um protesto do instinto rebelde, menos por covardia que por excesso de sofrer.

Em Infantaria 23 não se transigia com revoltas. Nem os oficiais nem a maioria das praças.

Corrêmos sôbre eles... Recordo-me da decisão fremente ou serena dos alferes Tudela e Arez Valente.

Fernandes Soares formára a minha e a sua companhia, próximas. E já o miserável grupo de insubordinados, chorando ou lívidos, se escoava diante de três oficiais, — quando os meus soldados e os de Fernandes Soares acorriam...

Alguns de nós chorámos. Depois quando o grupo desvairado desandou para o Depósito, a encontrar-se com os que Ferreira do Amaral para lá enviára do seu batalhão, vítimas todos de crimes alheios mais pesados que os próprios, — uma banda de música tocou, vibrante, ao meio das ruínas.

\*

Oficiais de outros batalhões vinham vêr-nos.

Entre êles, Anibal de Azevedo do 14, companheiro de sempre, soldado e culto, jóvem e ardente, para dizer-nos contássemos com êle e com 80 homens do 14, se o comando se não opusesse. Era uma romagem.

No 15 repetia-se o mesmo.

Afluíam os oferecimentos... Por todo o C. E. P. as gentes de honra e brio estavam conosco.

O 9. que Quaresma comandára nobremente, agora, com Costa Cabral à frente, preparava-se também.

Em vão espalhavam, certos, as novas que nos davam vencidos, liquidados pela revolta, dominados, corridos... Podia lá sêr! Doidos! E até políticos nos chamaram... Suprêma afronta!

Mas dominada, vencida, ia já a miseravel força negativa que fortalecia a revolta e cruzava os braços, impotente ou, o que era pior, — interessada na sua miséria.

O comando superior não permitiu que Anibal de Azevedo saísse do 14 onde era necessário. Mas vieram para nós outros...

Fôram o capelão António Rebelo dos Anjos, que um dia viera à beira do meu catre, num hospital, oferecer-me a sua fé lusitana e um livro sobre Guinemer; Francisco Jardim Granger, de cavalaria, ardendo em ímpetos de assalto, bravo e ansioso de sofrer e bater-se; Marcial Ermitão e Rafael Sampaio, enobrecidos nas linhas, vitoriosos na sua fé que se dera à guerra e à Pátria desde a primeira hora; Manuel António Correia, rude figura de esfôrço, alma clara de patriotismo ardente e fé lusíada; Ferreira de Macêdo, Barros Carmona, Sousa Moutinho, Manuel Ferreira Camões, Lacerda Nunes, Carlos Marques Neves, Linhares Nobre, Teixeira Monteiro, ala de namora-

dos, irrequieta e capaz de milagres, Faria e Maia, dos Açores, rude e bravo como um português da Descoberta, Alfredo da Fonseca, culto e delicado, sereno, José Augusto do Carmo, ponderado e frio, capaz de toda a vitória, Antero Alves, tras-montano rude, olhos esfusiando, sob os óculos, juventude, decisão, tumulto e sonho...

As vagas do Batalhão quási se completam. Recusam-se oferecimentos de artilheiros condecorados, que em unidades inactivas serviam ao tempo...

Saem do batalhão os que menos podiam colaborar comnosco ou se julgavam maguados...

E um dia, porque parecia terem-se esquecido de nós os comandos, e a vizinhança era infecciosa, — seguia indisciplinado um batalhão em Pacaut, — Helder Ribeiro toma a decisão de partir para junto do 15, para Haversquerque.

Assim o batalhão desfila orgulhoso e severo pelo meio dos destroços dum batalhão insubmisso, através do bosque de Pacaut.

Os ingleses ocupavam Lille.

Baterias nossas iam já no avanço. Felizes!

Soldados e officiais portuguezes haviam sentido a hora de delírio na Cidade liberta.

Perto do 15, o 23 sentia-se bem.

E ouve novas misérias... O abandôno a que nos votavam, aqui, teve todos os seus frutos criminosos na Flandres.

As previsões do General Rosado, pedindo instantemente reforços, realisavam-se mais ainda.

Depois, numa manhã de Outubro, sôbre a festa da véspera em que as senhoras de Portugal foram presentes, o 15 largou para a frente, cantando, num renovo que acusava o crime de tantos; erguia as almas desalentadas, beijava o nosso orgulho na alma, e um entusiasmo em que pulsava a alegria forte e criadora das gentes puras, humildes, fortes de Portugal.

Durante aqueles dias de Haversquerque, muitas vezes, longamente, me demorei na tenda de Ferreira do Amaral. E outras tantas êle veio, de dia, ou alta noite, até mim...

Ao redor de nós era a ameaça, a revolta espriando, e o desejo que ela nos submergisse também.

Em 19 de Outubro, no Bosque de Pacaut, correu sangue português, inglória, dolorosamente.

As rebeliões cessaram.

Depois começaram a chegar contingentes. Que o batalhão tinha menos de 500 homens.

E na faina de organizar, vestir e equipar os que chegavam, dando-lhes uma alma nova, os dias passavam-se ligeiros... Nos seus *messes*, às horas das refeições, oficiais e sargentos cantavam.

Nas salas do Hospicio de Haversquerque, os soldados, à noite, entoavam seus cantos. Os do Alemtejo embalavam-se na toada nostálgica, sarcênica, das suas planicies, — e os pòveiros do

Norte cantavam as modas vibrantes das romarias do litoral minhoto.

No Batalhão de Infantaria 23 estava Portugal inteiro... Já os alferes, ao regressar dos exercícios, com os pelotões festivos, marchando ao som dum canto, gritavam as vozes de comando:

—Pelotão do Alemtejo!

—Pelotão de Coimbra!...

Passava o tempo, ardiam as almas. Chegaram, ao fim de mil demoras incompreensíveis, os últimos reforços.

O batalhão organizou uma festa desportiva para a véspera da largada.

Oficiais franceses e ingleses, e os nossos generais, viram manobrar, jogar, desfilar, num frémito de correcção, de alegria, de orgulho, aqueles mil homens.

O capelão Rebelo dos Anjos recebeu a Cruz de Guerra ganha valorosamente em Lavantie. Muitas praças foram condecoradas pelos seus feitos nas linhas...

E, em último desfile, feita a continência final, —as companhias passaram cantando, arma em bandoleira, os hinos e as canções de Portugal.

No dia seguinte, manhã cêdo, florido e festivo, em cada boca um cântico, em cada espingarda um ramo, bandeiras altas, sonoro, formoso, —o batalhão largou!

Em Estaires o 34 formava uma guarda em nossa honra. Adiante, no dia seguinte, já além trincheiras, o 28 fazia o mesmo. «Estava uma manhã fria, uma temperatura quasi a 0°, conta um official. A chuva miuda que caía enregelava-nos até aos ossos. A estrada achava-se coberta de água e lama. Não obstante o 23 passava, soberbo de correcção imponente, maravilhoso.

Era bem um batalhão de Portugal!

Todos aqueles bravos iam alegres, cantando as nossas canções, cheios de entusiasmo, para a guerra cuja duração ninguém então previa!... O 23 passava, todo igual, todo vibrante, belo e guerreiro. Senti lágrimas nos olhos» — contará mais tarde uma testemunha (1).

— *Est ce que la Guerre est finie?* — perguntavam os pálidos habitantes dos arredores de Lille?

— *Non finie! Commencer!* — gritavam os soldados...

E o *faubourg* de Lille foi atravessado assim... Os quilometros longos foram percorridos, sob a chuva sem tréguas, no mesmo canto infindável.

Soldados de Portugal! Só o crime sem nome, o múltiplo crime da covardia alheia, da ausência de sentido patriótico em tantos que nos deviam

(1) Major José Moreira Sales — *O Livro do Cidadão-Soldado* — 12.º Milhar...

dar o exemplo, o crime do paiz que vos esqueceu e vos renegou, o silêncio, o abandôno, as campanhas que envenenam, — podiam, em aparência, diminuir em vós o valor maravilhoso de adaptação a todas as horas grandes, a força de milagre que salvou Portugal nas horas de extrêmas crises, e nos levou aos confins do mundo, e nos assistiu sempre, oferta de Deus à sua terra bem amada de Portugal!

Depois de três longos dias de marcha sob a chuva, ao quarto, duas companhias, — a de Barros Bastos e a minha, — entraram na Bélgica, na linha, ao lado dos batalhões de Londres, sôbre o Escalda, em frente de Tournai.

Os meus pelotões foram recebidos por uma longa salva de bombardeamento.

Os pòveiros saudaram, trocistas, as granadas.

Os de Coimbra olharam o céu de crepúsculo.

Os de Alemtejo, às granadas mais próximas, viram o seu alferes impávido que sorria.

A companhia estava escalonada ao longo da linha férrea.

Ficámos em Honnevain, junto a Froyenes. Comigo ia o Capelão Anjos e o Tenente médico Fonseca.

Éramos das guarnições da 2.<sup>a</sup> linha.

Em 8 de Novembro o *boche* começou a abandonar as suas posições sôbre o canal. E a brigada

a que estávamos adidos recebeu ordem para avançar, perseguindo.

Mas o Batalhão de Infantaria 23 não seguiria no avanço. E alguém comunicou seria empregado em serviços de pioneiros, concertando estradas.

Os camaradas ingleses sentiram connosco a nossa revolta.

A camaradagem daqueles dias, o moral que adivinhavam em oficiais e praças aproximára-nos, interessava-os agora pela nossa permanência junto deles.

O Major Newton, comandante do 17 de Londres, disse-me a sua pena de nos vêr ficar, de partir sem nós.

Eu senti a ameaça. Sofri por mim e pelos meus homens, pelo meu exército e pela minha terra. O batalhão viera para atacar. Já os comandos ingleses, mesmo, lhe haviam destinado talvez um lugar de honra no ataque à posição do monte Saint-Hubert.

Aflito, escrevi ao comandante de batalhão. Ainda com êle me encontrei depois quando, com o Major da Brigada inglesa, viera às posições avançadas.

Então Helder Ribeiro tem um rasgo que traduz o sentir de todos os seus homens. Procura o general Kennedy, comandante da 148 Brigada inglesa, j6vem e *gentleman*...

— Meu general! Comando um batalhão organizado para o combate, mil coraç6es ansiosos

por se bater. Se os afastam do fogo, vão sofrer todos uma dôr enorme! Consiga, meu general, que o unico batalhão português organizado que se bate na Flandres, siga perseguindo o inimigo! Mil corações lho agradecerão!

Nas linhas avançadas os soldados de Portugal, irritados, choravam de raiva. Quê, não avançar mais, não entrar em combate, agora que estavam ali!

E quando, na noite de 8, recolhera ao meu bolete e repousava,— uma ordenança inglesa veio.

Trazia uma garrafa de rum e uma carta...

A carta reproduzia um telegrama da Divisão inglesa ordenando seguisse o 23.<sup>me</sup> Portuguese Batalion, com a 148 Brigada Inglesa e com o seu 4.<sup>o</sup> Batalhão...

*«With compliments for Capt Casimir.  
Major Newton...»*

Chamei os meus companheiros de bolete. Sobre o Escalda cruzavam-se granadas, as últimas, disparadas pelas baterias alemãs de Warchinles-Tournai...

O capelão Anjos, o Doutor Fonseca, o alferes Carmo acorreram, despertos por mim...

O capelão deitára sobre os ombros uma manta.

Li-lhes o telegrama. Bebemos do rum que a ordenança nos deixára...

E dansámos, os três, numa sarabanda de alegria! A nossa alegria era a das nossas almas, a dos nossos soldados e a de Portugal!

O pelotão de Granger, à frente, recebia as últimas granadas *boches* daquela noite. Os soldados de Barros Bastos, sôbre o Escalda, com alguns pelotões do 35, ganhavam as últimas Cruzes da Grande Guerra.

Não tivemos uma baixa. Nas posições ocupadas por portuguezes e ingleses, as rajadas alemãs pouparam sempre as nossas.

Uma loucura diferente, guerreira, animava os soldados. Granger ansiava a passagem do canal sob o fogo. Os olhos dos alferes cantavam de alegria. Era a guerra formosa e nossa em que íamos tentar resgatar as faltas alheias. E um mêdo nos tomava, sómente,—o de a guerra acabar...

\*

Passy-Froyennes, o grande convento sôbre o Escalda...

Em frente, tentando ao assalto, as encostas macias do monte Saint-Hubert que o *boche* abandonou agora...

Tournai a dois kilometros, Tournai liberta desde esta manhã. E o *boche*, na direcção de Ath, em retirada.

Batalhões de Londres com elementos de Infantaria 35 e com o meu batalhão seguem-lhe no encalço. Passaremos amanhã o Escalda. Amanhã!

Na luz mortíça do crepúsculo, pelas escadarias tapetadas com os pulverizados restos dos altos vitrais, sobem os meu homens. As enfermarias abandonadas conservam os leitos em que soldados alemães repousaram do longo pezadêlo, para voltar de novo a êle ou regressar à terra... A perder de vista alinham-se os leitos nos salões enormes. E o convento é ruidoso como uma cidade. Do fundo ala-se a voz dum órgão. A sombra espessa-se pelos corredores. Nas imensas janelas nuas a noite espreita, escura, que o luar mal nasceu.

Não se ouve um tiro... Vivemos desde ontem no silêncio e na calma. Tombaram talvez ontem os últimos soldados. E temos a impressão que, há muito tempo, uma grande guerra desvairou o mundo. Sôbre os catres conchegados, numa das salas da Biblioteca, os meus camaradas riem. Não há jantar, senhores! O frio chegará para todos, esta noite, rapazes! E um alfêres de fôlego consola-se arripiando um cornetim, presa de guerra... Soléne, tomo-o nas minhas mãos. E, sem piedade, sópro com fúria...

Depois chegam as outras companhias, ruidosas na escuridão dos jardins atravancados de viaturas.

A quarta, que nestes dominios fez, durante dois dias, sem uma baixa, a doce guerra em primeira linha, — repouisa no vasto rez do chão em que um órgão ressoa...

O grande edificio de onde fugiram os habitantes violentados, as pobres freiras e os alunos pávidos quando a guerra veio, anima-se de novo, ecoando cada grito nos corredores fundos, pelas vastas salas cheias de escuridão.

No Escalda os pontoneiros ingleses trabalham sem descanso. Os canhões repousam. A tristeza do fim começa a anoitecer os olhos dos soldados. O grande convento adormece, lentamente, sob o luar pálido... E em paz, apesar do frio, aconchegados uns aos outros, adormecemos, também.

Na manhã seguinte, com luar ainda e estrêlas no céu, — emquanto nos pátios fundos arde a mancha vermelha das cozinhas rolantes, o batalhão acorda, ressoam os corredores de novo, descem os homens tacteando a sombra, — e a pouco e pouco, no céu lívido e frio, as estrêlas morrem, o luar enfraquece, o dia vem, o batalhão abala.

É a marcha de novo, o Escalda, novas terras libertas, sorrisos e cantos, flôres e afagos, e a alegria rude dum batalhão de Portugal que avança.

Aqui, além, um tronco derrubado, uma casa em ruinas, defesas de arame, sombras de guerra...

Que se não fôra isto, mal diríamos como durante semanas se combateu ali.

A esquerda, um pavilhão todo branco, mármoreo, foi em tempos a habitação do príncipe Rupprecht. Ontem, ante-ontem, ocuparam-no soldados da nossa terra, em postos avançados.

Uma grande Alamêda, à nossa direita com grandes troncos mortos jazendo por terra, é Tournai que começa e, depois, sob a ponte de barcas, em frente, o canal...

Começou então a romaria linda.

Pelas estradas, pelas aldeias que a alegria da libertação tornava mais clara, a cada porta, em cada jardim, foi um sorriso, uma saudação, uma benção ou um crisântemo alvente. E não nos conhecem.

Americanos? Australianos? Ingleses?

—É Portugal que passa, gentes do grande rei!  
*Vivent les Portugais!...*

E, numa ronda, agitando palmas, as creanças cantam... *Vivent les Portugais!...*

De olhos embaciados, as velhas mães pasmam. As bandeiras belgas tremulam sôbre as fileiras firmes. Uma grande bandeira verde e rubra, vai, muito alta, lá diante...

E os rapazes da minha terra cantam :

...Pela Pátria, pela Bandeira.  
Para a frente até morrer!...

Em cada peito debruçam-se crisântemos. As bocas das espingardas vão floridas e altas. A Bélgica, na sua face emaciada de nobreza e martírio, tem um sorriso de Alma agradecido e eterno.

Sim, nós viémos também... Por que caminhos maguados?... Mas viémos. Deus quis...

As cabeças tocam um céu diferente, aligeiram-se os passos, meu coração diz-me como os nossos filhos, mais tarde, e nós, quando esquecermos as traições que nos pungem e as misérias que a nossa fé domou, — havemos de ouvir o eco destas jornadas, alto hino triunfal...

O céu é azul pálido e oiro. Um avião, entre as nossas granadas, muito alto, curveteia no azul. E em sucessivas caravanas passam, regressam, evadidos do *boche*, as crianças, os velhos que as tropas do Kaiser levaram como forçados. Grandes e pequenos, impelidos pelos que voltam, os carros cheios, descem lentos as estradas largas...

Batido, massacrado pelos vossos aviões teimosos, o *boche* foge... E dizem-nos...

«Ils se sauvent, les *boches*! A Frasnes, à Ath!... Ils sont à Bruxelles! Vous ne les atraperez pas!...

E as palavras riem, cantam, fundem-se no Sol doirado, na tarde linda, no silêncio, para lá das coisas, adivinhando a hora que chega como as flô-

res abrem, os suspiros se exalam, os gritos se extinguem e a noite se vai...

\*

Quartes... Uma paragem. Os soldados espalham-se, entram nas casas a convite das gentes. Uma grande alegria pasma as crianças, as mulheres, os velhos.

E contam como o *boche* anunciava, ontem, alegre e apressado, que Tommy vinha aí já...

Em cada encruzilhada abrem os boqueirões dos torpedos que os pioneiros ingleses desenterram. Em alguns pontos a estrada está interrompida por formidáveis crateras...

E a gente segue.

Mas a ordem de estacionamento chega.

Como a noite cai, ligeira, preparo o acantonamento da minha gente na povoação dispersa onde chegámos.

Corro, num galope, entro pelas ruas abandonadas. Assomam cabeças aos postigos.

E é primeiro, nos habitantes, logo reprimido, um movimento de receio...

O inimigo que volta? pensam...

O nosso uniforme cinzento alarma-os.

E quando lhes contamos ser aliados e de Portugal, os olhos iluminam-se, as palavras atropelam-se na emoção fremente, dão-nos tudo, as palavras lindas, os leitões, as casas aquecidas, ofere-

cem a palha em que dormirão os homens, prepararam alimentos, vão aos esconderijos que desafiaram a polícia *boche* e iludiram as requisições instantes durante quatro anos.

As palavras repetem-se...

—Et voilà! Ce sont les portugais, ceux que nous avons reçu les premiers...

Adivinha-se que Portugal é afagado nas palavras deles, nos sorrisos deles, nas suas ofertas inquietas do desejo de tudo nos dizer, êles que vivem, desde ontem, o bom tormento da alegria maior.

E enquanto, à beira do fogão mais vivo, aconchegados e embalados, no conforto familiar destas casas do norte, M. Baptiste, muito velho e trémulo, me encara de olhos molhados e parados, sorrindo, como em adoração,—a velha companheira e a filha preparam os meus alojamentos e o primeiro mimo,—dizem os quatro anos mortos, as lindas lutas heroicas, resistindo, corações fechados, bem entregues à devoção maguada e nobre de defender o seu amor de belgas...

A brutalidade boçal, a violência estúpida e ridícula dos conquistadores do mundo,—o seu orgulho congestionado e parvo,—as depressões miseráveis e escravas dos últimos dias, contam-mas as duas mulheres,—orgulhosas de se terem batido,—porque, nesta guerra, os civis patriotas, nas terras violentadas, bateram-se como nós...

As horas passam... Falo-lhes da minha terra.

Ouvem, e o sorriso deles embala o meu orgulho que vem do Mar, das temerárias viagens, dos combates de outrora e da minha fé destes tempos.

O fogão canta... Os bolos doces, feitos com açúcar guardado desde 1914, aloiram perto da chama que é mais ardente e linda.

Depois eu conto os calvários da trincheira, as horas ansiosas e perigosas em que a fé não diminuiu um momento, a certeza da vitória, desde o primeiro dia, através de tudo, nas almas que Deus alumiaça, e a epopeia linda, a derrota impossível porque existia Deus...

Aos seus olhos amigos, para a sua alma, evoco a tragédia suprema, a rebelião dos demónios, os combates furiosos. Digo a legenda eterna do Drama imperecível... E a alegria do perigo, a aceitação da morte na certeza da imortalidade...

Sinto-me puro e forte, diamantinamente forte, iniciado e Cavaleiro.—São palavras que digo ou orações que rézo?...

O sorriso deles, o sorriso grato e profundo, de silêncio e alma, é um afago que me toma e embala e vai aos do meu sangue e aos do meu Amôr...

\*

A ordem de marcha para o dia seguinte chega. São 21 horas. As 7 h. de amanhã o batalhão abala... Passaremos à frente da brigada que nos

precede, e com o 15, 17 e 21 de Londres, sob o comando do general Kennedy, um grupo de metralhadoras e artilharia, seremos a guarda avançada, sôbre Ath e pontes do Dendre.

É pois a guerra ainda, a marcha bela, talvez o contacto com o *boche*, — Bruxelas mais perto, e mais honra para o mais feliz batalhão de Portugal!... — Almas doridas, torturadas, ansiosas, — é perdoar, perdoar! Nós amamos a guerra, esta guerra, o ataque com a morte possível a embelezar e a ilimitar o esforço, o orgulho dobrado pela tarefa santa e a certeza de cada angústia, cada sofrimento, cada gota de sangue pesarem infinita e formosamente na fiel balança do Senhor, no dia do grande ajuste.

\*

11 de Novembro. Manhã de névoa.

Os pelotões vão largar. Uma ordem chega. A Brigada 140 não continúa o avanço e regressa a Tournai.

Nem um tiro ao longe.

O armistício talvez... Quê?

Vibrantes chegam as notas claras duma banda inglesa... É um desfile novo.

Na manhã de névoa há sol, senhores!...

E já somos outros... Como se, sem o sabermos, fossemos manobrados por uma razão latente, um novo estado de coisas de que as almas, antes

que os espíritos,—se impregnaram no silêncio. O desencanto começa. É o armistício afinal! Mas, na tristeza dêsse desencanto, que de alegrias vivas!... Na sombra entreabrem-se flôres ocultas, claridades raras, perfumes de enternecer,—emoções de infância, lágrimas abertas, como pequenos lírios florindo um regaço materno de esposa ou de mãe... Nas nossas almas riem os do nosso Amôr. Riem e choram, aflagam-nos, acarinham-nos, que a alegria pura é assim.

\*

O general Kennedy, loiro e nôvo, *gentleman* risonho,—veio vêr-nos. Ao longo da estrada o batalhão espera. Familiar e amigo o general passa. Depois reúne-nos à sua volta, e diz-nos a sua satisfação de constatar a esplendida aparência dos nossos homens e o seu orgulho de nos ter consigo.

Não quis o acaso que, nesta última *étape* da guerra, portugueses e ingleses se dessem à morte e ao ataque, juntos, numa acção de vulto.

A guerra está talvez acabada.

Mas êle será feliz se nos tiver sempre consigo. «E agora, senhores, vamo-nos repousar, sentados sôbre o Rêno alemão (1)».

(1) Não fomos. O abandono a que o ano de 1918 votou o Corpo Expedicionário Português, e os factos que dêle vieram, deprimindo-nos,—não permitiram que alguém ousasse

O batalhão desfila em continência. O general segue na testa da coluna, gentilmente, durante uns minutos...

E o batalhão que há oito dias marcha infatigável, num canto ininterrupto, agora segue silencioso, grave, quasi solene, as filas alinhadas, as cabeças erguidas, com vincos nas rostos, e os olhos severos...

Será que a alegria esplêndida os não haja tocado, a alegria soberba da guerra finda e o retorno à Patria mais proximo, quando, depois do atoleiro, graças a um milagre de patriotismo e fé, uma unidade constituída da infantaria portuguesa ocupa um lugar de honra na vanguarda dum exército vitorioso? Ou porque a grandeza do que passa nesta hora imortal, lhes toma a alma sem que elles o saibam?...

Alguém estranha êste silêncio taciturno. Uma voz responde:

—Cantar agora? Quando voltamos para trás?...

Com alegria, eu sinto como teem razão. E recordo a formosa marcha entusiasmada que nos trouxe das nossas ruínas até ao Escalda, os cantos sem fim sob a chuva ininterrupta, no desenrolar fatigante dos kilómetros longos, através das povoações libertas que, num risonho espanto, nos

pedir para nós um lugar, que a Inglaterra nos reservava talvez, ao lado dos exércitos de occupação. Portugal perdeu uma vez mais, em sua honra. Ao futuro deixo o castigo dos culpados.

preguntavam se, com efeito, a guerra terminára já.

Pelas estradas repletas, na manhã diferente, tropas escocesas, do Black Watchers, — cruzam-se comnosco. O fim da guerra isto? As mesmas caras graves, e uma tensão austera nos rostos enobrecidos de heroismo e vitória.

Musculosos e belos, fortes e altivos, desfilaram os filhos da Escóssia.

E a artilharia, rodando sôbre as estradas desfeitas, com bandeiras paradas nos armões e ao peito dos condutores...

Muito baixo, quási rasando o solo, engrinaldados, com pilotos saudando, passam os aviões felizes.

As mulheres e as crianças agitam bandeiras, apressam-se na colheita das flôres, esperam-nos à porta dos jardins.

Em Tournai, quando alojoo os meus homens, correm para nós a oferecer asilos.

Adam, querido camarada, da Escóssia e de Portugal, vem dizer-me que na cidade há alojamentos esplêndidos para oficiais... Que me não precipite. Chegava a hora de saborearmos a civilização.

Mas eu fico junto dos meus homens, com os meus camaradas alferes. E quando respondo a uma pergunta que envolve um convite, escolhendo uma das casas próximas, a alegria da dona da casa é cheia de gratidão.

— Nunca, senhor capitão, um capitão *boche* aceitaria a minha casa.

E Madame passa a ser, na rua, aquela em cuja casa ficou o capitão português...

Uma hora depois somos de cada família, temos crianças sôbre os nossos joelhos, os soldados passam lentamente, ao longo dos passeios, levando crianças pela mão...

Assim acabou a guerra. A Guerra Grande. Se relêsse as páginas que aí ficam, sofreria da platitude que elas marcam.

O grande suspiro de alívio ouço-o agora que os meus irmãos de guerra largaram da mesa em que comungámos a mesma alegria jovem nos mesmos cânticos de Portugal.

No silêncio do meu quarto passa a Vida toda.

Um mistério desce e a sua tentação vence o meu cansaço, bate às portas da minha Alma eterna.

Fico, de olhos abertos para o vago, escutando em mim.

E da minha vida, dos momentos em que o meu sentir e a tragédia se encontraram, do apostolado a que me dei, das lutas que venci, das colheitas de orgulho e das lágrimas não choradas, da dôr dos meus, do sacrifício grande em que ela foi a Senhora das Dôres, dos calvários que eram a cegueira, o egoismo ou a traição de

tantos, — da minha sêde dolorosa de dar-me, do meu amargurado amôr à terra malaventurada do meu Amôr, — das alegrias fidalgas frente à irmã Morte no convento das linhas, nas trincheiras de outrora, — das minhas loucuras, das minhas hesitações e dos gestos grandes, sonhados ou realizados, do pensamento severo e doce que me tornava a morte linda, (a morte que não veio porque Deus me conhece), do Amôr ao meu Filho e do meu Amôr às divinas existências que andam em mim, dos dias que não morrem, das horas que não passam, da longa noite que se fez aurora, — do vasto incêndio que se fez auréola, do enorme grito que já é hossana, — dos vivos e dos mortos aos milhares e dos corações que sangram, dos corações das mães e das noivas que esperam alarmadas ainda, tanto a dôr as possuiu, — do céu e da terra, dos homens e das coisas, dos crimes punidos e da Beleza vitoriosa, do tumulto e da glória, do céu e do inferno, de Satan e de Deus, — num alude auroreal e brando, impassível de suavidade e doçura, e indomável, tomando-me, — uma grande paz, uma suavíssima ternura me invade, imponderabiliza, extasia, embala.

Revejo as feridas sangrentas, as horas de cemitério depois dos ataques, as raivas primevas, os pânticos que a alma não doma. Os cadáveres despedaçados, a terra desfigurada, os arrancados aos túmulos e os corações aos peitos...

A vontade nobre dominando o egoismo, a

Alma procurando a Morte e reprimindo os alarmes da carne...

E a grande alvorada cresce, vem, leva-me no seu vôo etéreo, e sou transparência, alma de Aurora, alma sómente...

O meu orgulho é diante de mim como uma criancinha.

Esqueço as minhas misérias.

Perco-me na minha inocência.

Renasço. Vivo.

E Ela, a Senhora das Dôres, com o meu filho no regaço puro, sorri e chora, perdôa...

Assim foram os soluços, num choro desfeito, que me embalaram, que me adormeceram, na primeira noite da Paz.

## O RAPTO DAS DONZELAS

**P**ASSAMOS esta manhã a fronteira.  
Eis-nos de novo em França.

Uma nova saúdade se aconchega em nossos corações, agora, e a lembrança das horas, na Bélgica para sempre vividas, mais desencanta os soldados tristes do regresso.

Que a Pátria nos perdôe... Vamos voltar às ruínas, às pequenas misérias dos do nosso sangue... E éramos, ontem ainda, o batalhão português da Bélgica... Cada soldado um porta bandeira do nosso orgulho, acarinhado, honrado e fortalecido pelo carinho das gentes, pela beleza das horas, pela nobreza da embaixada.

Em cada casa, em cada alma, deixávamos uma impressão amiga.

Que, na orgulhosa alegria de nós todos, a doçura lusíada fizera-se mais dôce ainda... As almas torturadas na ânsia de nos dizer carinho, havíamos dado toda a simpatia possível num soldado.

E não haviam bastado as flôres dos jardins de outono, o conchêgo com que nos recebeu cada lar, os sorrisos, as palavras amigas, os silêncios devotos com que, na Rua de la Guerre, em *Les Anvaîn*, durante uma noite, almas da Bélgica, olhos humidos e comovidos, — rezaram a sua gratidão perante os primeiros aliados que lhes/bateram à porta.

Nem as palavras que nos faziam de cada família... Nem a surpresa enternecida com que, no meio dos outros aliados, reconheceram nos rapazes de Portugal a ingénita brandura que é sorriso enamorado, acolhedor regaço, e mão forte protegendo...

Saimos da Bélgica ainda sob flôres.

Que o céu quis, por ela, afagar-nos ainda. E os pelotões, cantando, desfilaram sob a chuva de pétalas desfeitas, tombando alventes dos jardins do céu...

Fria tomba, agora, a chuva sôbre as nossas tristezas. Mas os pelotões seguem ligeiros, martelando a lama pelas estradas mal refeitas, por entre as planícies já francesas sôbre que se enrodiham, mortas, as meadas cinzentas dos fios telegráficos derrubados. Aqui e além, munições ao abandôno.

Marginando as estradas, avisos individuais marcando o limite de cada dia na grande marcha de perseguição. Já nas aldeias as fardas *kaki*

pululam e as taboletas militares inglesas pendem ao lado das indicações em alemão.

Raras são as ruínas. Só, aqui e além, a distância, uma casa mutilada.

Vai a marcha longa quando nos avizinhamos de Peronne, perto de Lille.

Os cantos dos soldados são as asas de marcha.

Os soldados cantam.

E recordo, sorrindo, a frescura juvenil, o ritmo ligeiro dum canto neste fim de marcha, pela tarde fria e nevoenta, a morrer-se de penumbra.

A primavera tem bonitas flôres,  
São bonitas mas não são iguais,  
A primavera vai e volta sempre,  
A mocidade essa não volta mais...

Tristeza? O canto dizia a ânsia de chegar ao repouso, levar só ao fim a longa marcha...

Ponho-me a cantar com êles...

E o tempo, e os quilómetros e os versos, são outro canto, de mãos dadas, mais lindo...

A primavera tem bonitas flôres...

Na minha alma passam entre primaveras, renovadas, flôres belas, sóis diversos, — no afan da jornada, a visão da minha mocidade, os dias mortos, as ilusões e os sonhos imortais.

A primavera vai e volta sempre  
A mocidade essa não volta mais...

\*

Dormimos em Peronne. Coube-me a casa de uma velhinha que esperava ainda os filhos levados pelo bárbaro...

Faltavam os moveis... Tinham levado tudo. Mas o fogão doirou-se de chamas. A minha roupa secou ao calor brando e crescente, enquanto a pequena sala, nua e triste, se doirava numa epifânia do fogo e da nossa alegria...

Dos meus camaradas alferes ficára numa ambulância, a arder em febre, — Granger, de cavalaria, que, até ao armistício, ardêra numa febre exaltada e heróica, ansiando combates, vivendo suas horas irrequieto de *panache* e bravura...

E éramos uma família que os últimos dias da guerra e o amôr a Portugal juntára na mesma jornada de amôr.

Ermitão, Sampaio, Camões, Carmo, o cavaleiro ausente...

As chamas cantavam no fogão contentes.

E, embora a tristeza daqueles dias de regresso e desencanto, — (íamos ser homens como os outros, dissera-me, no dia do armistício, um guerreiro inglês), — na alegria do fogo ergueu-se, alou-se a nossa alegria.

Com as chamas, cantámos...

De manhã cedo, (devíamos seguir às primeiras horas do dia até Englos, para lá de Lille, —)

entrei na pequena casa onde dormira um dos meus camaradas alferes: Rafael Sampaio.

A dona da casa quis que eu aceitasse uma taça de café bem quente. Eu, curioso, interroguei-a.

Sôbre o fogão fumegava o café que uma ordenança trouxera. A dona da casa, lentamente, ao meio da habitação nua e triste, falava-me da occupação *boche*... E dizia as misérias e as humilhações, a violência e as lágrimas, a longa ausência dos que haviam partido no primeiro dia de guerra (vivos ou mortos a esta hora?), — e a dôr dos batalhões, dos regimentos rolando num alude, gritando cantos guerreiros, onda interminável que ia submergir a França...

Como se havia perdido a antiga alegria, as côres da face e a devoção da terra... «Que as sementeiras novas davam a sua colheita, deles... E até a terra sofria de nos ver sofrer míngua, ela tão pródiga, tão mãe!...»

Uma noite, altas horas, a aldeia acordou num sobressalto. Nas ruas soavam roucas, ásperas vozes de comando, as coronhas das espingardas feriam o chão. Ao fim de cada rua postavam-se patrulhas vigiando... Depois, percorrendo as casas, lendo ao clarão das lâmpadas de bolso os boletins que em cada casa, à porta, diziam o nome e a idade dos habitantes, dois homens paravam dian-

te daquelas em que habitavam raparigas com mais de 15 anos.

Duramente batidas, as portas abriam-se.

As mães, receosas, adivinhando a dôr, desgrenhadas e pávidas, entreabriam o limiar de cada casa.

E os mais compadecidos, afrontados no seu papel de algozes, tentavam palavras de consolo...

—«Madame, vous beaucoup malheur... Marie... Eugenie... Germaine... Vite... paquet partir...»

—«Como?—Para onde? Para quê?... Sossinhas?»

—Partir, madame... Partir! Nicht savoir!...

A porta esperavam as patrulhas.

Um oficial mais rude apressava brutalmente a partida... E à pressa, entre lágrimas, num desespero de morte sufocada, num tumulto de dôres entrechocando-se, enquanto a madrugada se aprestava ao longe—no silêncio dos próprios soldados ofendidos, repesos sob a brutalidade da ordem,—opresso de lágrimas não choradas o peito, as mães e as filhas desesperavam de Deus...

—Vite! Partir... Vite!...

Maguados e compadecidos, rudes e brutais, os soldados desatavam os últimos abraços...

Infâmia! Infâmia!... Para quê palavras? As figuras são amassadas em ódio, a dôr galvanizou de despêro, de silêncio as faces... No céu, de

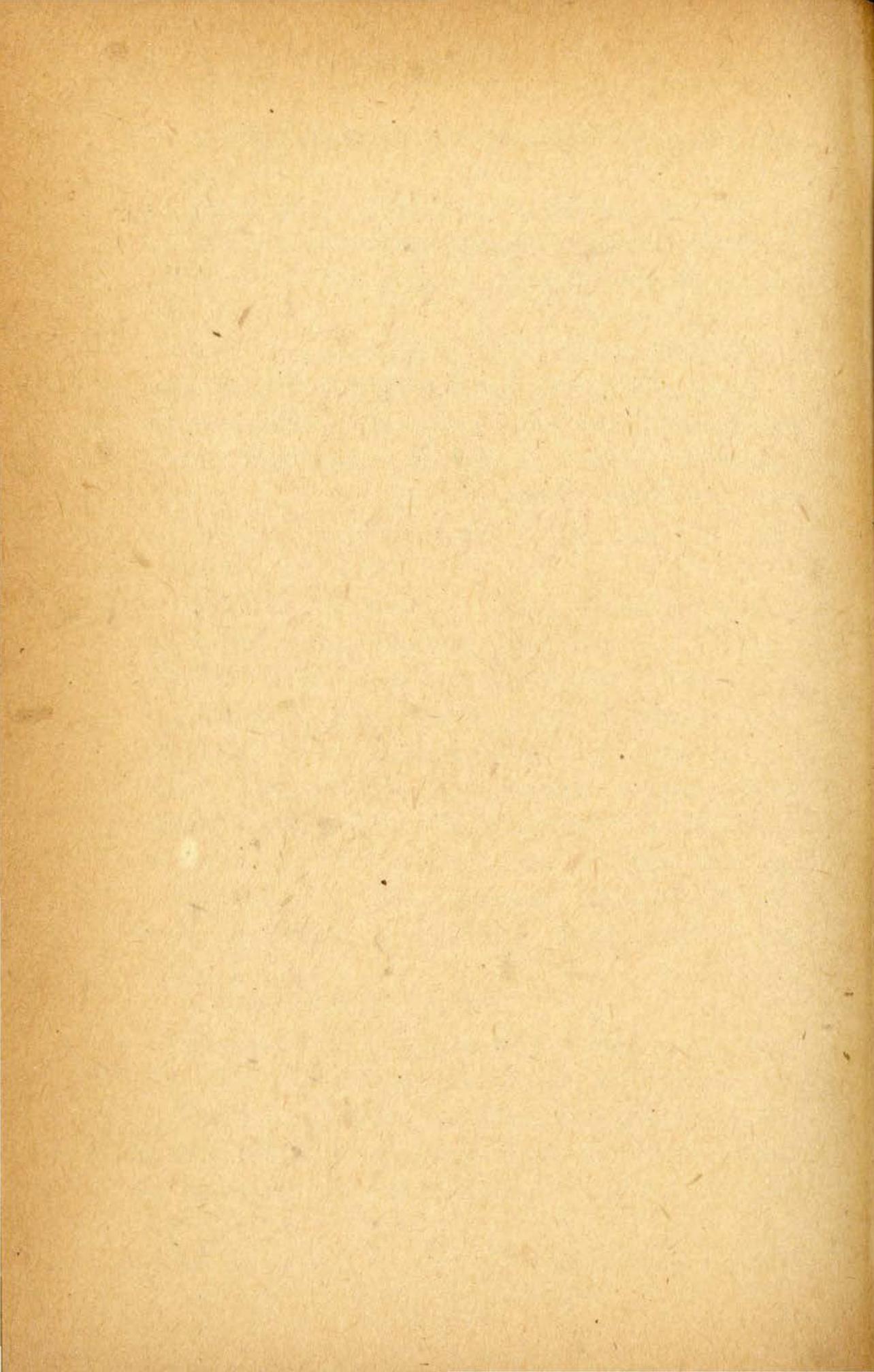
espanto, empalideciam as estrelas. A terra guardava um silêncio atónito...

As virgens partem na madrugada lívida...  
As mães esmagam sôbre o peito e os lábios montanhas de desespero...

— Para onde?

— Nicht savoir!...

E a cada porta, numa escultura trágica, desgrenhadas fúrias, num gesto, olhos estanques de lágrimas, rúbidos de fogo e raiva, num desespero, desafiavam Deus...



## O IMPERATIVO DOS MORTOS

A GUERRA GRANDE tombou oito milhões de vidas. Em cada campo de batalha há um cemitério enorme.

Onde foi uma ambulância, por trás de cada grande hospital de guerra, alinham-se as cruzes iguais ao longo das alamedas nuas, pequenas ou sem fim...

No fundo do mar, nos convéses submersos, nos porões cheios de água, nos beliches cerrados, ou entre algas, decompõem-se milhares de cadáveres...

E há os que não tiveram campa, aqueles cujas caveiras brânqueiam, os *no man's lands*... E aqueles que a morte aniquilou e dissolveu, dispersou no mesmo momento horrível.

E os que vivem, mortos vivos, na esperança alanceada e pertinaz do Amôr que não se cansa de esperar por êles...

Mortos?... Porque me custa dizer esta palavra, a mim?

A morte não aniquila, nem reduz os verdadeiros vivos... E os mortos desta guerra viveram a verdadeira vida. A morte, limiar obrigatório da eternidade, aligeirou-os das suas e das nossas misérias, fê-los transparentes, e, integrando-os na grande corrente de devoção que alaga o mundo e a renova, deu-lhes, a êles que tinham sido o silêncio, a resignação do sacrifício, divinas forças activas, a imaterial existência, a força inexaurível dos símbolos que através das idades veem embalando o coração e guardando os sonhos do mundo.

Esqueci-lhes os nomes? Que importa? Vejo-os, eternos, radiantes, na grande luz que lhes aflora os túmulos e os embala... O futuro há-de senti-los presentes na grande voz, como um hosana, — que, fundindo gemidos, queixas, palavras, doces cânticos, gritos de ataque bárbaros, — embalará o mundo modelando os sonhos dos homens pelos séculos fóra...

Êles são todos os mortos, os de hoje e de ontem.

Os da minha raça que me comandam, os de todas as raças comandando o mundo...

E a sua nobreza bastará para encher os novos pergaminhos dos do seu sangue.

A consciência dos homens há-de sentir vir deles, vivo e ardente, como um éco de além vida,

*remember* suprêmo, — como um verbo harmonizando e dando face ao cáos, — o imperativo formidável que nada poderá calar...

As campas do Mar e do Mundo longamente dirão suas vozes... Serão como um remorso formidando na memória da Vida. Um *remember* acusador e interminável, como certas ruínas, e certas manchas de sangue a eternizar um crime.

Os mortos serão a fôrça dos vivos pelo que sofreram, vítimas... E do seu culto... Da sua devoção. E serão a visão de horror infamando uma idade, gritando no silêncio dos séculos a maldição dos erros, das mentiras, das falsas tiranias que lançaram os homens, como fêras, uns contra os outros, no grande circo ensangüentado.

De sangue e dôr, de expiação e morte, se ergueu o pórtico formidável separando dois mundos, duas idades, dois homens...

Pelos mortos os povos, — escravos de falsas tiranias, entenderão o desmentido às suas falsas tábuas de hoje, — prisões da vida, limitações de Deus.

Os mortos são a voz de Deus sôbre a terra.

Êles dirão como é pecar, cometer blasfêmia, — ir, em nome da inteligência que se adapta às vaidades e aos egoísmos, — contra a lenta, às vezes indecisa, dominada em aparência a momentos, — mas absoluta, impassível, harmoniosa, fatal corrente da vida cujo ritmo grave é o canto da divina Liberdade em marcha.

Êles acusarão sem fim quantos descrêem das eternas conquistas que Prometeu ressuscitado fez para o Mundo. Quantos escarneceram Cristo. Quantos negaram a palavra do Senhor.

E os que na sua cegueira tentaram deformar a vida em falsos moldes e em inúteis tiranias.

De polo a polo, de século a século, os mortos mandarão.

A sua ordem os falsos moldes serão quebrados, as velhas fomes satisfeitas...

Pacificar-se-hão, à luz que sobe dos seus túmulos, — as horas tumultuosas dos primeiros tempos da Era Nova, a aurora vermelha...

Por êles Deus falará aos homens. E a vontade de Deus será feita através das imperfeições, egoismos, hesitações e violências dos primeiros tempos...

Êles proclamarão a morte dos velhos deuses e das velhas verdades, a ilusão também dos sonhos que a bondade e a fome, a iniquidade e a incerta justiça veem alimentando...

Êles darão a fórmula nova para a generosa tirania dos tempos que chegam. Que os novos tiranos receberão dos mortos seus mandatos.

Sôbre os homens débeis de ambições e pródi-gos de sonho, — uma nova lei exercerá sua fôrça e sua violência para que o reino do céu possível seja sôbre a terra, a-pesar e através das misérias e das fôrças demoníacas que suplantam no homem a criatura de Deus.

A era que começa trará mais justiça às coisas do mundo, alimentar-se-há de todas as mortes, de cada pezadêlo e de cada lágrima, de todas as dôres desde o princípio aceites na precisão longínqua do renôvo que vem. E tombarão as ilusões que negam a justiça: — como ôdres de vento será trespassado o corpo das palavras inúteis e illusórias. A grande sêde mal saciada chamará os homens ao caminho comum donde, em nome dela, se afastaram. E assim encontrarão a pura fonte onde dessedentar-se.

O mundo, as almas, e as coisas serão modeladas, seus calvários terão suas aleluias, sob o influxo imperecível dessa inefável e infinita voz.

Como foi sempre, como será *ad aeternum*.

Dos túmulos da guerra ergue-se a flôr dum maravilhoso renovo.

Através da morte, a vida transfigurou-se, tornou-se mais bela...

A dôr, a miséria, todos os sofrimentos, abriram os olhos dolorosos do mundo. Ao fogo duma grande fé e dum alto sonho, através da Paixão sangrenta que durou mais de quatro anos, — decantou-se uma verdade nova, uma promessa mais forte.

Os povos tomaram consciência de si mesmos. Ei-los a caminho.

Do martírio de Cristo, filho de Deus, floriu um mundo.

Do martírio do Mundo e da nova revolta dos Anjos, vai brotar uma aleluia maior.

E hão de ouvi-la, puríssima e sublime, quantos se debruçarem sôbre uma campa de soldado, ou guardarem silêncio, à beira mar da própria Alma, nos campos revoltos, apasiguados, onde os écos da tragédia repousam entre insepultas caveiras. Vai a vida pesada de tragédia. Vivemos num calafrio. Sentimos já o arrepio do milagre.

Os mortos da Grande Guerra vão ser os calmos condutores da hora dolorosa.

E para lá dos séculos, para lá das montanhas, para lá de todas as vidas, êles dirão, com os outros, sua vontade eterna às almas raras e altas em que Deus se revela e a Vida fala suas vozes... Elas acusarão sem descanso o velho mundo e as velhas tábuas da lei...

A lenda agigantará os batalhões ceifados, alterará os traços dos grandes mortos, a auréola deformará talvez a realidade aparente do seu esforço. Mas a sua realidade essencial ficará inexgotável, como uma fonte de Vida.

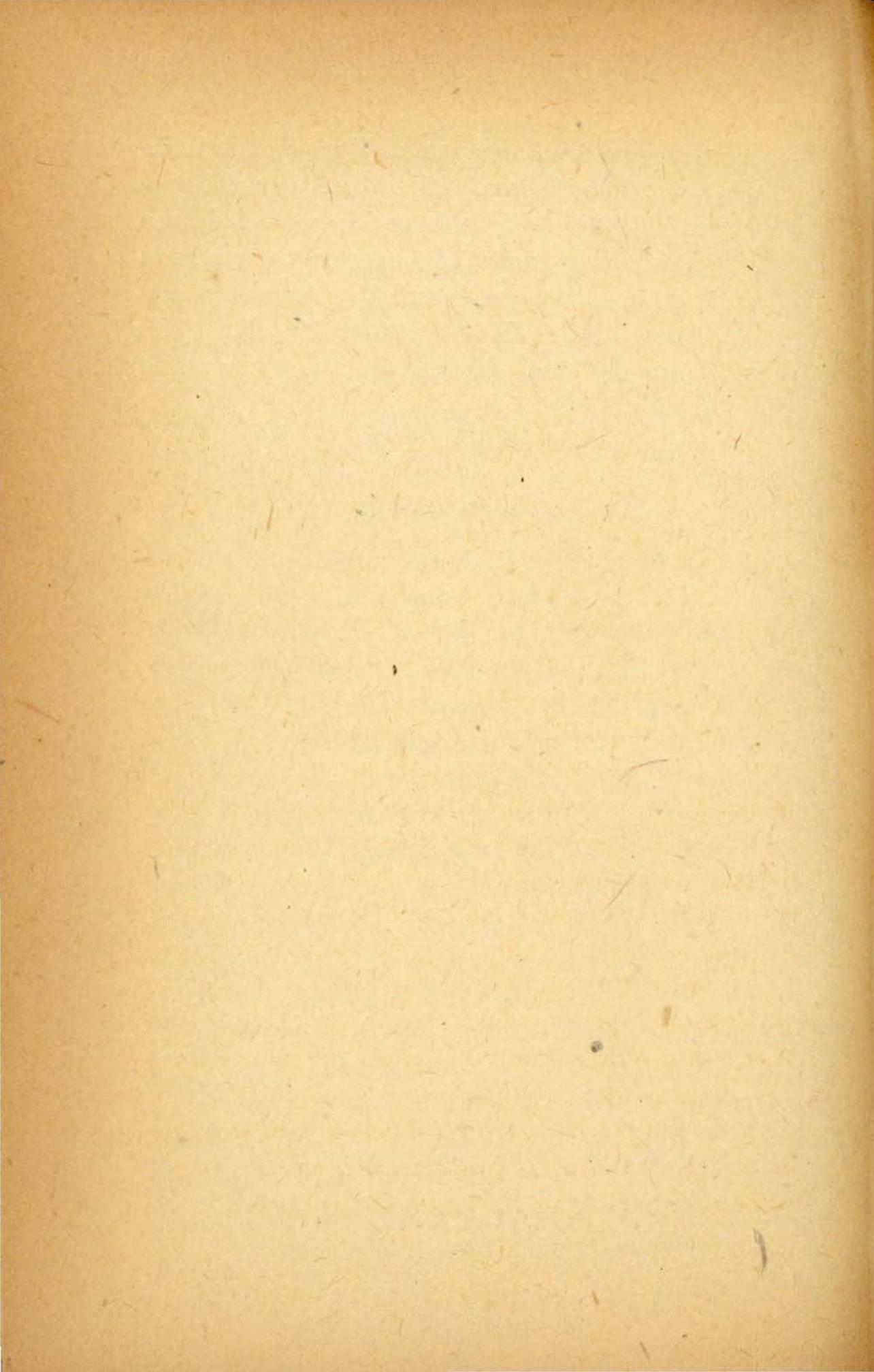
Ao túmulo de Virgílio iam os guerreiros afiar seus gládios... Os homens das idades futuras, os grandes criadores de civilizações e de sonhos, virão escutar primeiro sôbre os túmulos dos mortos da Guerra Grande.

E os mortos dirão, quando os tempos vierem,

—aos homens duma terra mais livre e mais justa, aos homens mais felizes,—as profundas razões que levaram milhões de mocidades dóceis e ardentes, silenciosas ou cantando, de hecatombe em hecatombe, de combate em combate, calmas e austeras, encarando a Morte, senhora familiar... As razões que êles mal sabiam e a que obedeceram, no silêncio.

O mundo saberá então como, e até onde, esta guerra foi, no céu e na terra, nos mares e nas almas,—a grande guerra de Deus.

*U. A. de Castro*



*W. A. de Lencastre*

## DEPOIS DO ARMISTÍCIO

### NA TERRA DE NINGUÊM

**N**os velhos tempos preistóricos da trincheira, lugar de lama e sangue donde dimanam as únicas prosápias e a mais alta nobreza de hoje, —um ancestral de há muito sepulto e que fui eu um dia, —fez uma promessa grave.

A fechar o ciclo das suas aventuras propôs-se beber na primeira trégua, para quando a grande guerra que então desfigurava os homens e as coisas se dêsse um fim, —ao meio das duas linhas, a última garrafa de Champagne frente ao último *boche*, inimigo vencido mas soldado e irmão...

Em aditamento e prevendo a inoportunidade dum gesto tão fraterno dadas as inconveniências da Kultura, —jurou a si mesmo percorrer ao menos, um dia, numa patrulha nova, —nô seu cavalo de capitão-infante, as crateras e as valas, os silvados e os mistérios da Terra de Ninguêm.

Não quis Foch, meu grande Chefe e colaborador ilustre, permitir-me o luxo de ter Fritz do lado de lá como espectador do formoso mas arriscado passeio. Antes, mesmo, um conjunto de pequenas causas obrigára os do meu sangue e do meu mestér a abandonar, (que era então êsse o regime em vigôr entre os aliados...) as instalações guerreiras e incômodas de então.

Veiu o armistício quando eu já era, pela evolução triunfal dos dias, um homem diverso do Caliban de Neuve Chapelle e Ferme du Bois, guerreiro menos eterno e mais animado da Vitória, com igual certeza de triunfo na Alma, mas incomparavelmente menos lama nas botas e no uniforme novo.

Perdera o nobilitante feitio de criar rugas no rosto com as expectativas de cada dia e hora, — desconhecia, por desdêm, os gases e friccionava com *emborcation* os pés doridos das grandes marchas, — começando a acreditar as longas *étapes* de perseguição tão desmoralizadoras como as grandes derrotas...

Creio trazia já as solas das botas soltas e andava há uma semana sem mudar de roupa...

Em compensação davam-me flôres e beijos, sorrisos e bolos. Era a Vitória.

Que eu fui da Romaria. E era Portugal na grande ronda!

Considerava-me um homem perfeitamente feliz . . .

Lembrei então, com mágua, a impossibilidade de cumprir a velha promessa antiga.

As trincheiras eram longe, se existiam ainda; — não havia Fritzs dignos de beber comigo e os mortos não bebem. Mas uma promessa de soldado é uma coisa sagrada.

Ora certo dia, porque se pensou que os meus terços da Flandres andavam longe de mais dos seus irmãos saúdosos, e porque a nossa glória podia ocasionar lamentáveis sucessos, entoxicações de bilis ou consumpções de saudades aos camaradas e pródigos admiradores, de longes terras nos fizeram regressar com pena, e voltámos à França para, em silêncio, ouvirmos as contraditórias e saborosas críticas das nossas grandes façanhas . . .

De terra em terra, primeiro, depois de ruína em ruína, descemos desta vez e retomámos Fromelles pela gola, num desdém, e deixámos, ao lado, Aubers, objectivo formoso e intangível no primitivo tempo em ruínas agora, ao alto da encosta camuflada ainda, por onde deambulava Fritz para entretenimento dos nossos postos de observação, outróra.

Admirei de novo os duros padrões do valôr alemão nesta guerra, as formidáveis cavernas em

que fortaleciam, nas horas difíceis, as ilusões e os espinhos.

Roêmos, entre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linhas *boches*, tranquilamente, a carne de ração e a fatia de pão com marmelada...

Repassamos, sem susto, por uma estrada moça e larga, compostinha, a facha de terra que nos separava dos nossos antigos parapeitos.

E aí, alcançada a licença, com três homens de confiança e o meu cavalo castanho, arripiámos caminho e metemos pela Terra de Ninguê...m

Do meu moral, na hora sevêra, direi que dispensa elogios. Do meu cavalo — que foi, noutras horas graves, embuscado profissional.

Do tratador, outro tanto... E das ordenanças — que eram da minha confiança e voluntários fieis.

Tínhamos um dia de névoa e triste.

Eu sentia-me ao fim duma longa fadiga e envelhecido de cansaço, a pedir repouso. Havia alguma neve, bastante lama e, nas minhas botas, a anunciar desagradáveis glissagens, as solas Phillips, terror dos sapateiros e consolo da gente meuda...

Estávamos à esquerda do sector de Fauquisart onde, nos últimos anos, a guerra foi calma e a vizinhança bôa. Nem a Terra de Ninguê...m acusava maus tratos excessivos. Arame farpado moderadamente hostil e, sôbre as valas, passadeiras e pequenas pontes sem estilo, úteis para os passeios fáceis da meia noite como do meio dia.

Depois, logo a seguir à estrada, junto a velhos elementos de trincheira inacabados, quasi mascarados pela relva doente, a marcar a teimosia de repetidos ataques, ou a malaventurada duma operação infrutuosa, dispersos por entre os velhos restos do equipamento, baionetas partidas, botões soltos, cartucheiras vazias, como num ossuário saqueado e disperso, alvejavam esqueletos, caveiras, como grandes malmequeres de neve.

No velho tempo dos combates de outrora, numa noite ansiosa ou madrugada pálida, o *rendez-vous* da Morte e dos guerreiros fôra naquele lugar.

Apeio-me. Tomo uma caveira, com devoção, nas minhas mãos que já afagaram cadáveres.

No silêncio de bruma e cemitério, em que os ecos da tragédia que persiste em memória põe ressonâncias de eternidade nas almas,— comovido encaro aquelas órbitas vagas...

Ao meio do terreno neutro, as linhas confusas dos parapeitos cercam-me quasi. Calam-se os meus homens e eu, num esforço, tento invocar a vida que povoou êste crâneo gelado, a fé com que êle se deu à tarefa suprêma, a paixão com que se bateu, a ansiedade e a miséria, o heroismo e o receio que marcaram suas horas,— os amôres que lhe limitaram a ânsia de sacrifício e o Amôr que o consagrou à Morte para maior grandeza da Inglaterra maior.

Versos de Kipling passam na minha memória :

Quem morre se viver a Inglaterra  
E quem vive se acaso ela morrer?

Ora a minha fé de soldado limitou-me, diante da morte, a sensibilidade antiga. Nem pena, nem tristeza, afinal. Afago esta caveira como um trofeu da vida.

Os egoismos que foram êste homem, os sonhos nobres que foram a sua alma, fundem-se em mim, esbatem-se no meu sentir impassível de fanático. A sua figura loira de soldado de Kitchner, que eu visiono e abranjo, é forte e risonha,—e não me entristece esta caveira fria. Penso nas lagrimas fatigadas dos que o perderam, os suspiros da mãe que esperou até hoje, (porque os mortos do *no man's land* fazem viver mais tempo a esperança, as dôres)—e a saúdade da noiva que o recorda já sem angústia...

Amargura em mim? Piedade, uma queixa?...

Felizes, dentre os mortos, os que tombaram enobrecendo as Pátrias e os lares donde vinham.

A boca letal da álgida caveira que deponho, com unção, na terra que foi ara e calvário,—segreda-me palavras de orgulho eternas.

E, perdida na grande nebulosa de dôr, sacrifícios, heroismos, dádivas, alma-mater que o turbilhão agitou nestes anos de maravilha e assombro,

—fonte inexgotável de novas grandezas, inéditos avatares, primaveras insuspeitadas e colheitas divinas,—a vida que alumiou êste crânio, perde-se, revive, renova-se, liberta e infinita, imortal para a alma, sensível para cada pensamento de amôr, e existe, triunfa, paira vitoriosa, para lá da vida e do tempo, assiste-nos e dirige, sugestiona e exalta, é o exemplo e o martírio que salvam,—pensamento imortal, farol perene, reflexo próximo de Deus...

Depois sigo. E olho ao redor. Recordo a visão súbita ou limitada sempre destas arenas de morte quando a morte tinha aqui seus domínios. ...Nos momentos rápidos em que os mais ousados procuravam havê-la, ou no limitado campo dum periscópio de trincheira... E o contraste define-se, duas visões hostis que a mesma monotonia abranda,—e qual delas a mais real?

Penso como, outrora, a deformámos de horror e receio, da alta nobreza trágica ou estilizado assombro.

No entanto aqui pulsou o coração do mundo. Sobre êstes campos pairou a interrogação dum destino. Noviças do heroismo e da morte aqui velaram almas esquecidas de seus mortais envólucros. Aqui se juntaram transidos de ansiedade todos os pensamentos de amôr, as angústias dos ausentes, as inquietas vigílias das noivas e das

mães. As lágrimas do mundo regaram êste jardim de martírios. No silêncio adivinha-se ainda o ritmo bravo, indomado, violento dos corações espectantes, à hora dos ataques.

Aqui foi o túmulo e o berço da Vida, — o pelourinho e a penitência, o Calvário e a Redenção.

Cruzes brancas e erectas, mutiladas cruzes velando os sonhos dos guerreiros, rudes cruzes da Germânia, harmoniosas cruzes da Inglaterra, — um vento de piedade virá e há-de levar-vos...

Os que dormem acordarão para um novo descanso... O grande exército das sombras, com seus chefes eternos, há-de ouvir ainda o último toque de unir... E nos vastos campos da batalha enorme, no grande acampamento dos que tombaram, de novo soará, lento e severo, o grande toque embalador do silêncio final...

Nas planícies doiradas florescerão os cemitérios da guerra. E a grande Cruz a cuja sombra dormireis, camaradas, a cruz imensa do resgate e da vossa glória, coroada de louros e tocando as estrêlas, dominando os Vosges, *Verdun* a *Somme*, *Aisne*, a Flandres toda, há-de tocar a terra e enraizar-se aqui.

\*

Deixo o meu cavalo bisonho nestas fainas. O terreno, todo cortado de valas, arames, aberto de

crateras, — torna-se-lhe pior, mais difícil, impraticável. Marcho sôbre o nosso parapeito agora.

Cai uma chuva gelada...

*New Bond Street.* Atestadas de arame farpado as trincheiras de comunicação andam quási irreconhecíveis.

Um momento julgo-me desorientado. As velhas taboletas desapareceram, os abrigos saltaram, alguns estão cheios de água.

As munições de 9 de Abril, em alguns pontos, são aos montes. Tambores de metralhadora, cunhetes, cartuchos, granadas de mão...

Em alguns pontos misturam-se as munições alemãs com as nossas. As passadeiras desapareceram. Algumas plataformas de morteiros emergem dos charcos. Velhos capotes abandonados, grevas, marmitas, barretes perdidos...

Em alguns pontos dir-se-ia que as guarnições repousam. Pendurados nos revestimentos do paracostas os tambores, nos sacos de linhagem castanha, esperam intactos. Sôbre o parapeito, afeiçoado ao geito do vigia, poisam ainda as granadas...

Súbito deparo com uma nova estrada... O parapeito abre num grande pórtico sem cintro.

O caminho largo, avenida deserta, como uma larga estrada, atravessa êste corpo de escombros. E do lado de lá, das cavernas fundas couraçadas de *beton* espesso, vem o mesmo silêncio de certas horas tranqüilas de outrora, quando a guerra era lá.

Desço a estrada, a cavalo. Tomo uma outra, paralela às linhas, que vai a *Neuve Chapelle*.

Descanso numa pequena barraca em cuja porta a engenharia inglesa pôs o tranqüilizador aviso de estar limpa de maquinaria germânica.

No interior do forte, roto ao meio, está a reprodução a côres dum grande quadro representando o Imperador do Mundo, o Kaiser de 1917.

Dois civis que se aproximam pedem-me indicações, desorientados. E monto de novo, largo num galope, sósinho.

Rua *Tilleloi*, *Sunken Road*, o montão das minas do *Duks Bill* em cima, a trincheira *Balut-tchi*, o abrigo grande da Nossa Senhora das Trincheiras... E apeio-me, comovido, saúdoso das horas que não voltam e trarei no entanto sempre vivas em mim...

Nossa Senhora das Trinchas, com seu bambino ao cólc, — viu passar a onda e ficou tranqüila sôbre a mesma campa bem guardada...

«A memória amorável dum soldado morto em combate...»

E o encanto daqueles companheiros que dormem e velaram comigo nas longas noites brancas, toca de novo o meu coração. Vou como numa igreja.

Rezo às minhas horas lindas, às minhas loucuras, pão do meu orgulho, à minha fé indómita, à alegria viva dos meus dias, ali, — manhãs de ataque, noites de patrulha, — horas esculturais,

dominadoras, formosa herança, doirados pergaminhos dos do meu sangue...

Nossa Senhora e os mortos, e a minha alma em réza... Cartas de amôr, páginas piedosas, — versos que iam de abrigo a abrigo, nas horas calmas, do meu comando à linha, de irmãos a irmãos.

Prendo o cavalo à porta do abrigo grande.

Hush House... Examined by... A casa do silêncio!...

Era ali o meu catre, no canto, sob uma velha estampa duma revista inglesa...

À cabeceira escrevi um dia, Deus me perdôe, as iniciais do meu nome...

E os anos prováveis do meu serviço na França, fielmente esperando a vitória segura... — A. C. Soldado da Guerra Grande... 1917-1918=1918-1919=1919-1920... etc, etc...

Sáio, com pena...

Cá fóra é o horizonte que eu respirei tantas vezes, com a alma e os olhos, — os montões de ruínas de Neuve Chapelle, um muro da igreja, o Cristo impassível.

Ponho no meu olhar um beijo... E lentamente, ao redór, acaricio as coisas...

Depois, pelos caminhos que eu gostava de

percorrer ao meio da névoa, ao cair das tardes ou de noite quando as balas iam, queixando-se, compadecidas do silêncio violado, — passei onde fôra o Chateau Redout, ponto forte avançado, e, ladeando lagos, descendo ao fundo das crateras, — subi à linha, a um ponto donde saí uma noite de plenilúnio, em Setembro...

Salto o parapeito e, lentamente, percorro o caminho irreconhecível

O que lhe falta, a êle?

... Não!... A minha alma é que vai diferente. As horas mortas não se revivem todas. O perigo é um encantador.

Em vão eu tento reviver essa noite rara. Vejo o posto avançado deles, ericado de arame... Esta é, talvez, a cratera em que o meu *Santo André* tombou (1). A mesma chapa de ferro, na trincheira deles, espregueada ao alto. O bosque de Biez ergue, ao lado, os seus troncos mal vestidos de névoa.

As alturas de Aubers esfumam-se na bruma.

Volto, num desencanto, ao parapeito nosso. Enxérgo, longe, as horas lindas que o meu orgulho cála. E escuto a névoa, o silêncio, as coisas pasmadas, ao redór de mim.

A angústia das horas irremediáveis e perdidas, a saudade do que foi a amargura da nossa impotência para fixar, imobilizar o que o tempo

(1) Vid. «Nas Trincheiras da Flandres».

arrebata e disforma, a emoção e a piedade, uma  
ânsia de culto, vão na minha alma, sobem aos  
meus olhos...

Estou de pé sôbre o parapeito onde, em dias  
de louco orgulho, desafiei a morte.

Só no mundo... Face à eternidade...

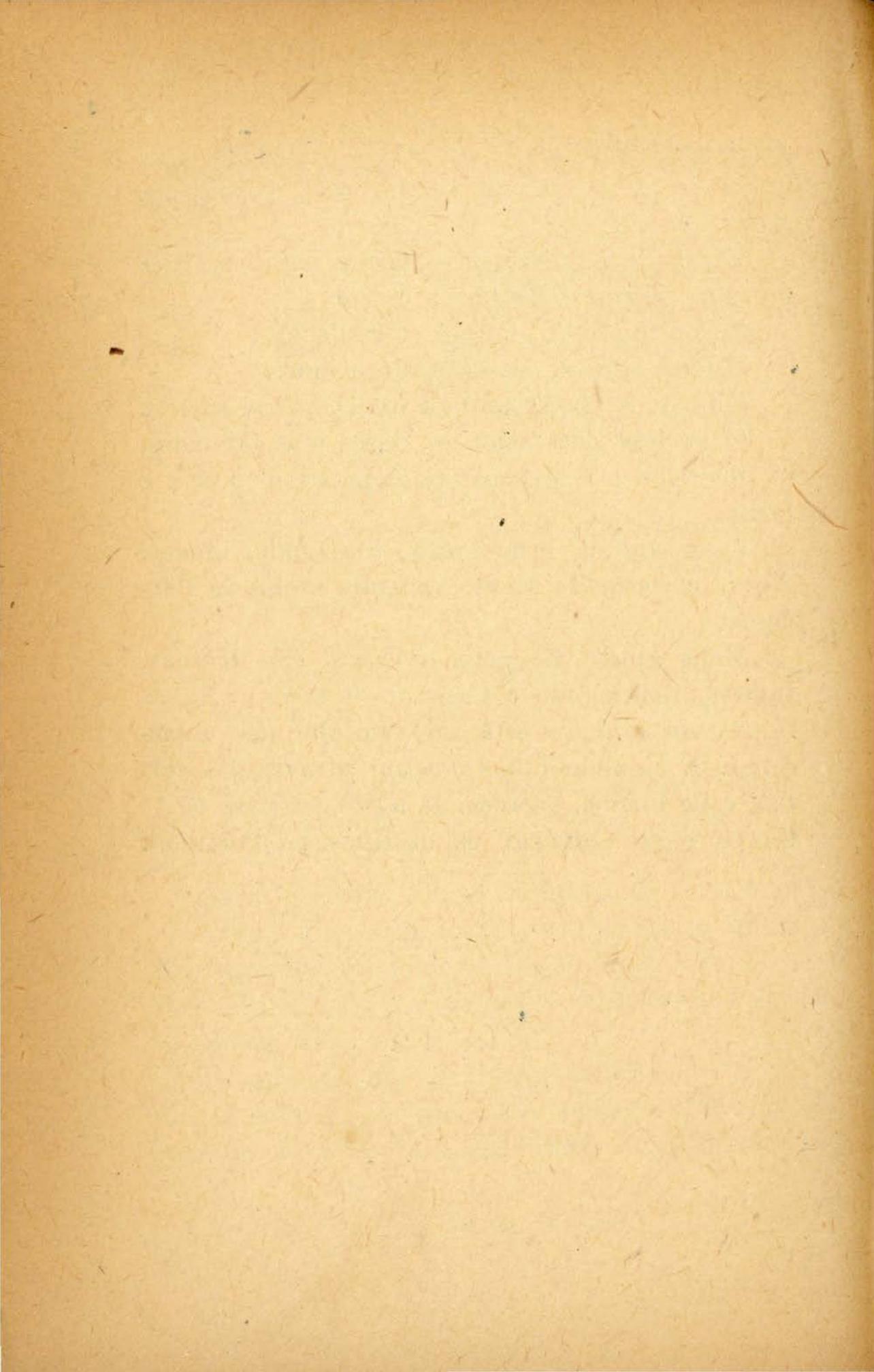
E uma infinita comoção me invade.

Olho ao redór. O campo é uma catedral silente.

O sangue dos meus, as dôres e as saúdades,  
as misérias e a formosura, impregnam o ar e a  
terra.

Aqui andou, crucificado, um sonho nosso.  
Aqui, à beira de Deus, andaram almas de Por-  
tugal.

Meus olhos vão para o Cristo das Ruínas,  
intacto, dominando o Calvário da terra... A sua  
figura de milagre está no caminho dos meus  
olhos. E os meus olhos buscam, através das ruí-  
nas e da bruma, através de lágrimas, para lá do  
tempo e do Calvário, os destinos de Portugal.



## A ORAÇÃO DA TRINCHEIRA

**S**ENHOR DEUS da minha terra e dos nossos destinos!

Tu quiseste dar-nos a glória dêste Calvário, nestas planícies tristes.

Aqui tua mão nos trouxe, para redenção nossa, por espinhosos caminhos, sob a grita desvairada dos infieis...

Aqui, sob os teus olhos divinos, sofremos e calámos—rezamos saúdades e lágrimas, heroismos ou desalentos. Expiámos todos os pecados. Sentimos a tua presença eterna. A tua presença junto da Morte que era connosco também...

Sofremos das nossas misérias rebeldes e do horror a que nos habituámos. Fomos humildes até rasar na lama, e démo-nos tanto que eramos nós, Senhor, quem invocava a Morte para Ela nos tomar...

Chorámos sangue pelas feridas e pelos olhos.

Nas cavernas miseráveis, nas húmidas tocas geladas, sem dizer o teu nome, — sentiamos-Te vendo-nos.

Tu sabes, Senhor, como além de todo o sofrimento, nos alanceou a alma a ausência amorosa dos do nosso sangue, o ólvido a que nos votaram as ofensas que nos cuspiram no rôsto...

Chamaram-nos vítimas porque éramos a oferta silenciosa. Ignoraram-nos, deram-nos a afronta de nos lastimar. A nós que éramos da tua falange, Senhor, e, sem o sabermos, sofríamos na certeza pura de que as dôres e o martírio nosso haviam de ser o teu sorriso e a nossa redenção.

Ao redór de mim, sob os teus olhos puros, o grande campo é um evangelho aberto. Há cruces em cada página que a tua mão divina ergueu. Além, numa noite de luar pálido, dormindo, a frente sob o parapeito frio, estava uma sentinela morta.

No silêncio da noite dormia, de pé, gelado, vigiando ainda.

Adiante, desfeitos e purpúreos, caíram alguns dos teus soldados.

Cada palmo de terra beijou-o o nosso sangue.

As nossas saúdades entristecem ainda a paisagem nevoenta.

Os nossos passos marcam na terra enxarcada as estações do calvário...

Tu sabes as alegrias e as dôres, os triunfos e as lágrimas dos nossos dias grandes. E ouviste, Senhor, palavras que soavam aqui como cânticos em louvor da terra bem amada e em teu louvor.

Por Ti e por Ela, para tua glória e seu esplendor, sofremos e cantamos, morreram tantos e choramos todos.

O nosso coração pulsa nesta terra desfeita...

— Senhor Deus de Portugal, atende-nos!

Vamos regressar à Pátria do nosso Amôr, tão tristes!...

Tu conheces a esperança que nos balsamizou as dôres...

Era o Sonho lindo duma Pátria conciliada, todas as almas recolhidas num pensamento nobre, o nosso Amôr a uni-las, e a nossa Morte, num luto altivo e puro.

Para que as armas fratricidas se quebrassem nas mãos ensangüentadas... E o ódio se calasse... E comungassem todos o mesmo alto desejo, num Amôr igual... E a terra fôsse amada e possuída, e florisse em tesouros, pão para todas as bôcas, flôres para todas as almas.

E os corações, fraternamente purificados e claros, entrassem, cantando, na grande casa familiar mais farta e ampla.

Para que vivessem a nossa dôr, os resgatasse o nosso calvário, os regosijasse a nossa Vitória...

E tu sabes, Senhor, só tu podes medir com tuas lágrimas, — até onde foi a nossa desilusão dorida e o desvairo mau da terra do nosso Amôr.

O pão amargo que da Pátria nos veio!

Sabiam lá!... Porque não fizeste um milagre? A nossa expiação deve ir mais longe ainda?

Mais revoltas, mais ódios, mais sangue?

Passámos fome de Amôr, Senhor Deus! Não tivemos comnosco a presença viva da nossa Pátria.

Porque os abandonaste, assim no seu desvairo?

Pois terá sido tudo inútil, Senhor?...

E êstes irmãos que ficam dormindo nas campinas da Flandres, os corpos mutilados, as ilusões sangrentas, — pois será tudo em vão?

A Vitória bela mal consola os teus filhos. Um travor nos limita a alegria sem nome que há de consolar o Mundo através das idades.

Vamos regressar à Pátria tristes, como vencidos... — Porque o quiseste assim?

— Pelos nossos cantos caminhando à Morte, pelos nossos silêncios e pelas nossas lágrimas, pelo Amôr dos nossos e pelo Teu Amôr, — pelos he-

róis e pelos mortos, pelos sonhos que se fizeram realidade e pelas ilusões que choram, pela tristeza da minha Pátria crucificada no ódio dos seus filhos fratrícidias, pela Vida, pela Morte, pela eternidade, — Senhor Deus, atende-nos!...

O meu coração é puro e viu a Morte. Pela Pátria e por ti esqueci os meus. Dei-me, cèguinho, todo... Tu sabes, Senhor...

Não demores a aleluia da paz para a minha terra dolorosa.

Desperta as almas, alumia os espíritos, purifica as mãos tingidas de sangue fraterno. Quando começa a bôa sementeira?

Dá aos filhos dos que sofreram para tua glória a alegria duma Pátria purificada e salva.

Não nos deixes morrer na amargura desta desilusão amarga...

Olha a alegria que vai pelo mundo vitorioso?

Nascem flôres sôbre as campas dos guerreiros, há rosas brancas nos crépes das viúvas, lágrimas como flôres nos olhos dôces das mães...

Levam-se os lutos como títulos de nobreza.

O grande canto vai pela terra fóra... E nesse canto preparam-se as fôrças para os novos combates generosos que vão erguer um mundo melhor.

Senhor Deus, vela por Portugal e salva-nos!  
Desperta cada alma, bate a cada porta cerra-

da, dá luz aos cegos, põe flôres nos corações mirrados... Dulcifica o arrependimento e serena os remorsos dos que contra ti pecaram...

E que os homens do teu Amôr, numa Pátria remida, comecem a tarefa augusta dando-se puramente as mãos.

Pelos nossos mortos, pelos nossos sonhos, pelo teu Amôr!... Amen!

1918—Novembro.

## DA VITÓRIA

A FRANÇA, vitoriosa, — oculta, sob louros, os lutos e as ruínas. As palavras frementes são estrofes de epopeia. Ouvem-se carrilhões soar aleluias. As multidões vão numa vaga heróica. O soldado domina. O amôr sorri aos soldados.

Cada condecoração atráí um sorriso de ternura ou a promessa dum beijo.

As mães lutuosas, sôbre o coração ferido, usam num bálsamo as cruces da guerra que os mortos lhes legaram.

A vitória de Samotrácia, integra e divina, abre no céu as suas asas perfeitas. Um vento forte cóla ao seio ofegante a clâmide gloriosa.

Um vento imenso que arreбата as almas, transfigura as coisas, faz sofrer, de divino...

Nas revistas e jornais de França prolonga-se, vibra o éco forte da canção formidável.

No Arco de Triunfo as figuras de Rude

ampliaram a fuga, o alôr indomável do seu gesto. Novas coragens, para novas partidas, lhes ilimitam o movimento irresistível.

E visto da Concórdia, para lá dos campos Elíseos guardados por canhões silentes e onde, à hora do crepúsculo, desfilam as colunas fantásticas dos mortos, o céu é mais vasto, mais suave, no abraço harmonioso do Arco do Triunfo ao céu.

A Alsácia em festa chora e canta. E o seu canto afoga certos silêncios doridos.

A Bélgica livre abraça e beija, recorda e esquece, encantada de si, em volta do seu rei.

Como monumentos clamando, pelas páginas das grandes revistas, esperando a colheita da História, — as proclamações e as profecias dos dias mortos são vozes longínquas de apoteose acorrendo ao triunfal concêrto.

Petain em Verdun: — *Courage! On les aura!* Gouraud e Mangin no arrebol da grande largada irresistível!

Joffre no Marne! Antoine em Saint Paul, condecorando heróis em nome de Guinemer que dali erguera o vôo derradeiro!...

E em pleno assombro, nos céus doirados ou nos céus nevoentos, — as Muttes das catedrais lançam por sôbre as multidões a sua voz de bronze, como a dum juízo final.

Pelas páginas heróicas desfilam os estandartes, tremem no ar os chapéus que se agitam. Cada fotografia ri, exulta, saúda, aclama...

Os generais passam como semideuses, as tropas desfilam como coortes de anjos.

As catedrais libertas puseram as côres da vitória nas flexas ávidas do céu.

O grande laço das Alsacianas palpita como um par de asas irrequietas por levantar o vôo.

Expulsas dos pedestais macissos, sôbre a relva ferida, humilham-se, nos jardins da Alsácia, as figuras dos Hohenzollern.

Os batalhões desfilam... Entre as colunas, sonoras, vibrantes, floridas de estandartes e flôres, — brancas e radiosas, numa farândola formosa, vão as virgens da Alsácia e da Lorena.

Por toda a parte, no limiar de seus paços, — os burgomestres recebem os novos e amoráveis senhores.

As velhas bandeiras que viram a vitória *deles* ressuscitam, à luz da madrugada... Os bispos e os notáveis saúdam os vencedores sob o pórtico das catedrais...

Do alto de Santa Odília, sôbre os Vosges, sôbre a Alsácia inteira, as almas fieis escutam a melodia imensa, redobrando, louca, enchendo os vales, subindo aos cimos, esgarçando as brumas, alma sonora da terra liberta, delírio das coisas, cansão da Páscoa e da libertação... Para lá da névoa, em espírito, livre, o Reno rola suas areias de oiro. Um incêndio sobrepuja o vulto de Strasburgo, ao longe...

Que as multidões ardem incendiadas de alma.

Do alto do céu, aviões turbulentos despejam flôres, cabriolam no azul ou esburacam a névoa, tombam como folhas soltas, despenham-se como bolidos ardendo, precipitam-se como gerifaltes sôbre a prêsa.

Ou glissam, airosos, imponderáveis, e sobem, de novo, em espirais suaves, como as orações ou o incenso, as encostas suaves do céu.

Do alto, as cidades, aos olhos dos semideuses possessos, palpitam bandeiras, agitam-se e cantam.

Quando o motor relenta e as grandes águias descem, de asas extasiadas, — um grande canto, como um rolar de harmoniosas vagas numa praia distante, ou murmúrio piedoso alando-se das naves fundas numa catedral sonora, um grande canto vem da terra, num vôo, dissolve-se no ar!

Os esquadrões invencíveis formam sob os olhos dos Generais da Revolução e do Império.

Ney, sôbre o pedestal florido, olha os seus irmãos maiores... Petain e Fayolle, Buat e Ney, presidem a gloriosos desfiles.

Castelnau e Hirschauer deixam passar, sob um sorriso, como sob um arco de triunfo, a onda clara e ruïdosa, risonha e florida das môças alsacianas.

Rapp, fremente de emoção, vivo no seu bronze glorioso, emerge sôbre a multidão vibrante dos generais e soldados, veteranos e crianças, — o passado e o futuro.

Do alto do seu pedestal, o herói da outra epopeia abrange um horizonte incendiado de esplendores. E, a seus pés, as bandeiras dos exércitos de Este, tremem, agitam-se, esperam . . . Depois, Castelnau, herói e gentil homem, coroado de luto e gloriosa velhice, avança e vem saúdar Rapp e as bandeiras altivas.

Pelas ruas de Strasburgo desfila o 4.º exército. Gouraud, mutilado e sublime, olhos de seguir sonhos, — passa entre alas de almas.

Em Huningue os guiões duma divisão marroquina dessedentam-se nas ondas fieis do Reno reconquistado.

E à entrada da ponte de Neuf Brissac, como nos tempos de Hoche, o marco fronteiro, olhando a Alemanha, diz a saúdação: A terra da Liberdade principia aqui!

Foch, Gouraud, Mangin, Petain, Castelnau, Fayolle, obreiros gloriosos numa tarefa de que mal abrangem o sentido, — intérpretes ignorando talvez a significação imensa do Drama, — caminham à sombra das Catedrais redimidas.

E para lá deles, para lá dos heróis e das turbas, mais alto, mais alto, mais verdadeiro, mais perto de Deus eterno, um vento fabuloso, num assombro, passa . . .

Os órgãos, sob as altas naves, em penumbra de céu e milagre, —alam seus hálitos sonoros . . . Nos *Te-Deum* solenes, as nuvens de incenso vão,

como os cantos litúrgicos, na curva harmoniosa e lenta, para o alto, para Deus.

Mas um vento passa sôbre a terra e as almas. A epopeia dos homens é uma sombra da infinita maravilha que se prepara no silêncio.

O Amôr anda mais à superfície das vidas. — A terra canta, o céu debruça-se sôbre as cidades, as m'ulheres choram sorrindo e as virgens, sorrindo, cantam. O encanto duma Primavera embala o mundo...

No seio das multidões, o Amôr e a Glória, o éco das tragédias e a memoria do sangue, comungam verdades novas.

E nos desejos, nos cânticos da juventude anda a promessa duma geração embalada por uma vitória de Amôr. E a consciência duma revolta nova.

Em *Nôtre Dame*, emquanto ao alto pairam, sonham, reflexos extáticos do céu, sob um docel de bandeiras, Joana d'Arc sorri, escutando... E a Senhora da Vitória recebe os fieis à entrada.

A luz do céu alvorecida no alto inacessível das naves, coada através dos vitrais extáticos e de cinco séculos de piedade, é o sorriso do Senhor, a auréola dos vitoriosos.

Deus anda mais perto dos homens.

E, para Sua dôr, entretanto, homens que o ignoram, no silêncio dos gabinetes como cavernas onde não chegaram nunca gemidos da guerra, as iluminadas visões das almas em graça ou o divino sentido dos Tempos que aproximam, — homens incertos, cheios de vaidade, tentam as táboas duma nova lei e, sem saber, preparam novas sementeiras de crime.

... Enquanto a onda formidável se amontôa fóra, nas névoas dum amanhã tumultuoso...

Que as sombras não ouvem. Os soldados calaram, ficaram imóveis sob as corôas de louros. E aquelas sombras ignoram Deus como não entenderam ainda as razões porque os povos caminharam, silenciosos ou cantando, para o holocausto que durou cinco anos.

E dão-se a ilusão de governar, renovar, organizar um mundo!...

Nas névoas frias de Novembro, para lá de todas as sombras, começa a grande Primavera.

Eu adivinho, para lá dos frémitos das turbas, das velhas mentiras que se reorganizam, das velhas fórmulas que tentam viver para lá das almas que não sabem, dos Arcos de triunfo ansiosos de abraçar o céu todo, da amargura dos mortos que começam a desiludir-se, dos guerreiros atónitos

pela colheita que não chega, dos tumultos sangrentos, das sêdes violentas e das fomes que desvairam, — adivinho, pressinto, escuto a lenta eclosão dum mundo como o entreviram alguns dos que tombaram e a dôr dos homens na ansiedade de todos, na sub-consciência que o espírito mal domina ou suspeita, desejou, esperou, — dando-se as fôrças necessárias aos seus longos calvários.

Para lá das desilusões e dos cantos, da alegria e das limitações à divina vontade que é a harmonia do mundo evoluindo, — para lá da obra transitória dos homens e à altura do sacrifício dos mortos, a grande vaga aproxima-se e alguns receiam demais os desvairos indomáveis das tempestades acumuladas.

Não será o horror que desfigurará a terra nem a insânia iminente.

A fôrça indomável far-se-há harmoniosa e serena. A injustiça tornar-se há mais justa. Todos os homens melhores. E nem as utopias dos bons permitirão os crimes dos maus, nem a violência dêstes fortalecida por criminosos, limitados scepticismos, diminuirá o poder de sonho e bondade dos outros.

As mentiras que geram o mal serão lentamente varridas da superfície da terra. E o entendimento da vida saberá evitar as injustiças e as violências agora necessárias à sua aparente grandeza.

As almas serão mais próximas de cada acto.

Certas mentiras mortas e apostatadas. As que cégam os povos, os jugulam à sua fome, os lançam uns contra os outros, em lutas assassinas e vãs.

O homem entrará na grande obediência. A liberdade será feita de submissão. A fôrça do Mundo será a soma das fraquezas que souberam submeter-se à fôrça e das fôrças que souberam submeter-se e evoluir no sentido de Deus.

Ter-se há percebido que a ordem do Mundo sómente se tornará estável e harmoniosa desde quando todas as violências, imposições e tiranias, tenderem para a maior ventura do número maior.

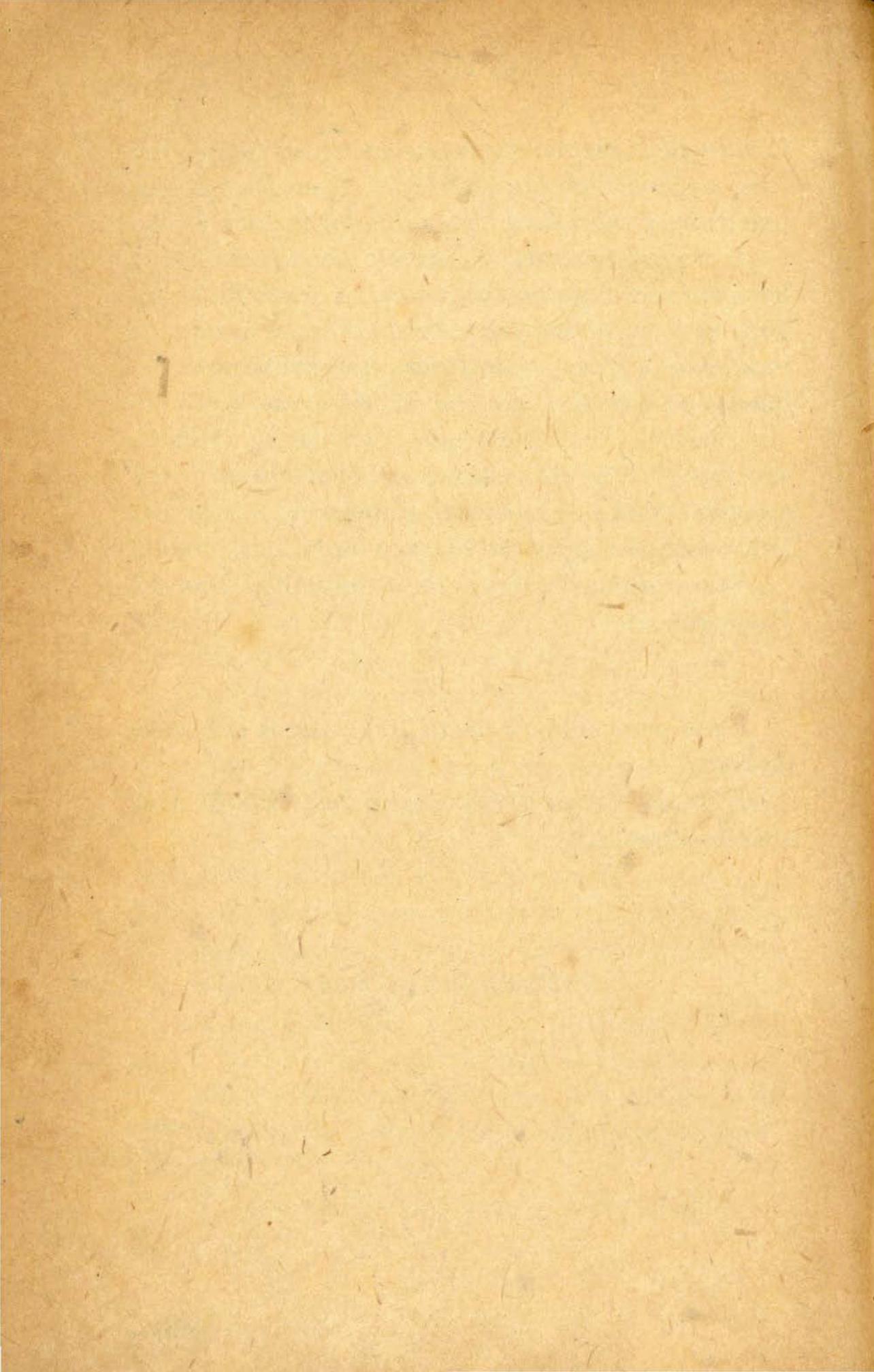
Êsses serão de novo os tempos do Filho do Homem.

Deus será sôbre a terra. Os campos cobertos de oiro.

E os mortos da Guerra Grande exultarão nas suas campas...

VICTORIA DEI LAUDES





## ÍNDICE

	Pags.
Portugal e Flandres . . . . .	7
9 de Abril. . . . .	19
Good Luck! Good Bye! . . . . .	55
Calvários da Flandres — I . . . . .	61
Aviões ao luar . . . . .	69
Calvários da Flandres — II . . . . .	77
Searas da Morte . . . . .	87
Prisioneiros . . . . .	95
Enfermeiras da Grande Guerra . . . . .	103
Oração Lusíada . . . . .	113
Da Aleluia e da Paz . . . . .	119
O rapto das Donzelas. . . . .	169
O imperativo dos mortos . . . . .	177
Depois do armistício . . . . .	185
A oração da trincheira . . . . .	199
Da Vitória. . . . .	205

*Alfredo Augusto*

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TIPOGRAFIA DA « RENASCENÇA PORTUGUESA »  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE 178,  
AOS 20 DE FEVEREIRO DE 1920.  
PORTO



# OBRAS SÔBRE A GUERRA GRANDE

PUBLICADAS PELA  
RENASCENÇA PORTUGUESA

PORTUGAL E A GUERRA — Número especial da <i>Águia</i> . . . . .	\$30
O CONFLITO INTERNACIONAL sob o ponto de vista português — por <i>José de Macedo</i> . . . . .	1\$20
CARTAS DA GUERRA — por <i>Adelino Mendes</i> . . . . .	\$80
NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES — pelo capitão <i>Augusto Casimiro</i> (4. <sup>a</sup> ed.)	\$80
VIDA AMERICANA — por <i>Alberto Amado</i> (3. <sup>a</sup> edição) . . . . .	\$80
O FLAGELO DOS MARES — por <i>Basilio Teles</i> . . . . .	1\$00
DA FLANDRES AO HANOVER E MECKLENBURG — Diário dum prisioneiro — pelo tenente-coronel <i>Alexandre Malheiro</i> . . . . .	1\$20
AO PARAPEITO — pelo tenente <i>Pina de Moraes</i> (2. <sup>a</sup> edição) . . . . .	\$70
O AMOR NA BASE DO C. E. P. — pelo tenente-coronel <i>Alexandre Malheiro</i> . . . . .	\$60
MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA — por <i>Jaime Cortesão</i> . . . . .	1\$50
A FERRO E FOGO — pelo coronel-médico <i>Eduardo Pimenta</i> . . . . .	\$60
TROPA D'ÁFRICA — pelo capitão <i>Carlos Selvagem</i> (2. <sup>a</sup> edição) . . . . .	1\$50
CALVÁRIOS DA FLANDRES — pelo capitão <i>Augusto Casimiro</i> . . . . .	1\$00
A BATALHA DO LYS — pelo general <i>Gomes da Costa</i> . . . . .	1\$50



